

Sylvio Romero

DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

EVOLUÇÃO

DO

Lyrismo Brasileiro



☆ RECIFE ☆

1905

J. B. Edelbrock,
Editor.





SYLVIO ROMÉRO
DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

HERCULANO S. de MIRANDA
Rua da União nº 5
PERNAMBUCO - BRASIL

EVOLUÇÃO

DO

Lyrismo Brasileiro

J. B. EDELBROCK
RUA
MARQUEZ
OLINDA
Nº 4
RECIFE

HERCULANO S. de MIRANDA
Rua da União nº 5
PERNAMBUCO - BRASIL

— RECIFE —

Typ. de J. B. Edelbrock — antiga casa LAEMMERT

4 — RUA MARQUEZ DE OLINDA — 4

1905

[Handwritten signature]
3899



EVOLUÇÃO

BIBLIOTECA DA F. E. C. L. - ASSIS	
Data	23/10/09
Tomco	R763e
	Jul

B869.09
R763e
P.L.B.
#45





As Filhas de

Clovis Bevilacqua,

e Arthur Orlando

Florisia e Doris,

Maria, Olívia e Izabel,

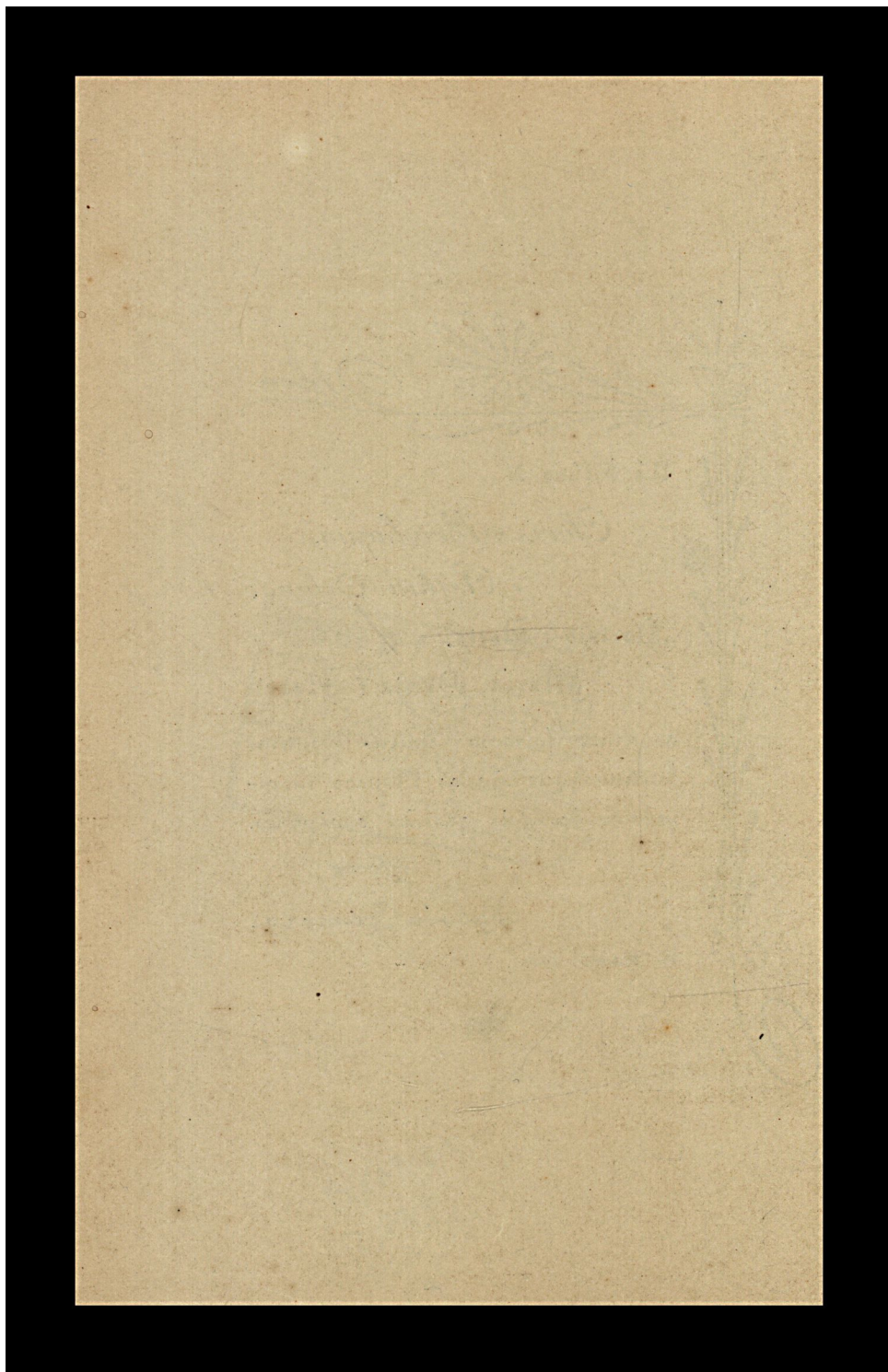
as cinco formosas Graças Pernambucanas que são as Musas inspiradoras dos dois grandes escriptores.

offerece

Sylvia Romero.

Rio, Novembro 1904.





EVOLUÇÃO DO LYRISMO BRASILEIRO

I

Um quadro completo da poesia brasileira, em seu secular desenvolvimento, deveria ser aberto pela apreciação das graças e donaires da musa popular. Alli é que se vão prender as raizes mais profundas da esthesia patria, o que nella é verdadeiramente nacional. Ao povo, com suas tradições, com suas lendas, com suas cantigas improvisadas, com seus infantis contos da lareira, é que pertencem as notas mais intensas, porque são as que saem directamente das esperanças ou dos desalentos da raça. A natureza deste ensaio veda-nos a entrada ampla nesse templo de



nossas phantasias anonymas, que, felizmente, n'outros escriptos já tivemos ensejo de descrever e admirar. (1)

Limitar-nos-hemos agora a poucas palavras. Foi no correr dos dous primeiros seculos da conquista e do povoamento que os colonos e mareantes portuguezes cantaram neste paiz os imaginosos *romances*, as saudosas *xácaras*, as doces *serranilhas*, as magoadas *trovas soltas* de seu abundante cancionero. Ao desbravar dos terrenos, ao derribar das mattas, no duro córte do páo *brasil*, e no preparo dos eitos para o plantío das cannas nas roças, negros e indios escravizados ouviram as primeiras melopéas na lingua de Camões.

No seu trabalho e nas suas festas tambem cantavam elles as toscas canções de seus repertorios selvagens. Entre os colonos houve logo desde o começo bons *linguas* das fallas indigenas e dos dialectos africanos, bem como entre os escravos das duas raças muitos foram prestes assimilando o idioma do vencedor. Nas longas noitadas

(1) Vide *Cantos populares do Brasil*, *Contos Populares do Brasil* e *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*, pelo auctor.

dos engenhos e fazendas nas solidões brasílicas, quando nossas principaes cidades não passavam de insignificantes aldeias e as aldeias e villas não existiam ainda, a ausencia de toda a diversão, o receio das feras e dos assaltos de índios bravos, o medo de possiveis ataques de estrangeiros affeitos, forçariam o aconchego de todos em torno dos chefes e senhores como a regra geral, e, então, comprehende-se com quanta avidéz deveriam ser ouvidas quaesquer notas festivas, cantos ou contos, que viessem acaso quebrar a monotonia e o tedio nos rusticos solares de nossos avoengos. Foi assim que se iniciou e produzio a fusão das trez almas que nos formaram. É por isso que em nossos cantos e contos populares o concurso dos trez povos é irrecusavel na lingua, nos themas, nos mythos, na contextura de todos elles.

É por isso finalmente que na evolução secular de nosso lyrismo, porque toda a nossa poesia é, digamo-lo desde já, essencialmente lyrica, mesmo quando se mette a querer ser épica ou dramatica, nunca faltou certa tendencia popular, campestre, aldeã, especie de revivescencia das origens tradicionaes plebéas, de que elle dimanou.



É a evolução deste lyrismo que nos importa assignalar, caracterizando-o nas fórmas capitaes que tem assumido, qual uma especie de organismo vivo, que passasse á America e nella se desenvolvesse.

II

A poesia no Brasil durante os ultimos decennios do seculo XVI, inicia-se timidamente, porém imitando as fórmas mais notaveis que já havia attingido em Portugal.

O grande poema de Camões era então a verdadeira culminancia nas lettras portuguezas. O esplendido estylo dos *Lusiadas* desprendia brilhos, que chegavam até á America.

Gandavo, o mais antigo historiador dos fastos brasileiros, era amigo particular do incomparavel épico, desde os primordios uma força na evolução do Brasil espiritual.

BENTO TEIXEIRA PINTO adopta a oitava rima, ao gosto camoneano, copia-lhe a maneira, chegando até a citá-lo, no fim d'uma



estrophe. O tom de nosso lyrismo é então certamente acanhado; porém já revela a notável qualidade de descrever a natureza do paiz. A *Prosopopéa* não se esquece de trazer a descripção do porto do Recife. As primeiras manifestações da musa no Brasil dão, pois, testemunho de sua admiração ante os encantos naturaes da terra. Impossivel é tomar-lhe o timbre, o emocionante tom dos primitivos accordes, sem ouvil-a:

E' este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Neptuno a furia esquiva
Entre a praia e a pedra descomposta
O estanhado elemento se deriva
Com tanta mansidão, que uma fateixa
Basta ter á fatal Argos anneixa.

Em meio desta obra alpestre e dura
Uma bocca rompeu o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura
Paranambuco de todos é chamado:
De—*Paraná*—que é mar,—*puca*,—rotura;
Feita com furia deste mar salgado,
Que, sem no derivar, commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua... (1)

(1) Edição de 1873—Rio de Janeiro.

Um trecho da heroica terra pernambucana foi, já se vê, quem mereceu as primicias da musa brasileira. E já desde aqui, repetimos, temos nascida a mais antiga e estimavel qualidade de nossa poesia: a descripção carinhosa da natureza. Era a primeira affirmação do *nacionalismo*, que nunca mais a arte patria havia de abandonar, e, ao contrario, teria de colorir e abrilhantar no decorrer dos seculos, sempre que a poesia tivesse de ser sincera consigo mesma e digna dos superiores destinos de que havia de ser a interprete querida.

Passando á *Bahia*, essa tendencia não se desmentio; e as effusões dos poetas foram apenas como que a repetição rythmada das bellas paginas dos *Dialogos das grandezas do Brasil*, que, sem duvida, corriam por todas as mãos. O estylo é ainda fundamentalmente o mesmo, tendo-se á lyra dos cantores junctado, a mais, certa nota religiosa e, de vez em quando, a severa corda em que, desde então, fallam tambem em nossa alma as cruciantes dôres, as fundas magoas que sóem produzir os magnos problemas do destino humano. É por isso que a poesia em MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA canta as bellezas da *Ilha da Maré* e



em FREI MANOEL DE SANTA MARIA descreve os encantos da *Ilha de Itaparica*, e, no poema *Eustachidos*— a destruição de Jerusalém e os tormentos e horrores do inferno.

O lyrismo nacionalista é então ainda puramente descriptivo e, talvez, menos do que isso, meramente enumerativo. Botelho e Santa Maria limitam-se a enumerar os accidentes geographicos e as bellas e raras fórmas das plantas e animaes das paragens que descrevem.

O tom é ainda em essencia o mesmo de Bento Teixeira; sente-se já certo surto lyrico que havia de ir de mais em mais crescendo, avolumando-se, a ponto de vir a produzir as fórmas do genero mais perfeitas talvez que já foram cantadas em qualquer lingua humana. Disse Botelho de Oliveira, fallando de sua ilha:

E' como a concha tosca e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa.
Erguem-se nella outeiros
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes despresando,
As presumpções do mundo estão mostrando
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.



È passa o poeta, em tom verdadeiramente realista, a enumerar tudo que de raro em peixes, plantas, fructas, se lhe antolha em sua deliciosa mansão, não se esquecendo de os comparar aos de Portugal, dando preferencia aos de sua terra. (1)

Frei Manoel de Santa Maria Itaparica é ainda mais expressivo. A descripção da ilha, de que o frade tomou o nome, é um quadro de genero em que muito, para o tempo, ha a admirar. Não fallando já no que se lê nella, no que concerne ás arvores, fructos e animaes insulanos, enumerados com maior vigor do que os de Botelho na *Ilha da Maré*, basta o quadro da pesca da balêa para dar a esse pedaço da velha poesia brasileira um cunho singularmente notavel:

Monstro do mar, gigante do profundo,
Uma torre nas ondas sossobrada,
Que, parece, em todo ambito rotundo,
Jamais bêsta tão grande foi creada;
Os mares despedaçã furibundo
Co'a barbatana ás vezes levantada;
Cujos membros teterrimos e broncos
Fazem a Thetis dar gemidos roncoss..

(1) Vide—*Florilegio da Poesia Brasileira*, de F. A.Varnhagen, 1850 : 1, pag. 134 e segs.



Tanto que chega o tempo decretado,
Que este peixe do vento Austro é movido,
Estando á vista de terra já chegado,
Cujos signaes Neptuno dá ferido,
Em um porto desta ilha assinalado,
E de todo o precioso prevenido,
Estão umas lanchas leves e veleiras,
Que se fazem com remos mais ligeiras.

Os nautas são ethiopes robustos,
E outros mais do sangue misturado,
Alguns mestiços em a côr adustos,
Cada qual pelo esforço assinalado:
Outro alli vai tambem, que sem ter sustos
Leva o harpão da corda pendurado,
Tambem um, que no officio a Glauco offusca.
E para isto Brasilo se busca...

Impossivel é alongar a citação de tão viva
scena que vae num crescendo realistico até
o final. Precisamos de poupar o espaço.

E, como nosso empenho é sentir apenas
desde já o tom e a côr da poesia nacional
em seus albores para assinalar-lhe as trans-
formações evolutivas, não é inutil lembrar
ao leitor que não deixe despercebidos os
laços que prendem o trovar de Frei Santa
Maria Itaparica ao dos seus predecessores
citados.



Note a tendencia descriptiva por enumeração, o enthusiasmo pela terra, a oitava rima camoneana, o sabor classico do verso, ao lado de certos amaneirados dos seiscentistas, cousas todas estas, que lhe saltarão aos olhos, se os passar por sobre todos os versos das apenas indicadas descripções d'*A Ilha de Itaparica*, d'*A Ilha da Maré* e d'*A Prosopopéa*.

E para que, desde já, fiquem patentes certas distincções de estylo, certo vigor de tintas da novel poesia brasileira, ainda na infancia, na bocca do frade poeta, ouça-se esta estrophe da descripção do *Inferno*:

Ardente serpe de sulfureas chammas
O centro gira deste alvergue umbroso,
São as faiscas horridas escamas,
E o fumo negro dente venenoso.
As lavaredas das volantes flammas
Azas compõem ao monstro tenebroso;
Que quanto queima, despedaça e come,
Isso mesmo alimenta, que consome. (1)

Tomemos nota deste alento da forma e prosigamos.

Florilegio cit. I, pag. 174.



Quem assim, ainda na infancia, já mostra porte tão seguro e ostenta roupagens tão vistosas, com alguns passos adeante, haveria de ser uma celeste creatura envolta em ethereas e roçagantes vestes.

Mas a poesia, como tudo que é humano, é uma filha da terra, por mais que a façamos fugir para o céu de nossos devaneios, para o azulado infinito de nossas aspirações; e, como filha da terra, tem de lutar e soffrer a nosso lado, tem que gemer as nossas dôres e carpir as nossas magoas.

E posto n'estas paginas tenhamos mais que vêr a poesia do que os poetas, a arte como alguma cousa de functional de que os poetas são apenas órgãos occasionaes, não poderemos passar sem reparo o refferer de paixões, odios e coleras de que GREGORIO DE MATOS foi, na epocha que vimos passando, a expressão mais nitida.

Para bem termos a ideia do que era a Bahia na segunda metade do seculo XVII, devemos lembrar já fazer mais de seculo que se havia erigido alli o governo geral do Brasil; ter Portugal já perdido de todo as esperanças na India, e feito convergir seu esforço e interesse exclusivamente para suas conquistas d'America; haverem-se já gran-



demente desenvolvido o commercio, a lavoura e a riqueza. A sociedade, estimulada por governadores gananciosos, por padres e magistrados cobertos de pretensões, sedentos de riquezas, ostentava já muitas das máculas que então carcomiam a velha metropole.

O seculo XVII, apogeu do regio absolutismo, foi no mundo occidental um periodo notavelmente viciado. A capital brasileira, valhacoito de aventureiros de toda a casta, ostentava tantas mazellas quantas Lisbôa.

Quasi sempre, porém, os periodos de violentas paixões são tambem epochas de notavel lavor espiritual.

A Bahia achava-se n'este estado. E basta dizer que raramente algum periodo de nossa historia contou n'um centro qualquer homens como Eusebio de Mattos, seu irmão Gregorio, Antonio Vieira, seu irmão Bernardo, Rocha Pitta, Botelho de Oliveira e trinta outros de quasi equal merecimento.

Não é só: deve-se até affirmar que nunca mais se deu igual phenomeno, porquanto na vida espiritual luso-americana não existem dois Antonios Vieiras e nem dois Gregorios de Mattos. Esta singular e terrivel figura, já por nós duas vezes estudada com esméro, não póde aqui ter mais que uma ra-



pida, porém significativa menção. Foi o genio satyrico mais poderoso de nossa lingua até hoje; foi o retrato de sua epocha, por elle profligada desapiedadamente; é, acima de tudo, um documento por onde se pode reconstruir o quadro dos costumes do tempo. Grandes e pequenos, bispos, governadores, conegos, magistrados, nobres e plebeus, todos soffreram as paucadas de seu latego implacavel.

E tinha graça o iracundo censor. (1) Em meia duzia de versos pintava uma situação comica, digna de soffrer o *fouet* da satyra.

Eis como a musa faceta bahiana já em pleno seculo XVII debicava com as parvoas desaventuras de um *pernostico* cantador de *modinhas*:

Uma grave entoação
Te cantaram, Braz Luiz,
Segundo se conta e diz
Foi *solfa* de fá *bordão*.
Pelo *compasso* da mão
Em que a *valia* se apura;
Parecia *solfa escura*;
Pois a mão nunca parava !...
Nem no ar, nem no chão dava
Sempre em cima da *figura* !...

(1) Vide *Historia da Litteratura Brasileira e Historia do Brasil pela biographia de seus herões*.



A poesia lyrica neste divergente mostra os evidentes signaes que a prendem á de seus contemporaneos.

III

Mas a vida que, ao findar do seculo XVII e nas primeiras decadas do XVIII, já era intensa na Bahia, Recife, S. Luiz e Belém, e para sabel-o é bastante lér as *Cartas* de Antonio Vieira, a *Cultura e Opulencia do Brasil*, de Andreoni, ou a *Historia da America Portuguesa*, de Pitta, não falando já nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, ou na *Historia do Brasil*, de Vicente do Salvador, por serem dois documentos bem mais antigos, a vida social era então tambem intensa no Rio de Janeiro e em S. Paulo, e tinha desde esse tempo irrompido pelos sertões mineiros.

E é por isso que durante a segunda metade do seculo de Voltaire e Rousseau, as cidades das Minas, nomeadamente Villa Rica, são verdadeiros fócios intellectuaes em que a intelligencia colonial faz verdadeiros



prodigios. Os nomes de Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio da Costa, Thomaz Gonzaga, Alvarenga Peixoto são ainda hoje dos mais illustres da poesia brasileira.

Pouco importa o haverem todos elles ido á velha metropole colher as luzes da cultura. Levavam n'alma os bons germens, hauridos na patria, os nobres estimulos que não morrem nunca. Era isto indispensavel para que apurassem alli o ouro de lei da boa linguagem, que deveriam de volta, como millionarios, espalhar entre os patricios.

Se a mãe-patria nos reenviou polidos Gonzaga, Claudio, Basilio, os Alvarengas; nós demos-lhe feito o extraordinario e inexcedivel Vieira, a mais colossal figura de suas lettras depòis de Camões. E' que na Bahia tambem havia um sanctuario da boa e eloquente linguagem e, se os poetas mineiros muito deveram ao Reino para a formação de seu genio, não é menos certo que muito lhes entrou n'alma a grande tradição da eschola bahiana. SANTA RITA DURÃO é como um laço que une as duas escholas, é o traço que liga frei Santa Maria Itaparica a Claudio, aos Alvarengas e a Gonzaga. Nem devemos esquecer ter passado este ultimo a meninice e primeira mocidade em Pernam-



buco e Bahia, circumstancia de grande valor no caso.

O autor do *Caramuru*, assumpto tomado á historia bahiana, é um Santa Maria Itaparica um pouco mais desenvolvido e accentuado.

N'elle como em Basilio, como em Claudio, como em Gonzaga, como nos dois Alvarengas, quer no fluminense (Alvarenga Peixoto), que foi viver em Minas, quer no mineiro, que veio habitar o Rio de Janeiro (Silva Alvarenga), a poesia nacional encontrou algumas de suas notas mais verdadeiras, mais eloquentes, mais profundas, mais originaes.

Ainda hoje quando sentimos saudades da divina mensageira é principalmente n'estes seis grandes mestres mortos que nos imos saciar.

É assim que ouvimos a *ronda* phantastica das tradições chorar as magoas da gentil *Moema*:

E' fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a não na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam,
Entre as ondas com ancia furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam;
E nem tanta agua que fluctúa vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da não franceza
Corre a ver o espectáculo assombrada;
E ignorando a razão da estranha empresa,
Pasma da turba feminil, que nada :
Uma, que as mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á não se apega ao leme.

«Barbaro, a bella diz, tigre e não homem...
Porem o tigre, por cruel que breme,
Acha forças amor, que enfim o domem :
Só a ti não domou, por mais que eu te ame :
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor, com tedio e asco...
Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco!

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano :
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte ?

Tão dura ingratição menos sentira,
E este fado cruel doce me fôra,
Se a meu despcito triumphar não vita
Essa indigna, essa infame, essa traidora ;

Por serva por escrava te seguira,
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguaçu, que sem que creia,
Sobre ser-me inferior é nescia e... feia.

Emfim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente, com que aos meus respondas :
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
Disse vendo-o fugir, ah! não te escondas,
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer mais, cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo ;
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo :
« Ah! Diogo cruel! » Disse com magua,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam ;
E vendo que sem dôr navegam dellas.
Á branca práia com furor tornaram :
Nem pôde o claro Heróe sem pena vel-as,
Com tantas provas que de amor-lhe davam ;
Nem mais lhe lembrá o nome de Moema,
Sem que o amante chore, ou grato gema.



A evolução é patente; a velha poesia brasileira, dos seculos XVI, XVII e XVIII, de Pernambuco e Bahia, os dous grandes centros espirituaes d'onde a vida mental irradiou por todo o norte, e tambem pelo sul do Brasil, passando pelo Rio de Janeiro e S. Paulo, a velha poesia brasileira, quando veio a florescer nos sertões mineiros na segunda metade do seculo passado, não desmentia a sua origem. Vibrava ainda as primitivas cordas da descripção das paizagens americanas; sabia achar accordes para as dôres e esperanças nacionaes e não era muda deante dos problemas humanos. Mas que esplendida floração! que harmonioso desenvolvimento! Não é só a natureza exterior que falla á imaginativa dos poetas; o homem tambem começa a captival-a; as varias raças e classes da população despertam-lhe sympathias. O interior das almas começa a ser perscrutado.

A fórma tem-se enriquecido; a metrica é mais variada, mais flexivel, mais ductil; o estylo tem-se tornado mais firme, mais brilhante, mais cheio de plasticidade. Tudo isto, porque o pensamento é mais amplo, mais consciente, mais profundo. Em BASILIO DA GAMA, em Peixoto, principalmente



em Gonzaga e Claudio, a psychologia dos sentimentos já tem o que estudar e definir.

A alma do branco, do conquistador não é a unica que se julga capaz de nobres acções; a do selvagem é tirada do esquecimento e mostrada a toda a luz. É por isso que ainda hoje a bella e triste *Lindoya* continúa a ser uma das mais encantadoras filhas da phantasia de nossos poetas, um mixto de amor e saudade que brilha na galeria de nossos typos ideaes.

O scenario é digno da heroina e impõe-se á admiração :

Entram emfim na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Corre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancholica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a vêr assim, sobresaltados,

E param cheios de temor ao longe ;
E nem se atrevem a chamal-a e temem
Que disperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitutú, que treme
Do perigo da irman, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpe na testa, e a bocca e os dentes
Deixa cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cypreste e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, com que dôr! no frio rosto
Os signaes do veneno e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos em que amor reinara um dia,
Cheios de morte ; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos échos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na tésta da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte.
E' por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.

Inda conserva o pallido semblante
Um não-sei-que de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

Bellissimo surto poetico, mais lyrico do que épico, posto seja uma folha arrancada a um poema heroico! E' que, desde os tempos de Basilio, nossa indole de meridionaes e mestiços ia mais e mais seleccionando como a fórmula esthetica, que melhor nos quadra, o lyrismo. E, d'então até hoje, os maiores lyricos, da lingua nos pertencem.

Como entre todos os povos jovens, ou em via de formação, o lyrismo brasileiro é quasi sempre meramente descriptivo, por vezes contemplativo, e quasi nunca se eleva á pintura de situações caracteristicas da vida, d'alma humana nos dolorosos transes da existencia. Assim como a evolução suprema do drama, da comedia e do romance é a pintura completa, por vezes terrivel, dos caracteres, creando os typos immortaes da vasta galeria das paixões, tambem o desenvolvimento completo da lyrica é o desenho exacto das situações do espirito.

Não basta descrever a paizagem, ou exhalar, a admirações ou queixumes deante dos phenomenos humanos; é preciso ir até aos



recessos do coração e de lá trazer a photographia exacta das crises d'alma individual ou collectiva.

Ê por isso que o *Sino*, de Schiller, o *Cantor*, de Goethe, a *Filha da Albergueira*, de Uhland, são typos magistraes do eterno lyrismo de todos os tempos.

Na escola mineira não tinha a musa nacional chegado plenamente áquelle apuro; mas ainda assim já se nos antolham alli profundas expressões d'uma poesia exemplar.

Pelos labios de CLAUDIO DA COSTA eis como o genero dedilha as cordas do coração:

Não se passa, meu bem, na noite e dia
Uma hora só que a misera lembrança
Te não tenho presente na mudança
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,
Com que mais me atormenta e mais me cansa...
Pois, se tão longe estou de uma esperança,
Que allivio póde dar-me esta porfia?

Tyranno foi commigo o fado ingrato
Que crendo, em te roubar, pouca victoria,
Me deixou para sempre o teu retrato...

Eu me alegrara da passada gloria,
Se, quando me faltou teu doce trato,
Me faltara tambem delle a memoria

Em muitas outras notas, como esta, pela bocca do immaculado *inconfidente*, a alma dolorida da poesia brasileira exhalou-se repetidas vezes. A evolução se accentuava cada vez mais; não era só o velho Claudio que sentia o *est Deus in nobis*; outros recebiam eguaes favores, e as *lacrimae rerum* eram choradas por outros olhos.

O genio altivo de ALVARENGA PEIXOTO tinha ás vezes palavras destas:

Não cedas, coração; pois nesta empresa
O brio só domina; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Já não podes amar sem vil baixeza.

Rompa-se o forte laço, que é fraqueza
Ceder a amor, o brio deslustrando;
Vença-te o brio, pelo amor cortando,
Que é honra, que é valor, que é fortaleza.

Foge de vêr Alléa; mas se a vires
Por que não venhas, outra vez a amal-a,
Apaga o fogo, assim que a presentires.

E se inda assim o teu valor se abala,
Não lh'o mostres no rosto; oh! não suspires!
Calado geme, soffre, morre, estala!

Mas onde este outro *inconfidente* foi verdadeiramente admiravel, pela intuição nitida de nossa situação em fins do seculo XVIII,

foi no afamado *Canto Genethliaco*, dirigido ao filho de D. Rodrigo de Menezes, governador de Minas, nascido no Brasil. Alli, como já uma vez dissemos, comprehendeu elle a posição ethnica dos brasileiros e vio claro o nosso futuro, tendo, demais, um brado de alento para os miseros escravos. O *Canto Genethliaco* é uma como revelação; n'elle está o poeta com todos os seus enthusiasmos e todas as suas esperanças. Contrapõe a Portugal o Brasil rude, é certo, mas rico e cheio de porvir; n'aquelles versos o sentimento é real, o espirito brasileiro os alenta, affirmando nossas prerogativas. Que firmeza de tons, que lyrismo espontaneo nas largas fórmulas d'estas estrophes!... Ouçam:

Esses partidos morros escavados,
Que enchem de horror a vista delicada,
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negam a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas cores ;

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços de seu patrio berço!

O pastor louro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos a meu verso,
Para mostrar de nosso heróe na bocca
Como em grandezas tanto horror se troca.

Aquellas serras, na apparencia feias,
Dirás, por certo, oh! quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A força das potencias magestosas;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata, ouro e pedras preciosas;
Aquellas brutas, escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitad. os
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corynthios palacios levantados,
Dos ricos templos jonicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos destes sertões, feios e escuros.

A c'roa d'ouro, que na festa brilha,
E o sceptro que empunha na mão justa,
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
E Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada!...



Esses homens, de varios accidentes,
Pardos, pretos, tinctos e tostados,
São os escravos duros e valentes.
Aos penosos serviços costumados :
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

Houve, no seculo XIX, um momento em que a poesia se tornou tribunicia, vestio a blusa do operariado e verberou os abusos dos reis, estygmatisou os soffrimentos do povo tecendo hymnos ás esperanças das desprotegidas classes sociaes.

Não haverá uma illusão da critica, se ella notar nas bellas oitavas que acabam de ser ouvidas alguma cousa que é um presentimento de tão expressivos ardores humanos e patrioticos. Podemos avançar ser isso a verdade ; e bem claro se terá visto como se foi encordoando a lyra de nossa poesia. A' corda da descripção naturalista, junctou-se a religiosa é mais a satyrica e mais a pessoal e subjectiva e mais a patriotica e humanitaria. Temos já a gamma completa, faltando ainda, por certo, a dexteridade quasi perfeita da execução e a originalidade e profundeza quasi inexcediveis dos tons.



É o que só ha de vir com o tempo, a pouco e pouco, em o decorrer do seculo que vai das *Lyras* de um T. ANTONIO GONZAGA (1792) aos *Broqueis* de um Cruz e Souza (1893).

O desditoso amante de *Marília*, o magoado *Dirceu*, ainda estava no Brasil, d'onde sahio degredado para as Pedras de Angoche, em Africa, em fins de Septembro de 1793, quando em Lisboa apparecia a primeira edição das *Lyras*, no anno anterior.

Apezar da gloria que o celebrizou desde logo, não deixou de ser condemnado, como envolvido na *Inconfidencia mineira*, e de amargar os dias em Africa até 1809.

Neste inconfidente a poesia affirmou-se como alguma cousa de souroso e cantante que cahia na alma emocionada do povo. Depois dos *Lusiadas* de Camões nenhum livro tem sido mais amado por nós do que a *Marília de Dirceu*. E com razão. É que alli estão muitas das notas mais sinceramente sentidas que já uma vez foram moduladas em lingua portugueza.

O lyrismo pessoal e intimo, sé não chega ás maiores profundezas do genero, é doce e acariciante, cheio de donaires e finezas, e, sobretudo, ternamente magoado. Eis como



a lyra então falla a linguagem selecta dos apaixonados:

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros
Toucar-te de papoulas na floresta;
Julgou o justo céu que não convinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah! minha bella, se a fortuna volta,
Se o bem que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces,
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no céu a Jove e a ti na terra...

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas e com cêstos os peixinhos;
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos;
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio—honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira;
Entre as falsas historias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira;
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,
Ainda o rosto banharei de pranto...

A poesia em Gonzaga teve, além de suas
vissimas notas lyricas, de character pessoal e



psychologico, bellos surtos descriptivos e realistas da natureza e da sociedade.

Nos versos citados, como em todos os da *Marilia*, ha um caracteristico tom de affago, de brandura, de meiguice, sem affectação, sempre real, verdadeiro, capaz, só por si, de dar a medida do caminho percorrido pelo espirito brasileiro, no terreno da arte, durante trez seculos.

IV

A passagem de Gonzaga para SILVA ALVARENGA é naturalissima. Um teve sua *Marilia* e outro a sua *Glaura*; ambos poetas lyricos, e ambos amantes apaixonados; ambos contemporaneos e amigos. Silva Alvarenga serve para plenamente mostrar a transição da poesia mineira para o Rio de Janeiro e do seculo XVIII para o XIX. O poeta veio fixar-se, depois de formado, na capital da colonia, onde dedicou-se á advocacia e ao magisterio, e onde falleceu em 1814. Ainda aqui, na éra de 1863, conhecemos alguns velhos que tiham sido dis-



cipulos do notabilissimo cantor de *Glaura*. O livro de madrigaes e rondós d'esse extraordinario poeta, que consideramos o maior dos tempos coloniaes, appareceu em 1801. Abrio-se assim brilhantemente na poesia o seculo XIX no Brasil. O livro de *Glaura*, como forma e brilhantismo de estylo, é superior ao de *Marilia*. A poesia foi diferente nos dous cultores; em Silva Alvarenga, *mestiço* em regra, ella foi acima de tudo a arte da palavra, da fórma sonora, do rythmo musical. Temperamento meridional, amigo dos tropos cadenciados, deliciava-se nas cambiantes dos sons, no susurro, das rimas. As delicadezas da arte chegavam a este poeta principalmente pelo ouvido; a natureza era para elle um marulho languido, perdendo-se longe, bem longe, no infinito.

Gonzaga era o poeta das imagens exteriores, das fórmas opulentas, dos quadros deslumbrantes: a poesia vinha-lhe principalmente pela vista. Em Alvarenga ha sempre os gemidos, os marulhos da lympha, os susurros das folhas e das brisas, os sons da lyra, o canto das aves; em Gonzaga vêm as flores, os mares, as nuvens, as estrellas, as auras, e tudo isto ainda é pouco para for-



necer as côres com que o poeta possa retratar a sua amada.

Ha, por outro lado, na poesia de Silva Alvarenga mais talvez do que na de Gonzaga, pronunciado brasileirismo, e é um brasileirismo não consistente em descrições, como já o tinham feito outros, do homem americano, o selvagem, o caboclo; sim um brasileirismo, que se prazia, como o primitivo, em apreciar o torrão patrio.

D'ahi a côr natural de seus quadros, que se passam de ordinarios entre as mangueiras, os cajueiros, os coqueiros, os passaros, os beija-flores, nas bellas tardes americanas aos reflexos rutilantes do sol tropical.

E esses quadros naturaes servem apenas de moldura a uma poesia subjectiva, intima, pessoal, auto-psychologica, qual a que teriamos de vêr entre as gerações de românticos, quer europêos, quer brasileiros, a datar de 1820 a 1870.

Ouçamos-lhe algumas notas para bem sabermos em que altura nos achamos e nortearmos bem a nossa róta. Eis uma:

Se eu conseguisse um dia ser mudado
Em verde beija-flôr, oh que ventura!
Desprezara a ternura
Das bellas flôres no risonho prado.



Alegre e namorado,
Me verias, oh Glaura, em novos giros,
Exhalar mil suspiros;
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

É bello isto: mas eis o que talvez seja
mais bello:

Não desprezes, oh Glaura, entre estas flores,
Com que os prados matiza a bella Flora,
O jambo que os amores
Colherão ao surgir a branca aurora,
A dryade suspira, geme e chora
Afflicta e desgraçada.

Ella foi despojada... os ais lhe escuto...
Verás neste tributo,
Que por sorte feliz nasceu primeiro,
Ou fructo que roubou da rosa o cheiro,
Ou rosa transformada em doce fructo.

Alvarenga Peixoto, a datar de 1777, anno
em que se fixou no Rio de Janeiro, natu-
ralmente se constituiu o centro em torno ao
qual se haviam de mover os espiritos in-
telligentes, que abrilhantaram a velha capi-
tal dos vice-reis durante as duas ultimas
decadas do seculo passado e as duas pri-
meiras do seculo prestes a findar. Sousa
Caldas, S. Carlos, Sampaio, Rodovalho, Ma-



riano J. Pereira da Fonseca, Januario da Cunha Barbosa, monsenhor Pizarro e Araujo, padre Luiz Gonçaves dos Santos, monsenhor Netto padre José Mauricio e o proprio Mont'Alverne, que já tinha trinta annos quando Alvarenga falleceu, são desse numero. A poesia n'esse meio, a que se vieram junctar pouco mais tarde Villela Barbosa e Bonifacio de Andrade era certamente a velha poesia da phase classica, a delicada filha do Renascimento, a dilecta disciplina do humanismo, porém rejuvenescida ao sol d'America. A quem sabe ler com amor e sentir com abundancia d'alma a poesia em algumas paginas escolhidas de Claudio, de Peixoto, de Gonzaga, de Silva Alvarenga, de Durão, de Basilio da Gama, de Sousa Caldas e ás quaes não fôra talvez exaggerado junctar umas poucas de Natividade Saldanha e do vigario Ferreira Barretto, de Pernambuco, n'esse tempo e de frei Bastos Baraúna da Bahia na mesma epocha, e de Tenreiro Aranha, no Pará, em igual periodo, a quem, sabe lêr com amor e sentir com abundancia d'alma a poesia em algumas paginas selectas d'estes escriptores mostra já todas as intuições capitaes que vieram a ser pelos romanticos transformadas em systemas com tendencias



exclusivistas e dadas por novidades originaes de sua doutrina. A quem só sabe enxergar na litteratura brasileira e na das Americas em geral méras copias das lettras européas, de forma a não ser cada periodo novo o desenvolvimento natural do antecedente, e sim apenas a cópia servil d'alguma phase correlativa do pensamento d'além Atlantico, a evolução de nossa poesia, como a de qualquer outra manifestação de nossa energia espiritual, torna-se um enigma insolúvel. Mas este systema deprimente é absolutamente absurdo e não tem o apoio dos factos. As quatro ou cinco ou, se quizerem, seis notas capitaes do romantismo brasileiro não são mais do que o desenvolvimento natural e evolutivo de intuições já existentes no seio do velho lyrismo dos nossos classicos. Vejamos essas cinco ou seis notas tonicas e indiquemos a evolução. O nosso romantismo, logo no seu primeiro momento, mostrou trez colorações principaes, que se transformaram em trez systemas, em trez escholas: tendencia *religiosa* ou *crente*, tendencia *indiana* ou *americanista*, tendencia *campestre* ou *costumeira*; a primeira predominou em Magalhães, principalmente nos seus *Suspiros Poeticos* e



Saudades, nos seus *Mysterios e Cantos Funebres*; a segunda em Gonçalves Dias, em alguns de seus *Cantos* e nos *Tymbiras*; a terceira em Porto Alegre em varias de suas *Brasiliadas*.

Ora, quem desconhecerá a origem da primeira na velha intuição religiosa, já tão vibrante em Euzebio de Mattos, em Santa Maria Itaparica, o cantor de *Santo Eustachio*, e chegada ao apogêo em Sousa Caldas, nas suas poesias originaes, além da bella traducção dos *Psalmos*, e em frei S. Carlos, no poema á *Assumpção da Virgem*?

Para que desprezar as influencias naturaes de casa e sonhar apenas com estímulos estranhos?

Não é só: a intuição *indianista, americana, indigena*, ou como lhe queiram chamar, que teve em Gonçalves Dias apenas sua especial perfeição, vinha ininterruptamente de Basilio da Gama, de Santa Rita Durão e dos poetas menores que lhes succederam até os tempos do primeiro reinado e da regencia, bastando citar, entre outros exemplos, a famosa nenia *Nictheroy*, de Firmino Rodrigues Silva. A terceira, conjunctamente ou na sua dupla face descriptiva das scenas da *natureza* e descri-



ptiva dos *costumes populares*, nomeadamente os costumes pittorescos dos camponios, dos aldeões e das classes plebéas, ou separadamente numa ou noutra destas duas tendencias, é nossa velha conhecida em paginas de Botelho de Oliveira, de Santa Maria Itaparica, de Claudio, de Silva Alvarenga, de Alvarenga Peixoto, de Gonzaga e até de S. Carlos e, em sentido muito geral, do proprio Bento Teixeira Pinto. Ainda mais: o romantismo, em sua segunda phase, quando entrou a gemer e a lamuriar, em uma palavra, quando arvorou a *melancholia* em deusa predominante da poesia, não tem grande penetração historica, falta-lhe o senso da intuição dos tempos, se, principalmente em Silva Alvarenga, Thomaz Gonsaga e sobretudo em Claudio, não se lhe depararem paginas, que poderiam ser assignadas pelos seus mais lamartinianos ou byronianos poetas. E ainda mais: a nota *patriotica* e a *social*, que vieram, na eschola condoreira, a fechar a epocha romantica, andam, em ambas as suas manifestações, esparsas em toda a velha poesia classica, bastando lembrar, de Silva Alvarenga, o mestiço genial, as odes: a *Affonso de Albuquerque*, *A Mocidade Portuguesa* e o



poemeto *As Artes*, e d'outro mestiço de grande talento os hymnos que dedicou a cada um dos heróes da guerra hollandeza, o pernambucano Natividade Saldanha.

Dest'arte comprehende-se o andar normal dos factos e a poesia, bem como a arte e a litteratura em geral, perde aquelle character forasteiro e adventicio, para assumir as feições de uma funcção que se desenvolve por selecção natural, por hereditariedade e adaptação a novos meios. Não é isto desconhecer a acção da influencia européa, nem amesquinhar o valor do romantismo e dos systemas que o substituiram.

Bem ao contrario. A vida espiritual no Brasil começou por importação do Velho Mundo; mas esta implantação não se fez apenas a datar do romantismo. Tinha-se feito trez seculos antes, de fórma que, ao iniciar-se a romantica, já encontrou entre nós todos aquelles germens de que ella propria teria de brotar nas terras transatlanticas, e, assim veio a ser, antes e acima de tudo, um broto espontaneo de antigos troncos, além de ser tambem estimulada pelas influencias européas.

Por outros termos: nossa terra é, ha trez seculos a esta parte, uma partcipe da cultura



occidental, onde, portanto, estão depositadas todas as forças e energias que a constituem. A evolução vai-se, pois, fazendo aqui e além com os mesmos elementos e sob identicos principios. Póde a Europa ir' adiante em certos assumptos; porém n'outros não é de extranhar que lhe tomem o passo a America ou a Australia, ou até a Africa e a propria Asia, quando tambem estas acabaram por se constituir em nações de typo europeu. É o destino do mundo e elle se ha de cumprir.



Mas apreciemos a evolução do romantismo, indicando as transformações da poesia. (1)

Não é este o lugar mais proprio para ainda uma vez discutir a indole e a natureza da famosa evolução litteraria e artistica, que

(1) Sobre o significado da revolução romantica e analyse das diversas theorias que têm apparecido a esse respeito, veja-se *Historia da Litteratura Brasileira*, livro IV, capitulo I, pag. 683 a 691. Sobre as relações do nosso romantismo com a litteratura colonial, vejam-se *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea*, pag. 300.

sob o nome de romantismo, encheu quasi toda a vida espiritual do seculo XIX.

Indicadas as phases principaes que atravessou em nosso paiz, como se lê nas linhas acima e mais indevidualmente no quadro synoptico deixado paginas atraz, lembrados o como e o porque se prendem todas as suas escholae a germens existentes na litteratura colonial, resta-nos caracterizar os seus principaes representantes. Taes characteristics não podem deixar de ser traços rapidissimos, as mais das vezes simples notações, apenas esboçadas.

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811 — 1882), pelo que diz respeito á fórma, ao estylo, ás roupagens da poesia, por certo nada adeantou aos escriptores das ultimas decadas do seculo passado. Ha inquestionavelmente mais mimos de fórma, mais bellezas naturaes e espontaneas nos versos de Gonzaga e Claudio e de Silva Alvarenga do que nos do auctor dos *Suspiros Poeticos*.

A esthetica de Magalhães, leva, porém, vantagem aos seus predecessores na variedade, grandeza e solennidade dos assumptos. Vê-se bem que o poeta, tendo feito viagem ao velho mundo e estudado a litte-



ratura européa, deixou-se impressionar por grandes factos e grandes scenas do antigo mundo. Sem espirito reflexivo procurou conscientemente agir na reforma da poesia, na criação do theatro e no estudo da philosophia entre nós.

Tal o intuito dos *Suspiros Poeticos*, de *Antonio José ou o poeta e a Inquisição* e dos *Factos do Espirito Humano*.

Se a poesia em Magalhães não possui a graciosidade, a delicadeza de tons, os mil segredos acariciantes da fórma; se não nos dá em notas inolvidaveis nem a paizagem, nem o viver intimo das almas, não importa isto negar-lhe certo vigor nos bons momentos. Eis como a musa n'elle falla de Napoleão, perdido na sua ultima batalha:

Sim, aqui estava o genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos d'aguia!
O infernal retintim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibillo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões; e, nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam..

A lyrica, em um poeta como o auctor dos *Suspiros*, de *Urania* e dos *Cantos Funebres*, tem sempre certa envergadura philosophica, expressão de um espirito pensador. O amor n'uma alma dessas é uma especie de emanação das forças eternas que regem o universo. A sua amada desce-lhe do seio do infinito:

Alto saber proclama a Natureza,
Proclama alto poder
D'aquella Eterna Fonte de belleza
Que brilha em todo ser.

E quanto a vasta immensidade encerra
O louva sem cessar ;
O dia, a noite, o céo, o mar, a terra
O hão de sempre amar.

E por tudo que eu via o adorava,
Que Elle tudo criou ;
Mas, por mais um prodigio eu esperava :
E um Anjo a mim baixou.

Um Anjo pareceu-me que descia
Da célica mansão,
Tanto seu divo aspecto me infundia
Amor e devoção.

Nunca tão pulchra, em todo o firmamento,
Estrella reluzio ;
Nunca tão bella, sobre o salso argento,
Aurora resurgio !



Nunca em visão poetica arroubado
Delicia igual senti,
Como nesse momento afortunado,
Em que seu rosto vi.

Absorto vi seu rosto peregrino,
E o seu rosto era o teu!
Sim, era o teu! E que outro mais divino
Me mostraria o céu?...

Vê-se, em todo caso, que as boas tradições do seculo anterior foram conservadas em Magalhães nos felizes momentos.

Em MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE (1806—1879) o mesmo se deu, isto é, teve pulso bastante para não desmentir a lei da evolução.

O lyrismo n'elle, se não é um progresso sobre o da eschola mineira, não mostra signaes de retrocesso; se não ostenta mui pronunciados mimos, delicadezas, doçuras de fórma, em compensação está cheio de grandes quadros, bellas pinturas da natureza que dão claros signaes de sua alma energica e vigorosa.

Nas *Brasilianas* não existem amostras de poesia pessoal, intima, psychologica; tudo são scenas do mundo exterior ou da historia da humanidade. Se Magalhães póde



ser considerado uma especie de precursor entre nós da poesia scientifica, Porto-Alegre é um antecipador da poesia historica, a poesia que se praz na apreciação dos varios cyclos das luctas da civilização. Neste sentido é caracteristico o poemeto escripto em 1835, o *Canto sobre as ruinas de Cumas*, denominado *A Voz da natureza*. É alguma cousa que lembra os pequenos poemas da *Lenda dos Seculos* de V. Hugo, mas muito anterior. A musa falla pela voz do *Horizonte*, do *Circeum*, de *Gaeta*, do *Oceano*, de *Tuberão*, de uma *Columna Dorica*, de um *Rouxinol*, de *Pontia*, de *Pandataria*, do *Amphitheatro*, de *Pithecusa*, de *Rochoya*, de *Caprea*, do *Visuvio*, etc. É como o entoar de um côro immenso em que cantam as dôres e as saudades de todos. Diz uma das vozes:

Toca a hora : silencio ! A hora sôa
Em que o globo inflammado,
Que o dia á terra mostra,
Do ethereo oceano ao fundo rola,
E das celestes vagas já levanta
As gotas luminosas que borrifam
O vasto firmamento.
Salve, estrellante noite,
Que do Berço da aurora resurgindo
De um manto adamantino te apavonas



Nas ceruleas campinas !
Vagai na immensidade, ardentes cirios,
Que só a immensidade ora me encanta,
Mesquinha á mente a terra me parece.
Mysticos sonhos, célica harmonia,
Adejai vossas azas,
Resoai no infinito ;
Sombras de amor, passai, passai ligeiras,
Dançai e repeti em muda lingua
O nome que idolatro.

A poesia em Porto Alegre tem duas notas capitaes: uma lhe era ministrada por certa intuição pantheista que transuda de toda essa bella symphonia *A Vos da Natureza*, e tambem se evola de muitas das melhores paginas do *Colombo*; a outra era originada de scenas da paizagem brasileira. Deste ultimo cunho são a *Destruição das Florestas*, o *Corcovado*, o *Harpoador*. No seu *brasileirismo* entrou mais, muito mais o sólo, a terra, do que o homem. Este raramente appareceu, e o poeta, por isto, é ainda um genuino continuador da poesia classica do seculo antecedente. Mas, em sentido geral, elle é o precursor, si não o fundador, da eschola sertanista e campesina de nossa poesia, porque della teve o presentimento, sem que a levasse plenamente a effeito.



Tinha de caber a ANTONIO GONÇALVES DIAS (1823 — 1864) a função de preencher as lacunas dos dous mestres anteriores do romantismo. Neste extraordinario mestiço todas as cordas da lyra vibraram unisonas. Fundo e fórma, a natureza e o homem, vida civilizada e vida selvagem, scenas das cidades e scenas da roça, tudo, tudo se apurou e refulgio, passando pela voz desse vate insigne.

Tem-se dicto que elle foi pura e simplesmente o cantor dos selvagens, o poeta dos *indios*. É certo que o que se veio a chamar o *indianismo* fôra, em tempo, o momento capital de seu poetar, ou, pelo menos, foi por essa face que elle mais impressionou os contemporaneos. Mas a verdade é que sua palleta era muito mais variada em tintas; o simples *indianismo* era por si só incapaz de explicar um caracter tão complexo, como foi o poeta d'*O Gigante de Pedra*, o dramatasta de *Leonor de Mendonça*. Este sim, fez avançar e muito a herança recebida dos proto-romanticos da eschola mineira. Apreciemos a poesia nelle em rapida silhouete.

O autor de *Marabá*, da *Mãe d'agua*, do *Leito de folhas verdes*, do *Gigante de*

Pedra, do *Y Juca-Pirama*, dos *Tymbiras*, que é também o auctor das *Sextilhas de Frei Antão*, isto é, o auctor do que existe de mais nacional e do que ha de mais portuguez em nossa litteratura, já o temos dicto mais de uma vez, é um dos mais nitidos exemplares do povo, do genuíno povo brasileiro. É o typo do mestiço physico e moral, encarnação completa do character patrio. Gonçalves Dias era filho de portuguez e mameluca, o que vale dizer que descendia das trez raças que constituíram a população nacional e representava-lhes as principaes tendencias. Aos africanos deveu aquella expansibilidade de que era dotado, aquella ponta de alegria que não o deixou jámais e que especialmente se nota em suas cartas. Aos indios, as melancholias subitas, a resignação, a passividade com que supportava os factos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor delles. Aos portuguezes, o bom senso, a nitidez e clareza das idéas, a religiosidade que nunca o abandonou, a energia da vontade, as precauções phantásticas, um certo idealismo indefinido, impalpavel. Junctae a tudo isto fortes impressões de luz e de côres, de vida e de movimento, fornecidas pela natureza tropi-



cal, que se expande pela região em fóra que vai de Caxias a S. Luiz; junctae ainda as scenas maritimas da primeira viagem a Portugal; não esqueçais os quadros da natureza e da vida provinciana no velho reino, e nem tão pouco os panoramas indescriptiveis do Rio de Janeiro e região circumvizinha; trouxe a esse concurso de factos e circumstancias as leituras dos poetas antigos e modernos, o estudo das chronicas coloniaes, e tereis os elementos predominantes e constitutivos do talento artistico desse valente e mimoso lyrista.

Os chefes do romantismo portuguez, nos ultimos annos (1843—1845) passados pelo escriptor maranhense em Coimbra, já tinham publicado suas obras principaes, e a evolução da poesia entre os epigonos, havia atingido a phase do sentimentalismo affectado e esterilizante.

O nosso poeta, já de si bastante melancolico, aprendeu aquella maneira e deixou-se eivar da molestia geral. O sentimentalismo é, dest'arte, uma das notas mais intensas do seu trovar; mas é preciso ser surdo para não ouvir que um intenso naturalismo americano, um certo mysticismo religioso, o calor e a effusão lyricas junctam ás notas



monotonas daquelle sentimentalismo as volatas e fanfarras d'uma poesia variada, ampla, serena, meiga, embriagadora. A volta do poeta para o Brasil, sua nova estada no Maranhão, sua subsequente partida para o Rio de Janeiro entram como factores na formação de seu talento.

Sob a acção de tão variados estímulos, é claro que o poeta não podia ficar no circulo estreito do *melancholismo* e nem tão pouco em o ambito apertado do *indianismo*. A verdade é que esse illustre lyrico, sem planos preconcebidos, espontaneamente, sem impulsos doutrinaarios, só pela força nativa de sua intelligencia, seleccionada pelas circumstancias, deixou-se influenciar pela vida dos selvagens, como em *Y Juca Pirama* e dez outras composições; pelas tradições portuguezas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça*; pelos soffrimentos dos escravos pretos, como na *Escrava* e na *Meditação*; pelos sentimentos e phantasias dos mestiços, como em *Marabá*. E todas estas notas não exgottam ainda a complexidade do sentir do poeta.

É mister junctar-lhes a poesia pessoal e subjectiva e a poesia exterior e paizagista.



Em summa: a musa sagrou neste homem um poeta e poeta lyrico. Deu-lhe a vibratilidade das sensações, a ideação prompta e mobil, a linguagem fluida, sonora e cadente, o espirito sonhador e contemplativo, a imaginação sempre prompta a desferir o vôo.

Não era da raça dos que confundem a poesia com a eloquencia, a musica d'alma com os sons de um instrumento. Tal o poeta; e no poeta o lyrista distinguia-se pela justeza do sentimento, a doçura das imagens, a delicadeza das tinctas, a facilidade das idéas, a espontaneidade da fórmula, o vôo sereno de todas as forças espirituaes.

É por isso que muitas de suas produções são bellissimas poesias e das mais encantadoras da lingua portugueza.

Eis aqui alguma cousa que póde bem claro mostrar a distancia percorrida pela lyrica nacional em trez seculos; comparem-se estas estrophes cantantes, aladas, levissimas, esta musica de palavras que deslisam fulgidas e macias, com as oitavas de Bento Teixeira, ou de Santa Maria Itaparica, ou de Santa Rita Durão; comparem-n'as com as estrophes de Gregorio de Mattos, ou de Botelho de Oliveira, e até de Claudio, de Gonzaga e de Alvarenga Peixoto:



Eu vivo sósinha; ninguém me procura.
Acaso feita
Não sou de Tupá?
Se algum d'entre os homens de mim não se esconde
— Tu és, me responde,
— Tu és, Marabá!

Meus olhos são garços, são cor das saphiras,
Teem luz das estrellas, teem meigo brilhar;
Imitam as nuvens de um céu anilado,
As côres imitam das vagas do mar.

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
Teus olhos são garços,
Responde anojado: — mas és Marabá:
— Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
— Uns olhos fulgentes.
— Bem pretos, retintos, não côr de anajá!

E' alvo o meu rosto, da alvura dos lyrios,
Da côr das arêas batidas do mar;
As aves mais brancas, as conchas mais puras
Não teem mais alvura, não tem mais brilhar.

Se ainda me escuta meus agros delirios:
— E's alva de lyrios
Sorrindo responde: — mas és Marabá:
— Quero antes um rosto de jambo corado,
— Um rosto crestado,
— Do sol do deserto, não flôr de cajá!



Meu, collo de neve se curva engraçado
Como hastea pendente de cactos em flôr;
Mimosa, indolente, resvalo no prado,
Como um soluçado suspiro de amor!...

É inutil proseguir. Certo está evidente: com este poeta o romantismo já está de posse de suas principaes armas. A evolução vai continuar, mostrando outras faces dos factos e das idéas: porém raro excederá a poesia dos *Cantos*, como fórma e como fundo. Depois do triumvirato inicial da phase romantica, podemos passar em silencio a acção dos epigonos, que se acercaram delles: *Teixeira e Sousa*, *Norberto Silva*, *Dutra e Mello*, *Francisco Octaviano*, *João Cardoso de Menezes e Sousa*, *Joaquim José Teixeira*, *Manoel Pessoa da Silva*, *Torres Bandeira*, *padre Correia de Almeida*, *Felix Martins*, *José Maria Velho da Silva* e outros. Nada influiram na evolução da poesia entre nós.

Seria possivel abrir uma excepção para *Francisco Octaviano*, se a politica não o tivesse feito abandonar de todo a arte, confinando-o no terreno safaro do jornalismo partidario e da eloquencia parlamentar. Em todo caso, é justo dar-lhe um distincto logar na poesia nacional, por algumas pro-



duções originaes e principalmente por suas bellas traducções de poetas inglezes e alle-mães. Menção distincta mereceria tambem Dutra e Mello.

A elle e a outros de seus contemporaneos já fizemos justiça na *Historia da Litteratura Brasileira*. A indole desta memoria obriga-nos a insistir apenas nos chefes de fila, os abridores de caminho, guias de grupos.

VI

Entre o triumvirato da primeira phase do romantismo e o triumvirato mussetista e byroniano de sua segunda phase, temos de abrir espaço para quatro poetas dos mais notaveis do Brazil, que não podem ser chamados meros discipulos dos primeiros nem dos segundos. São: Moniz Barreto, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral e Laurindo Rabello.

Os dous primeiros eram mais velhos que Porto Alegre, o mais antigo da trindade inicial do romantismo; o terceiro era da idade de Magalhães, e o quarto era ante-



rior um pouco a Gonçalves Dias, o mais moço do grupo. Não é, porém, por este motivo que são collocados á parte; é que seu trovar foi devéras divergente. FRANCISCO MONIZ BARRETO (1804—1868) foi educado na velha poesia classica ao gosto e geito de muitos outros poetas do começo do seculo XIX. Não foi propriamente um lyrico; não tinha nem imaginação nem sentimento para isto. O que lhe garante um logar na historia litteraria é o seu raro e verdadeiramente phenomenal talento de repentista. Eis uma amostra:

Vêr... e do que se vê logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente,
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai magoado;

Aquillo que não foi inda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar continuamente,
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais quão mais se prive,
Calmar o ardor que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que elle se active;

O que isto é, a todos nós occorre:
— Isto é amor, e deste amor se vive;
Isto é amor, e deste amor se morre...



Bellissimo soneto e admiravel como repente. D'estes o poeta improvisou centenaes.

A poesia em ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO (1804—1868) foi particularmente notavel pelo brilho das imagens, o colorido da phrase. O poeta habitou Pariz de 1822 a 1829, concluindo alli os estudos preparatorios e formando-se em medicina. Assistio, portanto, acolá ás grandes luctas do romantismo, sob a direcção de Victor Hugo, Lamartine, Sainte Beuve, Vigny e consocios. Em 1830 já se achava de volta no Brasil, sendo deputado e ministro no periodo regencial. Um homem d'estes, mais velho que Magalhães, conhecedor da vida parisiense treze annos antes d'elle, espirito muito mais vivace, testemunha directa das mutações litterarias operadas em França durante o terceiro decennio deste seculo, não tinha a esperar que o poeta fluminense, espirito muito mais tardo, classico emperrado ainda em 1832 nas *Poesias Avulsas*, fosse á Europa e nos enviasse de lá os *Suspiros Poeticos* em 1836, para comprehender e seguir a nova eschola. Cremos que os primeiros versos romanticos escriptos por brasileiros foram de Maciel Monteiro.



Cada citação, rápida que seja, que vamos fazendo, é pura e simplesmente para mostrar as fórmulas diversas que a poesia vai assumindo e assim surpreender em flagrante os passos da evolução. Em Maciel Monteiro a arte da poesia reveste uma lucidez, uma transparência de roupagens, como raras vezes tem acontecido na língua portuguesa. É o mais antigo poeta hugoano do pátrio idioma nos dous hemisphérios. Eis uma prova, d'entre muitas:

Genio! genio! inda mais: supremo esforço
Das mãos de Deus no ardor do entusiasmo!
E's anjo ou és mulher, tu que nos roubas
Do culto o amor, o extasis do pasmo?

Na pujança do vôo a aguia soberba
Tenta o céu devassar, exhausta pára:
Nas azas do lyrismo, tu de Gehóva
Ao templo chegas e te prostras n'ara.

Ahi, c'roada de fulgente aureola,
No concerto dos anjos te mixturas;
E, se cantas da terra, são teus hymnos
Harmonias que ouviste nas alturas.

Ahi aspiras o lustral perfume
Que das urnas sagradas se evapora;
Eis porque tua voz parece ungida
Dos olores da flor que orvalha a aurora.

Ahi do coração na harpa animada
As cordas descobriste de oiro extreme,
Que se vibram de amor, ateiam n'alma
Paixão que goza e soffre, canta e geme.

Ahi o idioma typico aprendeste
Que entendem todos e que tudo exprime:
E' assim teu olhar o verbo vivo,
E' teu gesto a linguagem mais sublime.

Mysterio augusto que do Eterno ao *fiat*
Surgiste qual visão que attrahe, fascina;
Si da mulher teu corpo veste a fórma,
Arde no genio teu chamma divina...

Ha n'este estylo certo arrôubamento, que denuncia um'arte senhora de si mesma, conscia de seus recursos.

D'indole, porém, bem diversa era o doce poetar de José Maria do Amaral (1811-1887).

Se fossemos a filiar o espirito deste poeta no espirito de alguém, este havia de ser o do velho inconfidente Claudio da Costa.

Ha nestes dous homens alguns pontos de contacto na vida, e pelo lado mental similhaças profundas. Em ambos o lyrismo é uma revivescencia de uma qualidade ethnica; em ambos o lyrismo tem a fórma e o sabor do velho lyrismo portuguez. Amaral não exerceu uma influencia profunda na poesia brasileira, porque passando os me-



lhores annos de sua vida fóra do paiz, muito poucas publicações litterarias fez entre nós. Nenhum dos poetas nacionaes de seu tempo teve em mais alto gráo aquella doçura, aquella delicadeza de impressões, nem aquelle vago do pensamento e aquella embriaguez do desconhecido, extravasados numa linguagem ondulante e caprichosa, ninguem mais do que elle teve aqui esse caracteristico romantico.

Tinha a faculdade de ouvir a monodia de extranhos mundos e sentir o prazer das solidões interminas do mar:

Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma ;
No inquieto balouçar d'inquietas ondas
Vamos da vida sacudir os nojos.
Sólta o velame, nauta, aos sôpros d'alva,
Acima o ferro, ao horizonte a prôa,
Leva-me longe a errar por essas aguas,
Abre-me a vastidão que as brisas correm ;
Quero entornar minh'alma em tanto espaço,
Quero em tanta grandeza engrandecêl-a.
Nem patria o bardo tem nem tem amores ;
Canta como alcião, como elle vôa
De vaga em vaga ás bordas do infinito,
De brisa em brisa esfolha a vida em hymnos,
A' terra um só adeus ; partamos, nauta,
Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

São versos estes do tempo da mocidade. Então o poeta não sentia ainda o pungir de acerbos dôres moraes, que o assediaram na velhice e exhalaram-se em cerca de oitocentos sonetos dos mais sentidos que já uma vez saíram de penna d'homem. (1)

Nos quatro divergentes de que imos tractando, a musa da alegria, que se praz em festas e improvisos, encarnou-se em Moniz Barreto; a musa voluptuosa que fareja a belleza das mulheres irmanou-se com a alma de Maciel Monteiro; a musa triste e melancolica dos desconsolados deu a mão a José Maria do Amaral.

Quanto a LAURINDO RABELLO (1820 — 1864), se a musa brejeira dos espiritos galhofeiros visitava-o por vezes, não é meos verdade ter sido sua companheira mais constante a magoada inspiradora do auctor de *Veroni*.

E por isso Laurindo e José Maria são os dous maiores elegiacos do Brasil.

Laurindo Rabello se distingue pela complexidade de seu temperamento. Triste, profundamente melancolico, já por indole

(1) Vide *Historia da Litteratura Brasileira*, I, pag. 524 e seg.



e já pelas condições de sua existencia, mas robusto, forte, sadio, dotado, além do mais de uma extraordinaria espontaneidade de pensar e produzir, não se limitou em sua vida a exhalar profundas e sinceras magoas; a satyra, a ironia, a chalaça foram muitas vezes a expressão natural de seu sentir. Tinha elasticidade bastante para a galhofa, a pilheria, o improviso, a pornographia, mas no fundo lá estava a nota plangente dos desconsolados.

Eis um trecho da deprecação, bem se poderá dizer da prece, que dirigio á sua irmã, depois de morta.

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te poz tão desmaiada,
Minha flor? que pallidez!

Ah! talvez n'um peito vario
Emblema foste de amor:
O peito mudou de affecto
E tu mudaste de côr...

Quem sabe... (Oh! meu Deus, não seja,
Não seja essa idéa van!)
Si em ti não foi transformada
A alma de minha irmã?

— Minh'alma é toda saudades,
De saudades morrerei... —
Disse-me quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei.

E agora esta saudade
Tão triste e pallida, assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim ;

A namorar-me os sentidos,
A fascinar-me a razão...
Julgo que sinto a voz d'ella
Fallar-me no coração!

Exulta, minh'alma, exulta !
Aos meus labios, flôr louçã...
No meu peito... Toma um beijo,
Outro beijo, minha irmã !

Outro beijo, que estes beijos
Não t'os prohiu o pudor :
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos do meu amor...

Desnecessario é citar mais. Ousamos con-
vidar o leitor a examinar a característica,
por nós consagrada a este grande lyrico em



nossa *Historia da Litteratura*, uma das que alli foram feitas com mais amor.

VII

Entretanto a evolução proseguia. Depois de haver tomado a coloração religiosa e emanuelica, a indiana e paizagista, a poesia romantica tinha de, por assim dizer, systematizar o desgosto da vida, a dôr do mundo, a *Weltschmerz* dos espiritos a Byron, Vigny, Musset e outros illustres corripheus do pessimismo. José Maria e Laurindo são simplesmente elegiacos; Alvares de Azevedo e seus companheiros Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães (estes dous muito menos) foram, por vezes, verdadeiros desesperados.

Em MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO (1831—1852), que se deve considerar, depois de Gonçalves Dias e José de Alencar, a mais alta figura do romantismo brasileiro, a poesia complicou-se de problemas novos. O moço auctor é o typo represen-

tativo do homem moderno, do *filho do seculo* — no Brasil.

Na serie da evolução litteraria elle é não o primeiro, mas o mais accentuado exemplo, verdadeiramente illustre, de um producto puramente local, de um filho de academia brasileira. Sabemos que alguns poetas, oradores sagrados, musicos e pinctores dos tempos coloniaes não sahiram nunca do Brasil; aqui fizeram-se o que foram; mas, além de terem sido a excepção, accresce que sua intuição em geral permaneceu quasi puramente portugueza nos tons fundamentaes. Sabemos ainda que, já no seculo a findar, alguns bons talentos se formaram, antes de Azevedo, que se acharam nas mesmas condições de seus predecessores coloniaes, e é d'entre os nomes já apreciados linhas acima o caso de Moniz Barreto, de Dutra e Mello, de Francisco Octaviano, de Laurindo Rabello e varios outros; porém além de não constituirem a regra geral, cumpre confessar que todos esses não chegaram inteiramente a libertar-se da influencia da antiga mãe-patria.

Porto-Alegre, Magalhães, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral e Gonçalves Dias viajaram muito e completaram sua educação



lá fóra. A criação, como já uma vez ponderámos, das academias brasileiras foi de um alcance intellectual extraordinario; logo na esphera politica e administrativa começámos a ter homens, como Eusebio, Nabuco, Zacarias, Cotegipe, Rio Branco e cincoenta outros, filhos de faculdades nacionaes, e alguns delles não puzeram jámais os pés na Europa, ou os puzeram rapidamente, e foram sempre os melhores. O mesmo se foi dando na litteratura: Penna, Laurindo, Octaviano, Macedo, Azevedo, Lessa, Bernardo Guimarães, Alencar, Agrario, Junqueira Freire, Varella, Teixeira de Mello, Machado de Assis, Tobias Barretto, Castro Alves, Luiz Delfino são filhos das escholas brasileiras e com elles tudo o que houve de mais illustre em nossa vida espiritual no seculo que finda.

Penna só foi ao velho mundo colher a morte e Alencar apressal-a, já o dissemos algures.

Com Alvares de Azevedo, o trabalho começado pelos primeiros românticos para arrancar-nos da influencia portugueza, progrediu consideravelmente. O moço poeta, educado pelos allemães Planitz, a principio, e, mais tarde Tautphoeus no Collegio de



Pedro II, costumou-se a olhar para o grande mundo das letras e da poesia e a lêr os grandes mestres gregos, latinos, inglezes, allemães, hespanhóes e francezes.

O poeta da *Lyra dos vinte annos* foi um talento possante numa organização demasiado franzina. Não podia viver muito, era doentio, e era *melancholico*. Isto pode-se d'elle dizer, porque é a verdade manifestada em sua vida e em seus escriptos.

Essa natureza notavelmente intelligente e idealista, n'um organismo morbido e desequilibrado, tornou-se singularmente agitada pelo estudo e pela leitura dos sonhadores do tempo. Não foi anjo nem demonio, qual a teem julgado dous partidos oppostos que mal o comprehenderam. Tomou por certo, parte n'algumas d'essas brincadeiras proprias de estudantes, essa poesia practica da vida que bem se desfructa na quadra da mocidade no periodo academico. Não teve porém, nem ensejo nem tempo de travar algum amor serio, alguma paixão sincera e profunda.

Precoce em tudo, extranhava que esse affecto não lhe tivesse ainda chegado. D'ahi o dualismo que se nota nas suas composições lyricas de genero amoroso.



Ora é um lyrismo idyllico, todo confiante e puramente idéal; ora é a amargura de quem não encontrou ainda um coração que o comprehendesse, ou a pinctura d'alguma scena lasciva.

Outro dualismo dá-se nas opiniões, crenças e doutrinas do poeta. Idealista e crente por indole, educado n'um regimen religioso, o sôpro de seculo abalou-o em metade.

Essa revolução não se fez por intermedio da sciencia e de idéas positivas; fez-se por meio da poesia e da litteratura romantica. D'ahi, esse desequilibrio, esse cambalear, essas duas facetas do genio e das inspirações do moço escriptor. Posição aliás commum a um grande numero de espiritos em nosso seculo, cheio de tão rapidas renovações e mutações intellectuaes.

Vida quasi toda subjectiva, agitada pela desordenada leitura, não teve, repetimos, en-sejo de amar, nem de gozar á farta. D'ahi, o desanimo, a excitação, a impotencia da vontade.

Sua melancholia, ingenita e desenvolvida pela vacillação das idéas não proveio de injustiças soffridas, de luctas sociaes ou de problemas scientificos em desharmonia com seus sentimentos. Não teve um canto de



alegria pelo amor satisfeito e retribuido, nem de desespero pelo amor trahido. Teve sempre queixas de não haver podido encontrar mulheres puras e sómente messalinas... Foi sincero n'isto, tragicamente sincero. Não foi um viciado, um libertino que fizesse a poesia de seus vicios, nem tão pouco um'alma candida e virgem que se mostrasse viciada por systema.

Foi um imaginoso, um triste, um lyrico que enfraqueceu as energias da vontade e os fortes impulsos da vida no estudo e enfermou o espirito na leitura tumultuaria dos românticos a Byron, Shelley, Heine, Musset e Sand.

Quanto ao valor de sua obra, deve se dizer que n'elle temos um poeta lyrico e o esboço d'um *conteur*, d'um dramata e d'um critico; o poeta, de que sómente ora tratamos, é superior a todas as mais manifestações de seu talento.

O lyrismo do joven artista não é o simples lyrismo melancolico a Lamartine.

Ha n'elle grande variedade, introduzida por estímulos objectivistas, por scenas de costumes, preocupações politicas, por passagens humoristicas.



E' um engano suppor ter sido elle um lacrymoso perenne; ha em sua obra paginas, e das melhores, de um completo objectivismo: *Pedro Ivo, Thereza, Cantiga do sertanejo, Na minha terra, Crepusculo no mar, Crepusculo nas montanhas* e muitas outras o provam. Em *Gloria moribunda, Cadaver de poeta, Sombra de D. Juan, Bohemios, Poemas do frade, e Conde Lopo*—ha muito d'esse satanismos d'esse desprazer terrivel da vida em que veio a dar certa ramificação do romantismo.

Ha apenas mais talento do que em Baudelaire; porque, de mixtura com os desatinos e extravagancias do genero, em Azevedo apparecem manifestações de são e opulento lyrismo, que tão eloquentes não possuia o famoso poeta das *Flores do Mal*, livro posterior, aliás, á morte do nosso compatriota.

O lyrismo n'este amavel sonhador da *Lyra dos vinte annos* póde soffrer uma divisão capital: *idealismo e humorismo*. N'um e n'outro existem notas persoaes e geraes. Leiam-se *Anima Mea, Harmonia, Tarde de verão, Saudades, Virgem morta, Spleen e charutos, Meu desejo, Lagrimas*



da vida, Malva maçan, Namoro a cavallo
e outras.

Julgamol-o mais apreciavel na sua fórma seria e idealista, posto reconheçamos ser o nosso poeta o primeiro a usar em lingua, portugueza do *humour*, essa bella manifestação da alma moderna.

O *homour* á ingleza e á allemã nós não o tinhamos jámais cultivado nem no Brasil nem em Portugal, e convém não o confundir com a chalaça, a velha pilheria lusitana; esta tivemol-a sempre, e sempre a possuo o reino. Para concluir com este grandissimo poeta: uma qualidade de seu lyrismo, e que o distingue do d'aquelles que o precederam, é certa frescura das imagens.

Em Magalhães, Porto Alegre, Moniz Barreto, e até em Gonçalves Dias, Maciel Monteiro, Laurindo Rabello e José Maria do Amaral ha um certo *tour* na fórma que lembra o velho classismo.

No poeta da *Lyra dos vinte annos* a cousa é outra e a impressão é bem diversa; o tom é novo; vê-se nitidamente que se está a tractar com um genuino *enfant du siècle*. E como é mister sentir aqui mesmo a meiguice d'esse estylo, quando elle traduz os bons sentimentos do poeta, não nos fur-



tamos ao prazer de, ao menos, ler as quatro primeiras estrophes da bellissima poesia dirigida pelo mallogrado moço a sua mãe:

E's tú, alma divina, essa Madona,
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tú quem vela,
Tremulo o coração que a dôr aneia,
Nos ais do soffrimento inda mais bella,
Pranteando sobre um'alma que pranteia.

E, si pallida sonhas na ventura
O affecto virginal, da gloria o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho.

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vae doirando;
Pensamento de mãe é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando...

Como isto é acariciante e doce! Como já sabia neste desventurado jovem a poesia vasar numa linguagem de oiro as mais fundas emoções d'alma!

Mas Alvares de Azevedo não estava só.
Uma pleiade notabilissima de moços arden-

tes pelo saber e pela gloria o cercava. O periodo que nós chamamos a primeira escola de S. Paulo (1845—1855) mereceria um estudo especial em que, derredor o moço poeta, fossem estudados os typos de Octaviano, José de Alencar Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio, Silveira de Sousa, Felix da Cunha, Ferreira Vianna, Duarte de Azevedo, Paulo do Valle, Lopes de Araujo Ferreira Torres, e muitos e muitos outros. Nós aqui temos apenas de notar em traços rapidissimos o que denominamos o triumvirato byroniano. Já vimos Azevedo; digamos celere de Lessa e Bernardo.

A poesia em AURELIANO JOSÉ LESSA (1828—1861) teve tres feições principaes: a philosophica, a melancholica, a amorosa; a primeira não passava de certo metaphysicismo pantheistico; a segunda tinha em seus labios um travor dolorosissimo; a ultima se lhe traduzia em doces e languorosos arroubos. Os documentos da primeira fórma são: —*O Sol, A Creação, O Hymno da Creação, A Tarde. O Poeta*; os da terceira são: *Leviana, A. . . Tu, Canto de Amor, Queixa, Duas Auroras*; a nota a Byron e Musset espalha-se em varias paginas do pequeno volume que do auctor nos ficou. Em Aze-



vedo ha mais devaneios, mais exuberancias;
em Bernardo mais lyrismo; em Lessa mais
energia, mais lucidez, mais vigor de phrase.
Pincta a pinceladas largas e possantes como
estas :

Depois co'a dextra contraindo o vacuo
Informe e tenebroso
Deixou cahir o Universo inteiro
No espaço luminoso.

O silencio expandio-se; era um sussurro
De sublime harmonia :
Hymno da vida, porque o sol gyrava
O primitivo dia.

Um chuveiro de mundos despenhou-se
Pelos desertos ares,
Como a saraiva, ou como os grãos de areia
Lá no fundo dos mares.

Rodava a terra verde e a lua pallida,
Ia a noite após ellas;
Mas cahio sobre as trevas, que fugiam,
Uma chuva de estrellas...

Toda esta admiravel poesia—*A Creação*
—é de um lyrismo impessoal, imponente e
rutilo.

Em BERNARDO JOAQUIM DA SILVA GUI-
MARÃES (1827—1885) a poesia teve bellas



amostras de lyrismo naturalista, como em *Invocação* e *O Ermo*; de lyrismo philosophico como em *O Devanear do sceptico*; de lyrismo amoroso, como em *Evocações*; de lyrismo humoristico, como em *Orgia dos duendes*, *Diluvio de papel*, *O nariz perante os poetas*.

Mas isto não define, não individualiza o poeta entre os seus pares; preciso é descobrir uma nota que seja só d'elle, que o afaste de seus competidores; e esta nota parece-nos estar nas tinctas sertanejas de sua palheta e no tom brasileiro de sua linguagem. Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral, Laurindo, Alvares de Azevedo e muitos outros poetas românticos nacionaes do norte ou do sul, eram filhos da região da costa ou da região das mattas proxima á costa. Viveram, além disto, nas grandes cidades, ao contacto de estrangeiros e quasi nada conheceram das diversas regiões do paiz.

Gonçalves Dias, que poderia fazer excepção, só nos ultimos annos é que viajou os sertões do norte.

Aureliano Lessa pouca propensão tinha pela paizagem, posto fosse tambem um sertanejo. Por mais brasileira que fosse a in-



tuição desses homens, não o poderia ser tanto quanto a de Bernardo, talento objectivista, que nasceu e viveu na plena luz do coração do Brasil, o planalto central. Filho de Minas, viajou muito os sertões de sua provincia e das de Goyaz, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Tinha o prurido de *bohemio*, movia-se constantemente, e neste caminhador havia o instinto do pittoresco. Juncte-se a isto o conviver intimo com o povo, o fallar constante de sua linguagem e ter-se-ha a razão pela qual o intelligente mineiro em seus versos e romances foi uma das mais nitidas encarnações do espirito nacional.

Quasi todos os seus escriptos versam sobre temas brasileiros; mas ha nelles alguma cousa mais do que a simples escolha do assumpto; ha o brasileirismo subjectivo, espontaneo, inconsciente, oriundo d'alma e do coração.

Na impossibilidade de estudar aqui uma por uma as quatro notas do lyrismo do poeta das *Evocações*, enviamos o leitor para a *Historia da Litteratura*, onde se acha longamente feita a sua caracteristica. E, como fazemos neste ensaio questão de mostrar a evolução da fórmula, do tom, da côr,

do estylo, em summa, que vae a arte da poesia revestindo nos seus eleitos nesta parte da America, documentaremos a feição que chegou a ter no grande cantor mineiro. Eis um trecho da *Primeira Evocação*:

Das sombras do sepulchro
Eil-a que surge, placida e formosa,
Essa visão primeira,
Que me sorrio na quadra venturosa
Da infancia prazenteira...

Sê mui bem vinda, oh flôr sempre lembrada
De minha leda aurora !
Graças te rendo, pois a consolar-me
Surges primeira agora.

Inda hoje mesmo, após tão largos annos,
Que repousas no leito funerario,
A' minha voz acodes e abandonas
Para escutar-me o gelido sudario...

Não ; não morreste: ou bella como outr'ora
A' voz do meu amor hoje renasces !
Tombam-te ao collo as nitidas madeixas
E adoravel pudor te adorna as faces.

Não vens da campa, não, que nos teus labios
Vejo o frescor e a purpura da rosa ;
Palpita o seio e brincam-te os sorrisos
Na bocca perfumosa...

E por vinte e sete estrophes doces, serenas, encantadoras deslisa este cantico, que deve ser lido pelos amantes da boa e desprezenciosa poesia.

É o lyrismo pessoal ; mas a personalidade aqui é realçada pela sinceridade.

As *Evocações* lembram, já uma vez o dissemos, as *Noites* de Musset, talvez a mais bella producção do romantismo francez. Prosigamos.

VIII

Segue-se o terceiro momento do romantismo, com os epigonos de Byron, Musset e Lamartine, cujos principaes foram: Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Franco de Sá, Constantino Gomes, Augusto de Mendonça, Pedro de Calasans, e aos quaes, dissemos nós, se prende Fagundes Varella, que tinha, entretanto, algumas notas divergentes. Este grupo de poetas contém alguns daquelles *choramigas*, que chegaram a desacreditar o romantismo brasileiro na quadra que vai de 1850 a 1862 mais ou menos. Varella muito

J45



mais rico de talento do que qualquer delles, se lhes vae ligar mais pela face ironica e rebelde do byronismo do que pela sentimentalidade lamartiniana. Similhante é o caso de Pedro de Calasans, que entra no gremio por eguaes motivos. Apressamo-nos, porém, em declarar que as classificações litterarias não devem jamais ser tomadas rigorosamente á lettra. Os grandes talentos possuem sempre certas qualidades que os fazem romper com as medidas e convenções doutrinarias e criticas.

Daremos nestas linhas dos septe poetas, citados no periodo de que ora tractamos, apenas ligeiras palavras dos quatro principaes : — Junqueira, Casimiro, Calasans e Varella.

Com LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE (1832 — 1855) temos ensejo de assistir, por momentos, á evolução do que se poderia chamar a segunda (a primeira foi, como já se viu, a do seculo XVII) eschola bahiana.

Referimo-nos ao grupo de litteratos, escriptores e poetas que, em torno de Moniz Barreto, fulgiu na Bahia em 1847 ou 48 até 1866 ou 67. Não esquecer que então alli o jornalismo e a eloquencia tiveram repre-



sentantes, como João Mauricio Wanderley, Landulpho Medrado, Fernandes da Cunha, Barbosa de Almeida, Guedes Cabral, Alvares da Silva, João Barbosa, Victor de Oliveira, Eunapio Deiró, Gustavo de Sá e Leão Veloso ; e que a litteratura e a poesia expandiram-se pela bocca do citado Moniz Barreto, Agrario de Menezes, Manoel Pessôa da Silva, Gualberto dos Passos, Rodrigues da Costa, Augusto de Mendonça, João Freitas, Joaquim Ayres e muitos outros. Junqueira Freire, pois, não estava isolado.

Este poeta foi um joven de temperamento nervoso e apprehensivo, que se viu attrahido por duas correntes diversas. A educação religiosa e a intuição livre do seculo travaram lucta em sua alma sem que nenhuma das duas triumphasse da outra completamente ; suas crenças vacillaram, resentiram-se seus sentimentos. D'ahi certa dubiedade, certo dualismo em seus escriptos, justamente o mesmo abalo que se déra em Azevedo e companheiros.

Apenas Junqueira era mais lucido, mais raciocinador e menos imaginoso, menos poeta.

O bahiano é, como todos os bons vates brasileiros, um bom lyrista ; e seu lyrismo



tem quatro notas principaes : religiosa, philosophica, amorosa, popular ou sertanista. Damos estes dous ultimos epithetos ao punhado de poesias que se inspiram de scenas do viver de nossas classes aldeians e roceiras. Si não são as mais abundantes, são as melhores do auctor. As principaes são : *A Orphan na costura, O Banho, O Canto do gallo, O Menestrel do sertão*. Nos outros generos as mais saborosas são : *Por que canto, Meu filho no claustro, A flôr murcha no altar*.

Nada podemos exemplificar ; limitamo-nos a dizer que o estylo do poeta bahiense, nos bons momentos, tem certa simplicidade e doçura ao gosto das melopeias populares. Não possuía, entretanto, o auctor das *Contradições Poeticas* o vigor de Azevedo e Lessa, a terna melancholia de Bernardo Guimarães, nem a exuberancia de Laurindo Rabello. A qualidade que tinha menos que Bernardo, era ainda mais pronunciada em CASIMIRO DE ABREU, avantajado aos dous por esta face.

O poeta das *Primaveras* (1837—1860) é o mais perfeito e completo typo do romantico triste, melancholico, sentimental. Esta nota, já existente em todos os seus prede-



cessores românticos, e que se vai encontrar até em Silva Alvarenga e Gonzaga, em Casimiro chegou á completa evolução. Tudo conspirou para este resultado: o meio social, o temperamento do poeta, seu genero de vida em desaccordo com seus gostos e aspirações.

Pobre moço, fraco, com propensões á tuberculose, cheio de leituras sentimentaes, vaporosas, aereas, embriagadoras, tudo o levava a collocar su'alma n'um palacio de chimeras, irizados sonhos em desaccordo completo com a dura realidade. Mas ha a mais completa ausencia de artificio nas maguadas poesias do desconsolado mancebo. Este meigo e doce desequilibrado é o mais sincero, o mais puro e honesto dos homens. E' um'alma de moça, alguma cousa como Shelley aos dezeseis annos, antes que o mundo o tivesse tomado em suas garras e lhe houvesse alterado a primitiva virgindade.

O estylo, como simplicidade, ausencia de amaneirados, espontanea singeleza, tem chegado á quasi perfeição. Uma ou outra vez descamba para o defeito daquella qualidade: — torna-se vulgar. Ei-lo quando é melhor:



Tú m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flôr da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos ardores febris da mocidade.

Tú vinhas pelas horas das tristezas,
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo.

E' esta a nota quasi geral da poesia no auctor das *Primaveras*. Dizemos quasi geral, porque em Casimiro encontram-se tambem, de longe em longe, algumas volatas de ly-rismo alegre, expansivo, com uns doces tons comicos.

Em PEDRO DE CALAZANS (1836—1875) a romantica brasileira revela alguns symptomas dignos de nota.

O poeta sergipano deve figurar entre os epigonos do byronismo e do mussetismo, não pela face sentimental, que não tinha ao gosto de Casimiro de Abreu, por exemplo, sim pelas côres de ironico realismo que sabia manejar.

Em seu tempo a poesia brasileira ramificava-se por trez caminhos principaes aliás provindos, como demonstrámos, da phase classica e trilhados tambem pelos chefes do



nosso romantismo: a corrente de Gonçalves Dias e a de Alvares de Azevedo, isto é, o indianismo e o sentimentalismo descrente, a que se junctava a veia sertanista e campestre, que, exactamente ao lado de Calasans, havia de ter os seus melhores representantes em Trajano Galvão, Dias Carneiro, Gentil Homem, Marques Rodrigues, Costa Ribeiro, Franklin Doria e Bittencourt Sampaio. Esta brilhante pleiade de poetas, entre os quaes predominam moços do Maranhão, fez o curso de direito na faculdade do Recife, entre os annos de 1854 a 60 ou 61 e constituiu alli uma verdadeira eschola, que teremos de estudar linhas abaixo.

São poetas todos do norte e bem diversos de seus contemporaneos da eschola de S. Paulo. A transição entre uns e outros é representada por Junqueira Freire e Augusto de Mendonça, poetas bahianos, que jamais saíram da bella patria de Gregorio de Mattos. Em Calasans, posto fosse elle respeitado como mestre por todos aquelles collegas seus de academia e de litteratura, não apparece nenhuma das tres notas indicadas.

N'elle não apparecem os *Renés*, *Rollas* e *Manfredos* enfatiados, não se vêem os cabildas selvagens, nem se escutam as can-



ções bucolicas do naturalismo aldeão. Seu realismo é outro, é o realismo da cidade, da gente elevada, dos salões civilizados, das classes cultas.

O poeta pinta principalmente os vícios elegantes do seu tempo, nomeadamente os desregramentos da mulher viciada e *blasée*. *Sete somnos*, *Mulheres de ouro*, *Fel por mel*, *Wiesbade* são característicos n'este sentido. E como exemplo de estylo para exacta apreciação da evolução, lembramos *A Bomba do Lago*, que assim começa :

Brilhava a lua sob um céu de seda,
Recamado de estrellas diamantinas,
Como donzella nos salões de um baile
Aos trementes clarões das serpentinas.

N'uma planicie que florestas fecham,
Escondendo aos mortaes um paraíso,
A mão do eterno se esmerou pintando
Um manso lago do crystal mais liso.

Fulgente lamina de metal pulido
O lago solitario parecia,
Onde os bafejos d'uma aragem branda
Finos traços na flor, leve, esculpia.



E da floresta nas selvagens harpas
Expiravam de amor longiquas notas,
Como os murmurios de adormida lympha,
Bater das azas de gentis gaivotas...

E' um dos poetas largamente estudados na *Historia da Litteratura*, e pode alli ser melhor apreciado.

Aqui importa-nos apenas o sentido geral da evolução lyrica. E, por tal face, é demasiado curioso o caso de LUIZ NICOLÃO FAGUNDES VARELLA (1841—1875). Quando em 1861, este rapaz aos vinte annos de idade, publicou os primeiros versos, a poesia brasileira estava quasi completamente muda. Magalhães e Porto Alegre ainda viviam no extrangeiro, um dedicado quasi exclusivamente á philosophia, o outro calado, escrevendo lentamente seu extenso poema. Gonçalves Dias e Laurindo, prematuramente cansados e proximos á morte, mais nada produziam.

Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire tinham emmudecido no sepulchro.

José Maria do Amaral e Maciel Monteiro, que nunca foram assiduos em publicações poeticas nem nos deixaram livros impressos, estavam lá fóra na diplomacia. Francisco



Octaviano e José Bonifacio, que também raro produziam, andavam calados e entregues á politica. Bernardo Guimarães perdia-se obscuro nos centros de Minas e começava a cultivar o romance de preferencia ao verso.

Teixeira de Mello tinha emmudecido completamente depois das *Sombras e sonhos* (1858).

O mesmo tinha feito Calasans, por alguns annos, depois das *Ultimas paginas* (1858; Franklin Doria, após os *Enlevos* (1859), e Bittencourt Sampaio, após as *Flores Sylvestres* (1860). Os companheiros de Calasans e Doria, na academia do Recife tinham-se graduado em direito e haviam dependurado as lyras para só raro a tangerem de longe em longe. Luiz Delfino não se havia ainda revelado o potente lyrista que veio a ser no correr dos ultimos trinta annos. Machado de Assis começava apenas e mui timidamente na poesia. D'est'arte, Fagundes Varella foi quem tomou aos hombros os encargos da arte essencialmente querida dos brasileiros no quinquennio de 1860 a 65. Desde dez ou doze annos passados, desde os aureos tempos de Azevedo não se tinha visto em nossas academias um tão interes-



sante typo de litterato. As boas tradições românticas, os bellos dias da bohemia tinham renascido. Varella foi o ultimo representante de merito de certa indole de poetas e de certa feição de poesia. Por isso prendemol-o ao grupo que vimos agora repassando ; porque elle é fundamentalmente o continuador daquellas tendencias. E, comio ao lado d'esse grupo, e exactamente pelo mesmo tempo, tinha-se destacado o grupo paralelo dos sertanistas, distincto do outro logica e não chronologicamente, segue-se ser Facundes Varella, que com uns e outros tinha pontos de contacto, o verdadeiro élo que prende todo o romantismo brasileiro á ultima eschola do systema, a famosa eschola condoreira.

A obra de Varella, aparentemente logica, é uma das mais contradictorias que possuímos ; aparentemente pessoal, é uma das mais impessoaes de nossa litteratura. O poeta não foi um triste, nem um alegre, nem um crente, nem um sceptico, nem um liberal, nem um auctoritario ; porque foi tudo isto ao mesmo tempo conforme o ensejo e a occasião. Foi uma natureza multipla, inconstante, excessivamente excitavel, atormentada por estimulos diversos.



Foi um agitado, um *detraqué* ao geito de Edgar Poë, menos a epilepsia franca. Dahi a variedade de suas impressões e a mobilidade dos tons de seu cantar; dahi essa morbidez inconsciente e irresistível que se evapora de quasi todas as suas composições. Tal a característica que mais o define, e por isso as produções que melhor o representam são aquellas em que apparecem essas incertezas, essas fluctuações, essas nevoas, esses claros e escuros, essas vagas aspirações, esses sonhos roseos e de um espirito inconsistente adormecido numa especie de embriaguez, e que bem se poderia chamar o lyrismo bacchico.

O traço pessoal da lyrica varelliana é o phantasiar caprichoso e dolente, aereo e brumoso, cheio de doçuras e sonoridades, alguma cousa de impalpavel e indefinido, de vaporoso, e phosphorescente na propria vaporosidade.

Nevoas, Juvenilia, Acusmata, Visões da Noite, Madrugada á beira mar, Enchente, Gualter, Diversão e cincoenta outras o provam. Estes versos não encontram eguaes em lingua portugueza, não como forma, sinão no sentido a que alludimos:



Cresce, transpõe as bordas
De brilhante crystal,
Torrente amada que o prazer acordas...
Toma a guitarra, escravo ! afina as cordas,
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos, inspirações, mundos de ideias,
Sacodi-me da frente as sombras feias
Deste scismar atroz !

Que celestes bafagens!
Que languidos perfumes !
Que vaporosas, lucidas imagens
Dançam vestidas de subtis roupagens
Entre esplendidos lumes !

Tange mais brando ainda
Esse mago instrumento!
Mais... inda mais ! Que maravilha infinda
Que plaga immensa, luminosa e linda !
Que de vozes no vento !

São as huris divinas
Que junto a mim perpassam,
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
Que cingidas de rosas purpurinas
Choram Bulbul e passam ?



Oh! não, que não são ellas,
Mas, ai! meus sonhos são!
São do passado as vividas estrellas,
Que á flux rebentam cada vez mais bellas,
De mais puro clarão!

São meus prazeres idos,
Minha extincta esperança!
São... Mas que nota fere-me os ouvidos?
Escravo estulto, abafa esses gemidos!
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura,
O mar e o céu azul!
Quero olvidar minha comedia escura,
E a ledos sons as larvas da loucura
Bater como Saul.

Leva-me ás densas mattas
Onde viveu Celuta;
Faze-me um leito á margem das cascatas
Ou nas alfombras humidas e gratas
De recondita gruta...

Assim... assim. Fagueiras
Escuto já nos ares
As vozes das donzellas prazenteiras
Que dançam rindo ao lume das fogueiras
No centro dos palmares...

E' a mais completa systematização do delirio de que ha exemplo na poesia brasileira. Varella não chegou á completa lucidez na extravagancia e na loucura, como Edgar Poë ; caminhava, porém, para lá e poderia vir a ser nesse caminho o mais extraordinario de nossos poetas.

I X

O cantor de *Anchieta* foi tambem o cantor de *A Roça* e de *Mimosa*, duas bellissimas producções de nosso naturalismo campesino e bucolico, e isto nos offerece natural passagem aos mais extremados cultores do genero que havemos tido.

Foram elles o grupo de poetas que floresceram, como já dissêmos, em Pernambuco, de 1854 a 60, entre os quaes predominaram intelligentes filhos do Maranhão, retirados mais tarde para a sua provincia, onde constituiram verdadeira eschola litteraria.

Escusado é repetir os nomes de *Trajano Galvão*, *Marques Rodrigues Franco de Sá*,

Dias Carneiro, Gentil Homem, Joaquim Serra aos quaes se prendem os do piauihyense *José Coriolano*, do paraense *Bruno Seabra*, do cearense *Juvenal Galeno*, do sergipano *Bittencourt Sampaio* e dos bahianos *Franklin Doria, Mello Moraes Filho*. Daremos uma idèa dos quatro melhores *Trajano Galvão, Joaquim Serra, Bittencourt Sampaio e Mello Moraes Filho*.

O romantismo, talvez o mais complexo e variado movimento litterario havido em todo mundo, cuja comprehensão não se ha de ir pedir ao extravagante, atrazado, beato e clasico Brunetiére, entre as multiplas faces, que mostrou no correr da existencia teve a de ser nas lettras, n'um momento, a repercussão do famoso *principio das nacionalidades*.

Isto quando, após seu inicio na Inglaterra, com Richardson, Cowper, Crabbe, Gray, Coleridge, Wordsworth, Joung, Burns, Swift, Sterne, sua passagem primeira pela França, com Prévost, Diderot, Rousseau, sua erupção na Allemanha, com Lessing, Göthe, Schiller, Tieck, os Schlegels, Novalis, voltou de novo á França, em dias de Bonaparte, com Stäel e Chateaubriand. De uma simples reacção contra os ideaes clas-



sicos dos povos do meio dia em favor da intuição das gentes do norte, que fôra em sua primeira phase, transformou-se, de 1813 em diante e por algum tempo, n'um movimento em prol das tradições de todos os povos modernos. Era o despertar das nações occidentaes que haviam sido pisadas pelas patas dos corceis da Revolução e de Bonaparte.

D'ahi a chamada volta ás tradições populares, no que ellas tinham de lendario, imaginoso e sentido. Na Europa, cheia de velhas nações, era o phenomeno de facil explicação e a tentativa tambem relativamente facil na execução. Os valorosos estudos historicos dos homens, que haviam iniciado a nova phase da linguistica, da critica religiosa, do direito, do *folk-lore* nos começos do seculo XIX, desbravaram o terreno aos poetas, romancistas e dramaturgos.

Simplees foi a italianos, francezes, alle-mães, portuguezes, hespanhóes, russos, inglezes, e escandinavos, indicar o filão meio esquecido de suas origens e tradições e mostrar-lhes o caminho novo a ser trilhado.

Não tanto, porém, na America e respectivamente no Brasil. Tinhamos durante perto



de tres seculos sido representados especialmente como *portuguezes*, meros continuadores do pensar da metropole.

O absurdo era evidente, e o nosso romantismo, que teve, como já lembrámos, um extraordinario precursor na nunca assáz louvada *eschola mineira* do seculo XVIII, reagio contra o exclusivismo, caindo, entretanto, no exaggero de pretender, ao menos um certo tempo foi esta a sua illusão, representar-nos como *caboclos*.

Tal é o significado historico e social da nossa rapida *eschola* indianista. Durante a illusão mesma dos indianistas, os nossos melhores poetas, romancistas, contistas, comediographos e até varios dos que um momento tinham sacrificado aos idolos *caboclos*, sabedores instinctivamente de não sermos nem *portuguezes indios* (os *negros*, como raça, nunca tiveram partidarios francos e decididos nas letras) começaram de olhar mais intensamente para as varias classes da população e com mais amor para nossos costumes genuinamente *nacionaes*, oriundos desse immenso *mestiçamento*, que tem vindo a operar-se durante quatrocentos annos, e foram produzindo muitas das páginas mais bellas e mais *brasileiras* de



nossa litteratura. Nesse grupo é que teem logar as creações superiores do theatro de *Martins Penna*, de *Macedo*, de *Agrario*, de *Alencar*, de *Augusto de Castro*, de *Joaquim Serra*, de *França Junior*, de *Arthur Azevedo*: as melhores producções do romance de *Manoel de Almeida*, *Bernardo Guimarães*, *Franklin Tavora*, *Celso de Magalhães*, *Escragnolle Taunay*, *Inglez de Sousa*, *Aluizio Azevedo* e do proprio *Alencar* e até de *Macedo*, bastando lembrar d'este as *Mulheres de Mantilha*, a *Moreninha*, as *Victimas Algozes*, *Moço Loiro* e do outro *O Tronco do Ipê*, *Til*, *O Gaucho*, *O Sertanejo*; as paginas mais bellas das poesias do grupo sertanista que vimos agora estudando; e os mais perfeitos dos contos e novellas dos modernos auctores—*Coelho Netto*, *Affonso Arinos*, *Pedro Rabello*, *Escragnolle Doria*, *Adolpho Caminha*, *Domicio da Gama*, *Raul Pompeia*, *Rodolpho Theophilo*. Os proprios poetas, sectarios, de outras escolas, um *Alvares de Azevedo*, um *Gonçalves Dias*, um *Junqueira Freire*, um *Augusto de Mendonça*, um *Tobias Barreto*, um *Constantino Gomes*, um *Castro Alves*, um *Bernardo Guimarães*, um *Casimiro de Abreu* não deixaram de nos mi-



mosear com algumas paginas do genero, porque tinham a intuição do seu valor como impressão do meio e dos costumes genuinamente brasileiros. Pode-se até afirmar ter sido de todas as manifestações da estho-psychologia nacional a mais perfeita e completa, porque nada lhe tem faltado: está representada no drama, na comedia, no romance, na novella, no folhetim, e até na critica litteraria, desde que é certo não ter sido outro o movel inspirador de livros, como os *Estudos sobre a poesia Popular Brasileira* e a *Historia da Litteratura Basileira*.

O genesis desta tão grande corrente litteraria, tão amplamente ramificada, já foi nestas mesmas paginas determinado, tendo-se mostrado que suas raizes se vão prender na especie de proto-romantismo entre nós existente desde fins do seculo XVIII. Eram então, como nos praz repetir trez as ramificações principaes de nossa poesia: certo *lusismo* determinadamente *religioso* cujo principal representante era o padre Sousa Caldas; um *indianismo* incipiente, cujas notas mais altas estavam em Basilio e Durão; um *brasileirismo*, ora *bucolico* e *campestre*, ora *matuto* e *sertanista*, ora



aldeião e *burguez*, cujas mais vivas côres andavam esparsas em Silva Alvarenga, em Claudio, em Gonzaga, em Peixoto, em Caldas Barbosa. Quando se deu a evolução romantica, não tivemos quasi nada a mudar além da fórmula; o fundo permaneceu o mesmo; as tres correntes continuaram a rolar as suas aguas; a imaginação e o sentir brasileiro proseguiram os mesmos vôos, apenas com azas mais possantes: Magalhães (pouco dotado quanto á fórmula) prolongou Sousa Caldas, com quem tem innumerables pontos de contacto; Gonçalves Dias protraheo Basilio, de quem é digno irmão no manejo do verso branco; Porto Alegre avançou na senda dos Alvarengas no que elles tinham de sentimento real da natureza e da paisagem. Volvamos aos nossos sertanistas.

A poesia em TRAJANO GALVÃO (1830—1864) mostra trez notas principaes: lyrismo geral naturalista, lyrismo local campesino, em que faz entrar scenas do viver do escravo negro, lyrismo satyrico e pilherico. A segunda é incontestavelmente a mais notavel e é por ella que o poeta maranhense merece ter seu nome na historia litteraria. Dissemos, linhas acima, não haverem os



negros, como raça, contado partidarios convictos e decididos em nossas letras ; e é a verdade.

Houve sim, e só de certa epocha em diante, quem se referisse á escravidão, ás dores e soffrimentos do captiveiro, e os lastimasse ; mas os pretos, como classe da população, nunca foram objecto de especial carinho dos poetas, romancistas e dramaturgos. Só o *escravo* é que, no africano e seus descendentes, nossos poetas tardiamente viram ; jámais o *homem*. E, todavia, os raros, que do captivo se tem occupado, ainda podem ser divididos em duas classes, os que apenas estygmatazaram em tons diversos o factó geral e, por assim dizer, abstracto da escravidão ; os que deram, em suas producções, entrada a scenas da vida real dos escravizados. O primeiro, que o sabemos, a enveredar por esta ultima trilha foi Trajano Galvão. E, como consideramos de alcance o factó, para aqui transcrevemos litteralmente o que sobre elle escrevemos n'outro livro. « Trajano Galvão não foi um grande poeta ; mas é indispensavel consideral-o em nossa historia litteraria, porque ha n'elle alguma cousa que lhe garante um nome.

6688



Referimo-nos á circumstancia de ter sido o primeiro a dar ingresso aos captivos da raça negra em nossa poesia. Antes de Trajano um ou outro poeta havia roçado de passagem nos escravos pretos ; mas só de passagem e sempre como protesto contra a escravidão. Trajano foi além : collocou-se mais no intimo do viver dos escravos e pintou typos mais ou menos reaes. Infelizmente poucas poesias nos restam d'elle e particularmente do genero de que tratamos.

As deste numero conhecidas são o *Calhambola*, a *Crioula*, *Nuranjau* e *Jovino o senhor de escravos*.

Bem se comprehende a importancia da cousa. Era uma anomalia a ser notada por toda a gente : na litteratura brasileira a raça negra, apesar de ter contribuido com um grande numero de habitantes do paiz, de ser o principal factor de nossa riqueza, de se haver entrelaçado immensamente na vida familiar, de estar por toda a parte, em summa, nunca foi assumpto predilecto aos nossos poetas, romancistas e dramaturgos. *O indio* e o *branco* obtiveram sempre a preferencia ; e mais tarde os mestiços, sob os nomes de *sertanejos*, *matutos*, *tabaréos*,

e *caipiras*, tiveram tambem seu quinhão nas attenções geraes dos litteratos.

Muitos decantaram as *moreninhas*, as formosas *côr de jambo*, muitos outros chegaram até ás *mulatinhas* com seus *cabeções rendados* a enfeitiçar toda a gente, e outras pieguices da especie. Ninguem durante seculos, jámais se lembrou do negro, nem como ente humano, nem mesmo como escravo. Só muito modernamente rarissimos delle se occuparam de passagem, e sempre como motivo para declamações fugitivas. Tal é o caso até de bons poetas, como Gonçalves Dias com a sua *Escrava*, Bitencourt Sampaio com a sua *Captiva* Luiz Delfino com a sua *Filha d'Africa* e d'outros d'egual indole e estylo.

No theatro ha o caso phenomenal do *Demonio Familiar* de Alencar, onde se move um typo de negro, e no romance o das *Victimas Algozes*, de J. Manoel de Macedo; mas a comedia de Alencar, sobre ser factio relativamente recente, isolado e não seguido, tomou apenas o escravo n'um caso excepcional e bastante raro; e o romance de Macedo, além de mediocre, foi escripto nos ultimos annos da vida do auctor, hontem, por assim dizer, e com pretenções anti-abo-



licionistas. Foi uma obra de partido, felizmente, sem repercussão. Escusado é fallar da *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães; porque a interessante filha da imaginação do poeta mineiro era uma verdadeira *branca escravizada*.

Declamações sobre o facto do captiveiro houve-as ahí a granel; especialmente depois que se accentuou o movimento abolicionista, não appareceu verzejador que se não quizesse celebrar á custa dos pobres pretos.

Dos que na litteratura tardia e escassamente se occuparam com elles, só quatro o fizeram mais demorada e conscientemente: *Trajano Galvão*, *Castro Alves*, *Celso de Magalhães* e *Mello Moraes Filho*. Trajano tem o merito da antecedencia e de se haver collocado no ponto de vista descriptivo do viver do preto escravo. Em suas poesias o captivo não protesta, não se lastima; o poeta dá-lhe a palavra e o *calhambola*, a *crioula*, a *Nuranjan* descantam suas pretenções, seus anhelos ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Se nos fôra permitido, lembraríamos que no poemeto *Os Palmares* decantámos tambem conscientemente os negros escravos.

Castro Alves tomou outro caminho ; escreveu odes de indignação, de cholera, no estylo alteroso e meio declamatorio de Victor Hugo: tal a indole do *Navio Negreiro*, das *Vozes d'Africa* e da mór parte da *Cachoeira de Paulo Affonso*. O poeta bahiano possuía a imaginação e o tom altisonante dos lyristas pomposos, mas não tinha o espirito de observação, o naturalismo apto a surprender às scenas populares.

Celso de Magalhães, o bello talento que fomos o primeiro a dar a conhecer ao Brasil em geral, no seu poema *Os calhambolas* aproxima-se, no caminho aberto por Trajano, da vida psychologica e real do captivo.

E' pena que se tivesse limitado a considerar o escravo *fugido*, isto é, o escravo fóra do seu viver normal.

Mello Moraes Filho seguiu por vereda mais certa, e, por este lado, sobrepujou seus companheiros no genero.

Não ostenta aquellas opulencias, aquelle farfalhar de bonitas phrases ao gosto de Castro Alves: sua maneira é outra e parallela á de Trajano e Celso: colloca-se no meio mesmo da escravidão, mette-se entre captivos e senhores, assiste ao viver da-



quelle mundo especial das *Fazendas e Engenhos*, e narra sem grandes adornos as cruezas que alli se dão. São pequenos quadros, pequenos esboços, nos quaes circula a verdade. Trajano Galvão foi o predecessor nesse genero de poesia e por isso deve ser lembrado com distincção (1).»

Devemos um exemplo de seu estylo. Eis aqui uma estrophe da *Crioula* :

Sou captiva... qu'importa! folgando
Hei-de o vil captiveiro levar!
Hei-de sim, que o feitor tem mui brando
Coração que se pôde amansar...
Como é terno o feitor quando chama,
A' noitinha, escondido co'a rama
No caminho: ó crioula vem cá!
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao feitor no caminho,
Faceirando, dizer: não vou lá?

Prosegue assim natural e singela até final.
Em FRANCISCO LEITE BITTENCOURT
SAMPAIO (1830-1894) predomina o lyrismo

(1) *Historia da Litteratura Brasileira*, II, pag. 1110 e segs.

local, tradicionalista, campestre, popular. Por este lado é talvez o melhor poeta do Brasil; porque, sendo tão terno e natural quanto Trajano Galvão, Dias Carneiro, Marques Rodrigues, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Gentil Homem, Mello Moraes e Juvenal Galeno, é mais artista do que todos elles.

Os dotes principaes da poesia neste auctor são a melodia do verso, a graciosidade que faz primar em pequenos quadros, certa nostalgia pelas scenas, pela vida simples, facil, descuidosa das regiões da roça e do sertão, tal é o caso em *A Cigana*, *Bem te vi*, *A rosa dos bosques*, *A Sombambula*, *o Canto da Serrana*, *Tarde de Verão*, *O Canto do gaúcho*, *Nossa Senhora da Piedade*, *O Lenhador*, *O Tropeiro*, *A Mucama*, todas contidas no bello livrinho das *Flores Sylvestres*, publicado em 1860. Cumpre advertir que essa especie de poesia só tem graça quando sabe alliar á verdade os primores da arte, as gentilezas e galas do estylo, quando é obra de um verdadeiro artista. Fóra dahi só tem valor, quando é genuinamente anonyma e *folklorica*. Ou inteiramente popular, collectiva, colhida directamente da bocca dos menes-



treis dos sertões, ou transfigurada, depurada, enaltecida pelos poetas de talento. Quando não é nem uma nem outra coisa, é um genero hybrido, que nem é popular nem culto e transforma-se n'uma triaga insupportavel. Em Bittencourt Sampaio estamos com um artista de merito. Exemplificaremos com alguns versos d'*A Cigana*:

Lá corre a morena, levando faceira
Na cinta punhal,
Veloz como a ema saltando ligeira
Por montes e val :
Gentil engraçada
Dissereis levada
Por artes de amor !
Agora fugindo,
Sorrindo
Innocente
Lá vae de repente
Pulando,
Brincando,
Fallando,
No prado co'a flor.

A linda trigueira cançada sentou-se
No verde tapiz ;
Mas logo um momento—de pé levantou-se
Contente e feliz.

Travessa menina,
Vem lêr minha sina,
Não fujas, vem cá !
Chegou-se a cigana,
Que engana
Innocente
Com ditos a gente,
Saltando,
Gyrando,
Cantando,
No seu patuá...

Mui graciosa e faceira escorre essa linguagem, leve e cantante, por estrophes e estrophes encantadoras de simplicidade.

JOAQUIM MARINHO SERRA SOBRINHO foi um homem alegre, expansivo, de um optimismo inalteravel. N'uma alma assim argamassada o enthusiasmo tem entrada franca; si o temperamento é de poeta, a poesia será nella simples, galhofeira, brincalhona o mais das vezes: si o temperamento é de politico, a intuição politica será o liberalismo em sua mais bella expressão, esse liberalismo confiante no espirito humano, crente no seu progresso, entusiasta pelo bem-estar do povo. O nosso maranhense tinha ambas as feições: foi um poeta e um jornalista; por uma e outra

face suas qualidades principaes foram o brasileiro de suas inspirações, o humorismo amavel de seu estylo. Quem lê as poesias de Joaquim Serra é logo agradavelmente impressionado pela espontaneidade do tom, pela simplicidade das côres, pelo nacionalismo dos quadros. Sente-se immediatamente que se está a tractar com um homem que veio do povo, que conviveu com elle, que o conhece, que se inspirou de sua poesia nativa, de suas lendas, de suas tradições ; um homem e isto é o principal, que, tendo mais tarde estudado os auctores estrangeiros, nem por isso sentio estancar-se-lhe a fonte do antigo brasileiro e quebrar-se-lhe na lyra a corda das queridas melodias sertanejas.

No genero o caracteristico do poeta dos *Quadros* está em saber escolher sempre um facto concreto e pittoresco e narral-o pelo seu lado mais impressionista, fazendo um escorço rapido, claro, de tom realista, num desenho firme, porém elementar e sem complicações. *O Mestre de Reza, Rasto de Sangue, Cantiga á Viola, O Roceiro de Volta* são modelos perfectos. Temos um completo quadro de genero á hollandeza n'o *Mestre de Reza*, por exemplo :



Era um velhinho teso
Exquisito no porte e no trajar ;
Por isso a villa em peso
Quando o via se punha a cochichar.
Se da lista tirarmos o vigario,
E mais o boticario,
Bem como o juiz de paz,
Era o mestre de reza
O primeiro na villa ; com certeza
O homem mais capaz.
Depois d'Ave Maria
Vem elle cada dia
Co'os meninos da Villa,
E alli no largo atraz da freguezia,
Põe todos n'uma fila :
As perguntas começam e as respostas;
E' um nunca acabar !
Os rapazes de pé e de mãos postas,
Elle em frente da linha a passear !
A reza ou é fallada,
Ou em côro cantada, uma balburdia !
Quanta doutrina nova e mascavada !
Quanta oração esturdia !
As beatas morriam de alegria
Co'o dialogo d'Eva e da serpente,
E o psalmo da baleia,
E a santa melodia
Dos asnos da Judeia
E magos do Oriente !
Sabe o mestre umas rezas milagrosas
Contra a faca de ponta e máo olhado,
E cobras venenosas,
E o jaguar a rugir esfomeado...

Se quereis não cair n'um sumidouro,
Elle tem orações prodigiosas,
Outras que fazem achar grande thesouro
Occulto e enterrado !
Mora n'aquella casa de uma porta,
Ao lado da ribeira ;
Na frente tem uma horta,
No fundo uma ingazeira.
Reside alli o homem milagreiro,
O apostolo da roça ;
E' de velhas devotas um viveiro
A sua pobre choça !
Salve o mestre de reza,
Na villa personagem popular !
Eil-o que passa... vale quanto pesa !
Deixemol o passar !

A poesia só chega a este tom despreten-
ciosamente naturalista quando tem atraz de
si a lenta evolução que a faz perder as de-
clamações e exterioridade e attingir a rea-
lidade das cousas.

Em ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO MO-
RAES FILHO a poesia vibra as varias cordas
apontadas em Trajano, Bittencourt e Serra ;
porém um pouco mais systematicamente,
porque elle sobreviveu a todos e teve tempo
de olhar para estes assumptos, organisando-
os conscientemente.

A lyrica neste auctor mostra duas faces
primordiaes : certa disposição phantastica

dos quadros e scenas da natureza e do homem aprendida principalmente de Edgar Quinet, determinado aferro a assumptos nacionaes, aprendido peculiarmente de Bittencourt Sampaio, conforme as proprias confissões do poeta.

A tendencia para os assumptos nacionaes, a inclinação do espirito para reflectir os sentimentos, os affectos, as effusões d'alma brasileira, eram nelle predisposições nativas reforçadas pela leitura das *Flores Sylvestres*, de Sampaio, e definitivamente systematizadas pelos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*, do auctor desta memoria.

Muitos dos nossos nacionalistas foram duplamente lacunosos ; não abrangeram todos os factores da alma brasileira, e dos que tractaram não saíram, por via de regra, das manifestações exteriores. Neste auctor vê-se que a poesia escapou a esse duplo motivo de inferioridade. Alli ha o quadro completo dos agentes que constituíram, diferenciaram, integraram o nosso povo.

Natureza exterior, indios, negros, brancos, mestiços lá estão : e além d'isso, de indios por exemplo, não se limitou a descrever usos meramente externos ; reproduziu-lhes



lendas, penetrando-lhes assim na psychologia ; e de negros, não declamou sobre o facto geral da escravidão ; observou-lhes a vida, da qual pinctou cruentas peripecias.

D'entre as poesias que dão conta de scenas de nossa natureza tropical destacam-se : *Ponte de lianas, A sucuriuba, Tarde tropical, Floresta submergida, Noites do Equador, Tempestade dos tropicos.* D'entre as que se referem a assumptos indianos avultam : *O sangue do jaguar, No céu e na terra, A lenda do algodão, A tapera da lua, A lenda das pedras verdes, A lenda da abobora.* Nas que teem por objecto o negro escravo distinguem-se : *A rede, A novena, A ama de leite, Partida de escravos, Verba testamentaria. O legado da morta, Mãe de criação. A feiticeira, Ingenuos, Escravo fugido, A resa, Cantiga no eito.* Os assumptos portuguezes apparecem em *Alma penada, Saudações dos mortos, Os immortaes.* Os themas de intuição brasileira particular, intuição de coloração mestiça, acham-se em *A mulata, A tabarôa, A caipora, No Pouso, O palacio da mãe d'agua, Bem-te-vi, Trovador do Sertão, A sereia do Jaburú, A luz dos afogados, A endemo-*



ninhada, A romaria do Bom-Despacho, A vespera de Reis. Todos estes assumptos foram tractados com fórma facil e graciosidades de lyrista.



Deixando de lado *Sousa Andrade, Benicio Fontenelle* e varios outros, pouco significativos, sectarios de diversas intuições, como tenham sido *Rosendo Muniz, Epiphanio Bittencourt, Lisboa Serra, Luis Gama, Felix da Cunha, Luiz José Pereira da Silva, Ferreira de Menezes, Augusto Emilio Zaluar, Paes de Andrade, Costa Ribeiro, Joaquim Ayres de Almeida, Freitas*, e muitos mais, porque neste paiz quasi toda a gente tem feito versos, detenhamo-nos antes os dous grandes divergentes da epocha que estamos rapidamente a estudar: — *José Bonifacio* e *Luiz Del-fino*. São duas figuras respeitaveis.

O primeiro, tendo começado como um epigono do byronismo, transformou-se n'um poderoso talento lyrico, verdadeiro precursor



da escola hugoana ; o segundo havendo partipado de posição analogá e passado tambem pela maneira hugoana, passou-se ao parnassianismo, onde revelou-se um extraordinario poeta, máo grado os defeitos que por ventura possam afeiar a sua obra.

A poesia de JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA conhecido por José Bonifacio —o moço (1827-1886) é das mais vibrantes que possuímos.

Distingue-se logo da de seus pares, por, não ter, sinão de passagem e de leve, sacrificado á lamuria romantica. Teve, desde o começo, uma tecla objectivista, que o levava a extasiar-se deante de scenas da natureza e de factos da sociedade. O estylo do poeta possui sempre certa individualidade, que o separava dos mais. Este lyrico tem vigor e firmeza de tinctas, dextreza e facilidade na mão.

Exaggera ás vezes, faz allegorias, torna-se visionario, entra nos dominios das aparições. *Um pé, Tu e eu, O retrato Suprema Visão, Aspiração, A amante do poeta, Camões, O Corneta da morte, Não e sim, O Redivivo, Frimus inter pares, adeus de Gonzaga, A Caridade, A margem da corrente, Arvore secca, Gatura-*



mo, Teu nome, Saudades do escravo, são brilhantes paginas de um lyrismo ardente e vigoroso.

Para que se tenha a prova directa do progresso artistico da lyrica em meio da evolução romantica, aqui inserimos *O retrato*, um verdadeiro mimo de naturalidade, de singeleza e graça:

Incline o rosto um pouco... assim... ainda...
Arqueie o braço, a mão sobre a cintura ;
Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura
E a covinha animar da face linda.

Erga a ponta do pé... que graça infinda !
Quero nos olhos ver-lhe a formosura,
Feitiço azul de orvalho que fulgura,
Foco de luz suave que não finda.

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada :
Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
Na ruguinha da fronte jambeada...

Enfadou-se? Meu Deus, eil-a que chora,
Pois cahio-me o pincel; que mão ousada !
Pintar de noite o levantar da aurora ... !

O melhor meio de dar a conhecer um brilhante é mostra-lo. Em tal intuito, para bem se apreciar a poesia em José Bonifacio,

seria mister, no genero gracioso, além d'*O retrato*, mostrar, *verbi-gratia*, *O pé*, e no genero epico-lyrico fazer lêr *Primus inter pares* e *O Redivivo*, pelo menos. Ver-se-hia então como a lingua progrediu em amplitude, flexibilidade, colorido, movimento ; ver-se-hia tambem como o lyrismo amorofo foi-se tornando cada vez mais ardente, mais intenso, chegando a ficar n'alma de alguns temperamentos verdadeiramente meridionaes, por assim dizer, tempestuoso, alucinado,

LUIZ DELPHINO DOS SANTOS nascido em Sancta Catharina em 1834 e ainda vivo, é, pela variedade e extensão de sua obra, o maior poeta do Brazil. Infelizmente suas innumeraveis producções andam esparsas pelos jornaes e revistas. Não tem um só livro publicado.

Sua carreira divide-se em duas phases perfeitamente distinctas : na primeira, que distende-se por mais de vinte annos (1855 ou 56 a 1879 ou 80) o poeta quasi nada salientou-se, passando quasi despercebido no meio da indifferença geral. Não é que lhe faltasse o talento para tornar-se de chôfre tão conhecido e estimado quanto Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Lau-



rindo Rabello, José Bonifacio, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella ou qualquer dos outros seus coevos ; é que o poeta, preocupado com as labutações de sua grande clinica, porque elle é um distincto medico, muito pouco publicou de suas composições d'aquelle tempo e isto mesmo de longe em longe.

E' o periodo de seu semi-condoreirismo. Mas de 1879 em diante as cousas tomaram outro aspecto ; o poeta começou de atirar sobre o publico as joias de seu escritorio, e raro ha sido o dia que não tenhamos admirado as suas notaveis qualidades de lyrista no correr dos dous ultimos decennios do seculo expirante. É o periodo *parnasiano*. N'um trabalho do genero deste é impossivel traçar a caracteristica de um poeta como Luiz Delphino, tal é a variedade de sua producção. Contentamo-nos em affirmar ser elle de todos os nossos poetas, sem duvida, o de mais imaginação, o de surtos mais possantes, e talvez o de vocabulario mais rico. A primeira phase está bem representada em *Solemnia Verba*, a segunda póde ser bem apreciada em *Angustia do Infinito*, *Cidade de Luz*, *Tres irmãs* e duzentas outras peças de primeira



ordem. Uma pequena amostra de estylo
d'entre as multiplas manifestações deste
talento :

Foi festa e grande em toda a Cachemira,
Quando chegou montada no elephante.
Vio-se em leve sandalia de saphira
O seu pé de uma alvura deslumbrante.

Colhendo as sedas, sua mão ferira
Com luz nevada a multidão, deante
Da qual o rosto apenas descobrira
Na sombra do riquissimo turbante.

Mas quando viram seus nevados seios,
Brancos, riscados de azulados veios,
C'roados d'uma aureola de cabellos,

— Tenues fios de estrella que irradia...
Para não offendel-a á luz do dia,
Fugiram della ao trote dos camellos,

Nada ha a dizer de *Pedro Luiz Pereira de Sousa* como um dos precursores da maneira hugoana entre nós. Produzio quatro ou cinco poesias, mais declamatorias de que sentidas, de cunho meramente politico, e não deixou uma só peça de doce e delicado lysismo. Muito maior do que elle, naquella

direcção foi *José Maria Gomes de Sousa*, poeta sergipano, desconhecido, dos proceres da critica indigena.

XI

O encadeamento dos factos leva-nos a dizer da poesia nos trez notaveis predecesores do parnasianismo: TEIXEIRA DE MELLO, MACHADO DE ASSIS e LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

O primeiro destes poetas nunca teve no Brasil a importancia de que é merecedor. Sua poesia tem uns toques tão suaves, tão doces, tão delicados, que não sabemos de outro que o sobrepuje por esta face. O seu livro *Sombras e Sonhos* é um dos mais mimosos que já uma vez foram escriptos por mão de homem. Temos ufania de haver sido o primeiro a despertar na *Historia da Litteratura* a attenção para elle.

O que individualiza e distingue as feições da poesia de Teixeira de Mello é certa singularidade, certa elevação graciosa e meiga das phrases, certa garridice das imagens;



alguma cousa que lembra Victor Hugo nos bons tempos, quando não tinha ainda gongorismo a penna com que escreveu *Sara la baigneuse* e outras joias de igual quilate. E como o principal é mostrar aqui a evolução da fôrma, indicaremos alguns trechos que documentarão nossos assertos. Ouçam :

Tinhas então no olhar a morbidez
Da infancia que presente a mocidade ;
Tinhas na fronte o sello da belleza
E n'alma a sombra vaga da saudade.

Amemos como á luz as mariposas,
Como a flor ama o orvalho que a remoça !
Amar não é topar pela existencia,
Como a topaste, um'alma irmã da nossa ?

Ou isto, que é ainda melhor :

Onde haja musgo em que teça
Um ninho em que eu adormeça
Com meus amores implumes ;
Onde não vinguem espinhos,
Onde o sol entre carinhos
Viva de azul e perfumes.



Procurai no mundo todo
Um ponto, per'la no lodo,
Onde o amor fosse verdade !
Onde a vida fosse um lago !
Nosso baixel um afago !
Nossa brisa... a mocidade !

Ou estas quadras da poesia á *Lua* :

Tu passas núa, escabellada e muda,
Levada em braços de milhões de anjinhos,
E vais, quem sabe? te banhar nos lagos
Em que lavam-se o sol e os passarinhos...

Eu te vejo passar, tão perto ás vezes,
No meu deserto, fugitiva embora !
Tu és o cysne que em meus cantos canta ;
Tu és a amante que em meus prantos chora !

Ou finalmente:

Tens perfumes na voz que embriaga ;
Como os anjos tu cantas fallando,
E dos seios na tumida vaga
Tens perfumes que alentam matando...

Tens perfumes na bocca mimosa,
Que um azul beija-flor do vergel
Já tomou-a por folhas de rosa
E uma abelha por favos de mel.....



São fragmentos citados a esmo, e que demonstram outra peculiar qualidade da poesia de Mello ; a correção da língua e da forma metrica. O poeta é impecavel ; é um primoroso romantico e um verdadeiro precursor dos parnasianos modernos.

Podemos só por elle aquilatar do progresso da poesia brasileira em trez seculos de vida. No regimen classico a lingua não tinha essa elasticidade, essa flexibilidade, esse doce torneio, essa capacidade caprichosa e ondulante de ostentar-se em bellas phrases.

Em MACHADO DE ASSIS, o poeta das *Chrysalidas*, das *Phalenas*, e das *Americanas*, a poesia ostenta igualmente grande correção de forma, quanto á linguagem e quanto á metrica.

O poeta, mais illustre como prosador, é acatado como um dos melhores mestres, talvez o melhor na opinião de muitos, do romance nacional. Na poesia não nos parece tão distincto quanto o auctor de *Sonhos e Sombras* ; pelo menos não é tão sentido, revelando-se muito mais frio. Nos ultimos annos tornou-se um completo parnasiano, *ad instar* de *Luis Delfino*, propuzindo, porém, muito menos do que elle e



por modo e estylo diverso. A esta ultima phase pertencem duas pequenas peças *Circulo vicioso* e *A Mosca azul*, que os seus admiradores citam a cada passo, como modelos inexcediveis. Achamos, por nossa parte, que a poesia nacional nos modernos tempos possui producções bem mais notaveis.

Eis aqui o famoso *Circulo vicioso* :

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume :
« Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul como uma eterna vela ! »
Mas a estrella fitando a lua, com ciume :

« Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna, ó gothica janella,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella ! »
Mas a lua, fitando o sol com azedume :

« Misero ! tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda luz resume ! »
Mas o sol, inclinando a rútila capella :

« Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfára-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume ? »



É correcto e bem feito ; porém não lhe vemos essa rara profundez que tanto embevece os entusiastas. Machado de Assis ficará como prosador, como quem mais fundo penetrou no romance e no conto os abysmos d'alma humana. Não é pequena gloria, como se verá adiante.

LUIZ CAETANO P. GUIMARÃES JUNIOR (1844-1898) era mais moço do que Teixeira de Mello (1833) e Machado de Assis (1839). Estes vivem ainda e elle já falleceu.

Sua actividade poetica, como era natural, principiou mais tarde. O lyrista das *Sombras* e *Sonhos* começou em 1855 ou 56 ; o cantor d'*A Mosca azul* em 1857 ou 58. *Luiz Guimarães* só deu inicio á sua carreira em 1862 ou 63. Deixou-nos dous livros de versos — *Corymbos* e *Sonetos e Rimas*.

O primeiro representa a phase em que poetou no Brasil (1862-72), o outro o periodo em que residiu na Europa em carreira diplomatica.

No primeiro, menos brilhante pela fórma, a poesia é mais espontanea, mais sincera, mais sentida. Sob tal feição os *Corymbos*, são superiores aos *Sonetos e Rimas*. Estes revelam mais apuros e requintes de fórma ;



aquelles mais alma e esta é de mais valor, ainda mesmo em poesia. Os *Corymbos* são o repositório dos cantos do poeta dos deztoite aos vinte e cinco annos, quando elle não tinha ainda aprendido na diplomacia a arte das fórmas polidas, aptas a esconderem e refolharem o pensamento e o sentir.

Como factura, como mão d'obra, como producto de ourivesaria os *Sonetos e Rimas* deixam os *Corymbos* muito a perder de vista ; como expressões francas de um'alma de rapaz, estes, repetimos, ganham a palma.

Luiz Guimarães não era uma intelligencia apta para a sciencia, a critica, a philosophia, as especulações, que exigem profunda tensão de espirito. Os generos que lhe ficavam de molde eram a poesia ligeira, o conto rapido, o folhetim minuscuro. A primeira é que lhe assentava melhor. Em seus livros de versos não se encontram producções más ; porém não se nos depa-ram muitas que sejam verdadeiramente superiores e imponentes. Não ultrapassa certa altura no vôo ; sobe bastante, é certo, mas não se perde nas nuvens.

Não produz brilhantes raros engastados em finissimo ouro ; espalha rubins, turquezas, saphyras e topazios em graciosas joias



de ouro médio e faz deliciosas filigranas de boa prata.

Mas é verdade que não desce ao estanho e ao cobre. Não é poeta para nos alentar nos momentos das grandes dôres, das fundas crises do coração ; é um diligente e prazenteiro camarada por certas horas de descuido ou de enfado. Ouçamo-lo nos requintes da su'arte :

Emquanto os meus olhares fluctuavam,
Seguindo os vôos da erradia mente,
Sob a odorosa cupola fremente
Dos bosques — onde os ventos susurravam.

Ouvi fallar. As arvores fallavam :
A secular mangueira fielmente
Repetia-me o branco idyllo ardente
Que dous noivos, á tarde, lhe contavam ;

A palmeira narrava-me a innocencia
De um puro e mutuo amor, sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia ;

Ouvi o cedro, o coqueiral agreste,
Mas excedia a todas a eloquencia
D'uma que não fallava : — era o cypreste.



Luiz Guimarães estudou direito no Recife entre 1864 e 1869 ; assistiu alli ao desenvolvimento da escola que ficou denominada na historia — *a escola condoreira*, em que tomou parte mais ou menos directamente.

XIII

Foi o ultimo movimento effectuado em nossa poesia dentro dos limites do velho romantismo. Seus representantes foram : *Tobias Barreto, Castro Alves, Victoriano Palhares, Castro Rabello, Plinio de Lima* todos no Recife, e a que se podem ligar no sul *Elezario Pinto, Carlos Ferreira, Mucio Teixeira*, este no primeiro de seus livros de versos.

A intuição e a maneira do grande poeta das *Orientaes* já tinha tido, como dissemos, precursores entre nós em *Maciel Monteiro, José Bonifacio, Luiz Delfino, Pedro Luiz* e *José Maria Gomes de Sousa*, todos mais ou menos intercorrentemente e com talentos deseguaes.



Como eschola, conscientemente, com estylo assentado, com determinados ideaes e com um grupo de pelejadores, que vieram a influir por todo o Brasil, foi evolução levada a effeito em Pernambuco entre 1862 e 1870. Neste ultimo anno começaram as reacções contra o romantismo em geral e especialmente contra a ultima de suas manifestações.

TOBIAS BARRETO DE MENEZES (1839—89) foi um talento de fortes qualidades communicativas; era um reactor, um abridor de caminho. D'ahi a influencia que exerceu nas tres espheras principaes de actividade a que se dedicou e que correspondem a tres epochas perfeitamente distinctas de sua vida: a poesia, na primeira phase do Recife de 1862 a 1870; a critica de philosophia e de litteratura, no periodo da Escada de 1871 a 1881; o direito, no ultimo estadio recifense de 1882 a 1889.

Agora só temos de ver e muito rapidamente o poeta, um dos maiores que o Brasil tem possuido, em que peze a ferrenhos adversarios que possui, e contará ainda por muito tempo. Ha da parte desses irreductiveis uma perfeita mania que lhes obscurece o espirito e os faz negar o mereci-



mento de um dos homens mais eminentes deste paiz. Fazem-no sempre desasadamente, porém incessantemente : é uma verdadeira obsessão.

Os grandes poetas das primeiras phases do romantismo ou já tinham fallecido, ou estavam mais ou menos mudos, quando foi iniciado o movimento condoreiro. O synchretismo dos factos mostra-nos que Machado de Assis, Fagundes Varella e Tobias Barreto começaram pelo mesmo tempo. Castro Alves seguiu logo immediatamente, e o mesmo foi o caso de Luiz Guimarães. Como se está a ver, são cinco individualidades notaveis que representaram os fóros de nosso lyrismo no decennio que vai de 1860 a 1870. A poesia em Tobias Barreto, comquanto elle não tivesse escripto muito é assás variada em suas feições. Se quizerdes a nota synthetica da evolução humana, tendes nesse grandioso *Genio da Humanidade* ; se preferirdes a nota humanitaria, tendes n'*A Caridade* ; se procurardes a nota liberal em prol dos povos captivos, acha-la-heis na ode *A' Polonia* ; se vos aprouver a nota patriotica, lá está ella em *A' Vista do Recife*, em *Sete de Setembro*, em *Os Voluntarios Pernambucanos*, em



os *Leões do Norte*, em *Capitulação de Montevidéo* ; se for mais de vosso agrado a nota tribunicia contra os máos governos, vos apparecerá em *Decadencia* ; se desejardes a nota philosophica, *Ignorabimus* vo-la dará ; se vos lembrardes da nota sertaneja, ouvi-la-heis em *Os Trovadores da Selva*, *Anno Bom* e *Os Tabaréos* ; se acreditardes ausente a nota psychologica, vos apparecerá em *Vôos e Quedas*, *Lutas d'Alma* e outras ; se duvidardes da nota naturalista, está manifesta em *Lenda Civil e Lenda Rustica* ; se gostardes da nota de pura effusão esthetica, deveis ler *A Mr. Reichert*, *A F. Moniz Barretto*, *A Senespleda*, *A Cortesi*, e muitas mais ; se antes de tudo prezardes nos poetas a nota amorosa, tendes *Leocadia*, *Pelo dia em que nasceste*, *Ideiu*, *Como ? Incredula*, *Contemplação*, e vinte outras ; se julgardes que todo poeta deve ter uma nota comica, lêde — *O Rei reina e não governa* ; se, finalmente, acima de tudo collocardes o lyrismo innominado em sua delicadeza indefinivel, encontra-lo-heis em *O Beija-Flor*, *O Beijo*, *Por brincadeira*... Como nosso fim principal, conforme havemos declarado por vezes, é mostrar a evolução especial-



mente na fôrma, limitamo-nos aqui a um só exemplo ; é *Leocadia* :

Livro de luz, em que o Senhor medita,
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rosas puras a chorar e a rir ;
Alma, que dá-se em alimento ás flores,
De cuja essencia a criação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa, que do céo vos falla...

Vós sois na terra a incarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rutila estrophe de um poema d'ouro,
Livro de luz em que o Senhor medita...
Lagrima d'alva, que no seio calido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Página alvissima em que Deus escreve,
E ás mãos dos anjos não é dado abrir.

Virgem serena, a cujos olhos tímidos
A Jua gosta de fazer perguntas,
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as brisas tenues, a dizer as queixas
D'alguma dôr que só Deos pôde ouvir,
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,
Com as rosas puras a chorar e a rir ;



Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
Rosto banhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma que dá-se em alimento ás flôres,
Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyrios
De cuja essencia a criação trescala.

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos !
Tranças esparsas, joelhada, estatica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das esferas lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellifluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos falla ! !

Temos n'estes versos, verdadeiramente suggestivos, uma antecipação do lyrismo symbolista e encantador de Cruz e Sousa, tanto é verdade que as escholas se vão prendendo umas ás outras pelos élos profundos do pensamento, que se desdobra e evolue. Citamo-los de preferencia a quaesquer outros puramente condoreiros. É que o poeta dos *Dias e Noites* é, a nosso vêr, mais para ser apreciado em suas producções suavemente delicadas, do que nas epico-lyricas.

E mais não nos estenderemos, por evitar a vã censura de pretendermos collocar Tobias Barreto acima de todos os escriptores brasileiros, quando apenas temos procurado vê-lo no logar que lhe compete. O mesmo fizemos por *Gregorio de Mattos* que antes da *Historia da Litteratura Brasileira* não passava de um maldizente que se suppunha desprezível; por *Laurindo Rabello*, considerado apenas um andarilho pornographico em o pensar geral; por *Teixeira de Mello*, inteiramente desconhecido como poeta; por *Celso de Magalhães*, o romancista do *Estudo de Temperamento*, o poeta dos *Calhambolas*, o critico do *Estudo sobre a poesia popular do Brasil*, ainda hoje quasi de todos ignorado; por *Mello Moraes Filho*, que não era devidamente acatado como lyrico; por *L. C. Martins Penna*, cujo valor, como documentador de sua epocha, fomos o primeiro a salientar. Limitamo-nos a lembrar não nos passarem despercebidos os motivos da mania accusatoria movida ao poeta dos *Dias e Noites*. Quem foi o primeiro, entre nós, a bradar contra a influencia deleteria do Rio de Janeiro, contra o prestigio o valor dos mestres portuguezes e, mais ainda, contra a dictadura do pensa



mento francez em nossas letras, não póde ser um homem querido, um escriptor festejado. N'este paiz seria um milagre.

ANTONIO DE CASTRO ALVES (1847-1871), discipulo do poeta dos *Dias e Noites*, teve destino completamente diverso do do mestre: foi sempre o *enfant gâté* dos dispensadores de fama n'este paiz, especialmente depois que José de Alencar e Machado de Assis o apontaram á admiração geral.

O poeta, aliás, não precisava de taes encomios e protecções, por que tinha realmente um grande talento. É que ainda os homens, a despeito de tudo, não apreciam muito os luctadores solitarios e independentes, nomeadamente nas terras onde o empenho é a primeira das forças publicas; até-na esphera das letras tem elle a preferencia a todas as nobres qualidades que um homem haja de possuir.

Apreciemos a poesia em Castro Alves. No genero deixou dous livros; *Espumas fluctuantes* e *O Poema dos Escravos*. Este ficou incompleto; existem apenas dous fragmentos: o episodio d'*A Cachoeira de Paulo Affonso* e o punhado de poesias sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*. O

Poema dos Escravos não era na mente do auctor uma epopeia no velho e vulgar sentido, um enredo, uma acção especial, desenvolvidos, por personagens typicos. Era antes uma collecção de poesias soltas, desprendidas entre si, referentes todas, porém, ao facto social da escravidão. E aqui tocamos o intimo mesmo do talento do moço poeta. Quem o lê attentamente nota-lhe logo dous tons fundamentaes ; o lyrismo gracioso das paixões, dos amores, das effusões individuaes e o cantar brilhante do socialista, do democrata social. As producções em que predomina o primeiro tom são interessantes, mas contam muitas congeneres na litteratura brasileira. Aquellas, em que sobresae a outra nota, possuem poucas similares entre nós.

Castro Alves em nossa historia litteraria representa um duplo papel. Por um lado foi o apostolo andante do condoreirismo.

Não ficou parado no Recife : depois de ter alli luctado em prol da nova poesia, passou á Bahia e d'ahi ao Rio e a S. Paulo. Estes são os quatro centros intellectuaes mais notaveis do Brasil ; nelles o poeta fez-se ouvir e creou adeptos.

Por outro lado tomou muito a serio o seu character de poeta e concentrou ahi todos os esforços e energias de seu espirito. Quiz deixar obra duravel.

Para tanto abandonou por bastante tempo suas preoccupações particulares, seus ephemeros amores, e lançou olhares curiosos á nossa sociedade. Um facto ahi havia que o impressionou sobre todos, o facto cruel e repugnante da escravidão ; e tentou fazer o poema dos escravos.

Ahi vai a sua verdadeira originalidade. Antes e depois d'elle, entre nós e no estrangeiro, alguns poetas tomaram como assumpto de seus cantares o phenomeno extravagante do captiveiro. Mas Castro Alves tem entre todos uma nota especial. É bem verdade que não se collocou em o ponto de vista determinado da escravidão brasileira. Por outros termos, é bem verdade que não fez a psychologia nem a sociologia do escravo, não se poz no meio dos captivos, *nos engenhos e nas fazendas*, para lhes photographar com nitidez naturalistica o viver pungente e as profundissimas miserias.

O poeta não architectou o romance cruel e *realista* dos escravos. Não ; seu caminho foi outro, ensinado, apontado pela indole



mesma de seu talento. Ao poeta bastou-lhe, para o excitar e commover o facto geral e indistincto da escravidão. Só isto foi bastante para levantar-lhe o sentimento, e este sentimento foi a indignação e a cholera. O poeta não desceu a descrever scenas ; alludiu rapidamente a ellas e suppô-las com razão conhecidas de todos. Elle é da familia do cantor dos *Chatiments* ; indignase, encholeriza-se e larga o azorrague nos verdugos, nos oppressores dos miseros captivos.

O espirito de Castro Alves é o de um tribuno, de um agitador ; sua poesia é a expressão natural de seu character, de seu temperamento.

É assim um dos mais nitidos exemplares entre nós do poeta socialista, queremos dizer, do poeta que em sua arte preoccupa-se com certas idéas e problemas que se agitam na vida politica e social da nação.

E não perdeu o seu tempo ; bem ao contrario, este paiz deverá sempre ler, todos os bellos versos em que elle foi o porta-voz, a expressão grandiloqua da consciencia da patria. Antes da lei de 28 de Setembro de 1871, que declarou livres todos os nas-

cidos no Brasil, a poesia já se havia honrado com as *Vozes d'Africa* e o *Navio Negreiro*.

Estas poesias foram avulsamente publicadas em folhas soltas em 1870 e 1871.

Espalharam-se por todo o Brasil, fizeram grande sensação em Portugal, onde tiveram muitos imitadores : foram lá decoradas e recitadas nos salões.

Não terão ellas influido no condoreirismo tardio de Guerra Junqueiro? Nós o cremos bem.

Um critico moderno aconselhou cuidado em distinguir na poesia franceza, especialmente na de Victor Hugo, a eloquencia da genuina e estreme poesia. Esta observação é verdadeira e não póde ser illudida.

Ha muitos trechos na poesia romantica, repletos de imagens, cheios de sonoridades, de requebros, de adjectivações, de apostrophes, que são verdadeiros typos, verdadeiros especiméns de eloquencia. Entretanto, e por via de regra, nem sempre são os mais poeticos.

Este character pertence áquelles em quem se nota mais simplicidade, mais sentimento, mais vida intima, mais sinceridade.



Os povos meridionaes, por indole exaggerados e propensos á rhetorica, quasi nunca observam a alludida distincção.

Gostam das fortes imagens, dos rendilhados das phrases, do farfalhar das palavras, de toda a exterioridade bulhenta, emfim.

Por isso entre nós o que mais agradou de Castro Alves foram os palavrões, as bombas, toda a falsa eloquencia dos versos.

Felizmente salva-se elle na historia, porque teve o bom instincto de escrever bellos pedaços de simples poesias.

Os epigonos se apoderaram do falso estylo e o levaram ao requinte do exaggero. Foi a quarta potencia do gongorismo, verdadeira teratologia litteraria.

Veja-se agora um trecho do bello estylo do poeta :

Boa noite, Maria. Eu vou-me embora.
A lua nas janellas bate em cheio.
Boa noite, Maria ! E' tarde... E' tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite !... E tu dizes — Boa noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu ! Ouve... A calhandra
Já rumoreja o canto da matina ;
Tú dizes que eu menti?... pois foi mentira !
Quem cantou foi teu halito, divina !

Se a estrella d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo da alvorada :
E' noite ainda em teu cabelo preto...

E' noite ainda. Brilha na cambraia,
— Desmanchado o roupão, a espadua núa.
O globo do teu peito entre os arminhos,
Como entre as nevoas se balouça a lua.

E' noite, pois ! Durmamos, Julieta !
Rescende a alcova ao trescalar das flores.
Fechem sobre nós dois estas cortinas...
— São as azas do archanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Ah ! deixa-me aquecer teus pés divinos
No doudo afago de meus labios mornos.

Mulher de meu amor ! Quando aos meus beijos
Treme tua alma como a lyra ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros bebo attento !

Ai ! canta a cavatina do delirio,
Ri, suspira, soluça, ançeia e chora...
Marion ! Marion ! E' noite ainda,
Que importa o raio de uma nova aurora ?

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando :
Boa noite ! formosa Consuelo !

Bellissima poesia, apta a dar uma ideia do estylo do moço bahiense, quando elle queria ser delicadamente lyrico. A funcção historica da eschola condoreira, como já dissemos vinte vezes, foi arrancar a poesia nacional da modorra choramigas em que ella andava a esmorecer e chamal-a a interessar-se por assumptos mais humanos, mais elevados, mais nobres, mais impessoaes, dando-lhe, ao mesmo tempo, um estylo mais vibrante e mais largo ! Fechou o cyclo do romantismo, como tambem já advertimos.

XIII

O primeiro brado de alarma contra o decadente systema no Brasil foi dado pelo auctor d'estas linhas, que aventou a idéa de mudar a litteratura ás velhas trilhas e inspirar-se na critica, na philosophia, na



sciencia moderna. Era em 1870 e em jornaes de Pernambuco. Eis aqui em rapida synthese o que diziamos pouco mais tarde, no prologo dos *Cantos do fim do seculo* : « A poesia é um facto commum, ordinario, vulgar da vida humana, que não deve ter a pretensão de exigir inviolabilidades nem privilegios para si. Como a linguagem, como a mythologia, como a religião, ella perdeu todos os ares de mysterio, depois que a sciencia do dia, imparcial e segura, penetrou amplamente no problema das origens. Este resultado foi devido principalmente á alta critica historica e philologica, depois que o sôpro das sciencias naturaes a fez rejuvenescer.

A poesia é um resultado da organização humana; nada tem de absoluto nem de sobrenatural; nada, por outro lado, de desprezível ou repugnante.

No meio das mutações por que teem passado todos os ramos do pensamento humano, qual o estado a que deve ter ella chegado? qual o seu character de hoje? A epocha de Darwin, Moleschott e Büchner, de Lyell, de Vogt e Virchow é naturalmente a de Comte, Mill e Spencer, de Buckle, Draper e Bagelot. Estes nomes



exprimem a grande transformação das sciencias da natureza invadindo a esphera das sciencias do homem. Todos sabem que a religião, a linguagem e a historia, o direito, a politica e a litteratura são hoje tractados por methodo bem diverso daquelle por que o eram ha trinta annos. Esta nova maneira de sentir e pensar de sabiões e philosophos, num tempo como o nosso não fica incognita e mysteriosa, sem acção sobre a massa dos leitores. A cabalistica do seculo XIX é nenhuma: toda descoberta é logo espalhada aos quatro ventos pela voz dos livros, das revistas, dos jornaes. A popularização da sciencia é um phenomeno dos derradeiros tempos e a melhor conquista da repulsa do sobrenatural. A intuição do grande publico vai mudando, como mudada ha muito se acha a dos homens competentes. Na evolução de todas as manifestações espirituaes, a poesia não pode ficar estacionaria.

Tem-no, entretanto, ficado em grande parte; o impeto das reformas, pelo menos, não é comparavel ao arrôjo romantico do começo deste seculo. A reforma dos principios ha muito anda feita nos livros de analyse; mas a poesia quasi que tem a an-



tiga toada. A nova intuição poetica e litteraria nada contará de dogmatico : será um resultado do *espírito geral da critica contemporanea*. Acima dos combatentes, sem duvida necessarios, que, obcecados por uma vista qualquer particular das novas idéas, falseam a noção do grande todo, estão os espiritos, que se empenham em traçar as grandes linhas do edificio moderno ; acima de todas as doutrinas está a *intuição generica da critica*. A poesia não póde se fazer systematica ; conseguirá sómente embeber-se dos grandes principios da philosophia geral... A arte não é agora uma caduquice, quando a musica rejuvenesceu e a poesia attende a todas as perplexidades contemporaneas e sente-se possivel e fecunda : a arte funda-se hoje na intuição novissima que a sciencia desapaixonada e imparcial vai divulgando. Deve ser uma consequencia e uma synthese de todos os principios que até hoje teem agitado o seculo.» Palavras estas de 1873, que resumiam a propaganda que vinha de annos antes. Nos *Cantos do fim do seculo* e nos *Ultimos Arpejos* o auctor levou a effeito o seu programma de uma poesia philosophica, symbolica e geral.



Entretanto, quasi immediatamente duas correntes inteiramente diversas tinham de vir mudar a feição das cousas e arrastar em suas fallaciosas miragens as intelligencias nacionaes, o *naturalismo* e o *parnasianismo*, isto é, aquelle a pretensão errada de querer fazer arte e poesia sómente com a *observação* e o outro a pretensão, não menos erronea, de querê-las fazer só com os apuros da *fórma* ! Felizmente o tempo se encarregou de destruir taes illusões ; e a novissima e ultima eschola litteraria do seculo que finda, fez voltar os espiritos a uma concepção da arte que se aproxima muito mais da nossa propria doutrina do que das pretensões dos *realistas* e *parnasianos*.

Nosso systema foi desprezado a pretexto de *obsuro no fundo* e *descuidoso na fórma*... Estavamos com a verdade ; era, porém, impossivel fazer parar a corrente, nomeadamente na sua feição parnasiana, a mais facil e a mais enganadora ; porque para ella entraram os maiores talentos poeticos da epocha : Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e outros e outros. Pelo que toca a realismo naturalistico, muito pouco deu de



si em poesia e foi asylar-se no *romance* e no *conto*, onde tambem pouco prosperou. Foi, pois, com immenso gaudio que se nos depararam em plena revolução parnasiana estas palavras do sr. Annibal Falcão no prologo das *Opalas* do sr. Fontoura Xavier : « A falta mais grave de toda a litteratura contemporanea consiste em confundir os diversos elementos da elaboração artistica, dando preeminencia aos *dous inferiores*, isto é, *ora á expressão, ora á observação*. Desta fórma é prejudicada a *idealização*, operação essencial da poesia... » A critica acerba do moço pernambucano passou despercebida, e o erro proseguiu impavido, até que os symbolistas entrassem na arena e limpassem-na das velhas pretensões emperradas. Como amostra de nossa intuição, e para que se veja que não era lá tão abstrusa de *sentido* e tão desconcertada de *fórma*, aqui vai o que escrevemos d'*Alma*, scilicet, do mytho de *Psyché* :

Aqui da frente é que desponta a aurora,
Aqui do peito só que o amor se exhala...
Grega sublime, *Psyché* formosa,
N'um sonho doce quem te ouvira a falla,



O riso meigo, o harmonioso aneio
Dos teus enlevos ! Nas madeixas tuas,
Ah ! quem pousara d'um suspiro, ao menos,
O tenue mimo nas espaduas nuas ! .

Mas, sonhadora, que altivez é essa ?
Deixando os labios, vaes beijar as flores ?
Dá que o teu seio, deslumbrante é meigo,
Nos mostre a vida dentro em seus fervores.
O vento fresco das manhãs saudosas,
O azul da vaga, que desperta agora,
Todo o sussurro que os jasmims despedem,
Por tuas graças é que tudo adora...

Oh ! bella imagem das ternuras brandas,
O teu perfume pelo céu foi feito :
Tu, que acordaste d'uma scisma aos frocos
Envolta e nua do sidereo leito,
Lindo o teu corpo, que as paixões desfolhas,
Já de cansadas de te ver ausente,
Dize : nas dobras de teu seio occultas
Tambem uma alma não palpita e sente ?

Como que a vida se evapora em risos
Lá no sacrario dessa noiva santa !
A nuvem loura dos cabellos soltos,
Rosada a boca, que as manhãs encanta,
Inda mais bella se ás estrellas falla,
Não... não é tudo... mas o puro espanto
Dos seus olhares que reflectem mudos
A gloria e a sorte em divinal quebranto !



Sim, ver-lhe o corpo, na expressão d'um sonho,
Tingida a neve pela cor das rosas,
Tão transparente, que sua alma em extasis
Mostra-se toda nas feições mimosas ;
Ver como um susto lhe descora a face,
Como um anelo lhe entumece o seio,
E' ter a fronte mergulhada em brilhos,
Longe os mysterios desvendando a meio.

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas
Rolando cheia, borbulhando flores,
E sob o collo lhe vêr a alma aberta
Em seus effluvios, dentro em seus fulgores,
Bello espectáculo ! E como todo riso
São devaneios e caprichos vagos,
Como os desejos são ondamentos
D'alguma ideia que suspira affagos !...

O céo brilhante dessa plaga hellenica
Sopra a bafagem perfumosa e amena ;
E lá dos astros desce o encanto fulgido,
A paz, a calma, a mansidão serena,
E com os enleios de serêa languida,
E com os arroubos de bacchante louca,
Todos os sonhos, palpitantes, tumidos
Abrem as azas... A amplidão é pouca !...

E' d'Alma a empresa. Que expansões suaves !
Assim Homero devassava a sorte ;
Platão entrava na sortida, ás vezes,
Trazendo sempre mais um raio forte.

Aqui d'America, n'agitada arena,
Cada um suspiro traz um céu no fundo,
A cada ideia não sacia um astro,
Que nós sentimos vacillar o mundo...

Ah ! nós provamos que o tufão, que passa,
Traz-nos de longe alguma nova infinda ;
Que a flôr aberta á madrugada amavel,
Sabe um segredo que não disse ainda.
Voae, desejos, aquecei-vos todos
A' luz sagrada deste sol que brilha ;
Mas que parece que tambem procura
D'outras grandezas a sonhada trilha !

Ou nos enganamos muito ou esse mixto do mytho da *Psyché* da velha Grecia e das esperanças e ousadias da joven America, alliança do passado e do futuro, especie de symbolo do progresso, não deixa de ter algum valor, e, como fundo e forma, não achamos que tenha desmerecido do aprumo a que tinha chegado a poesia nacional. Os inimigos do critico puderam livremente vingar-se no poeta. Mas, como quer que seja, especie de *conceptualismo philosophico*, de que fomos arauto na lyrica brasileira, teve outros sectarios, sendo os maiores delles MARTINS JUNIOR e TEIXEIRA DE SOUSA. E' uma corrente litteraria que tem



fortes laços de união com a escola realistico-socialista, que se lhe formou ao lado.

JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUSA na ordem chronologica antecede a José Isidoro Martins Junior. Publicou, principalmente na *Idéa*, revista litteraria, em 1875, algumas poesias, onde se nos depara elevada intuição philosophica. As principaes são : *Naturae Vòx*, *Os Dous Amphitheatros*, *Terribilis Vox*, *Redempção*, *Que será ?*, *Aquarella*, *Excelsior*, *A Voz do porvir*, *Canção do patriota*, e poucas mais. De todas, as melhores são as duas primeiras. Parece-nos haver elle comprehendido a doutrina da poesia scientifica ; porque vê-se bem claro não pretender fazer sciencia em verso, e sim pura e simplesmente levar para os dominios da arte a ampla intuição, a visualidade subjectiva inspirada pela sciencia e pela philosophia. Eis aqui um trecho tirado d'*Os Dois Amphitheatros*, uma das poesias do genero mais bellas que existem em lingua portugueza ; o poeta falla do *Colyseu* e da *Igreja* :

Eil-a a enorme ellipse em marmore talhada !
Abobada de pé, arcada sobre arcada,
E mil symbolos d'ouro, emblemas e floreios
Em torno á columnata, a descreverem veios



Artísticos, subtis, corynthios, jonios, doricos,
E em cada capitel poemas allegoricos,
Onde ainda se vê, trazendo rico espolio
De mais uma conquista ao alto Capitolio,
Se debuxar, a par do mytho olympiano,
O carro triumphal do imperador romano.
Aqui está de Marte o carrancudo busto,
Alli a fronte esbelta e bacchica de Augusto.
Abala o amphitheatro a turba em vozeria :
« Ave Cezar ! » — E o rei na excelsa galeria,
Como o cão que fareja inanimada caça,
Sorri-se prazenteiro á toda populaça.
Dá signal o pretor, e das jaulas na arena
Atira-se um leão á frente de uma hyena.
Medem-se n'um momento os rudes combatentes,
As caudas ferem o ar, rosnam por entre os dentes ;
E, como se um tufão roncasse nas collinas,
Lança nuvens de pó o sopro das narinas.
Arremettem de encontro os feros animaes ;
Chocam-se a lacerar aquelles dous rivaes,
E attonitos de pé, estacam de repente
Co'a celeuma que se ergue festival, fremente
Da plebe que os receia, applaude e surprehende.
Por todo o circo, então felino olhar se estende,
Olhar que em cada uma esplendida pupilla,
D'envolta com o desprezo, a cólera fuzila !
O sangue lhe rebenta em jorros das mandibulas
Que batem-se a ranger sem descansar estridulas !
E trava-se de novo a interrompida luta !
As fauces o leão a escancarar, já nuta !
Mas volta-se de um salto, a redobrar de esforço,
E no contrario flanco e no contrario dorso
Crava de uma só vez as aguçadas garras.

Do povo o borborinho estronda em algazarra
Que ao barbaro duello os animaes açulam !
As feras rebramindo enoveladas pulam ;
Rolam ambas por terra e ambas de pé logo
Ensaiam novo ardil n'aquelle feroz jogo :
Até que um uivo surdo, extremo, vacillante,
Mostra a victima exangue, inerme, agonisante,
Cahir no ultimo arranco, os musculos desfeitos,
Inerte o coração nos descarnados peitos !
Era um lago de sangue, a revolvida arena
E o vencedor leão rugia pela scena !
Um moço gladiador e principe que era
Ao circo se arremessa e desafia a féra.
Ao ver que luta nova estava a ser travada
Expande-se em delirio a turba enthusiasmada.
O joven soberano, o cortezão mendigo,
Que esmola uma corôa ao Cezar, seu amigo,
Arrosta do animal a rabida ameaça :
Explora lisongeiro a cobiçada graça,
E ao protector monarcha o seu valor atesta.
— Era mostrar-se o sol no céu daquela festa !
Como que adormecendo á gloria indifferente,
Ou a pensar talvez na sorte inconsequente,
O intrepido animal fôra deitar-se ao fundo.
O altivo imperador ostenta-se jocundo !
« Elle recusa o repto ! » exclama a turba louca.
Anima-se o mancebo, avança até a bocca
Do vencedor feroz e o gladio seu embebe
Na espessa e crespa juba em que veloz recebe
O rapido leão o golpe sem effeito.
O prelio ia ferir-se a peito contra peito !
Dupla animalidade em um só corpo finge
Aquelle grupo em terra a semelhar esphinge !

Acaso as forças d'alma, as forças da materia,
Do espirito o sentir, o circular da arteria
Não pleiteiam tambem contenda tão renhida
No ergastulo fatal do que se chama a vida ?
Lutar para viver — não é esta a divisa
Que a natureza em tudo eterna symbolisa ?
D'um lado a intelligencia e d'outro lado o instincto,
Quem o laurel teria em rubro sangue tinto ?
De Laconte a furia se estorcendo em dores
Parecia o arfar dos dois batalhadores !
Jupiter o sustem ! condu-o alguma Déa
Qual Hercules outr'ora aos bosques de Neméa !
Attenta á cruel pugna a multidão murmura.
Apraz-se inda o leão e o prelio, então, perdura
Indeciso, tremendo, incrivel e assombroso !
Mas como sempre vem o enjôo apoz o gozo,
Aquelle que mais força e armas tem comsigo
Estreitamente aperta o peito do inimigo,
Os ossos seus esmaga, as carnes dilacera . . .
Assim inda esta vez ganhava o pleito a féra !
A juba a sacudir que sangue e pó espalha,
Domina o animal o campo da batalha ;
Rodeia então a presa e ironico a amima ;
Fareja a regia fronte e assenta a pata em cima.
Applauso sobre applauso em frenesi resôa !
Ribomba pelo circo, estronda, além echôa !
O Cezar de sua festa enthusiasmado, ufano,
Decreta ao vencedor o titulo de romano.

A' scena da decrepitude romana oppõe o
poeta a florescia da Igreja humilde e
perseguida ; porém mais tarde, por sua vez

perseguidora e atroz. Sentimos não dar o quadro inteiro.

MARTINS JUNIOR, além de haver publicado as *Visões de hoje*, *Estilhaços* e *Tela Polychroma*, escreveu, sob o título d'*A Poesia Scientifica*, um opusculo, defendendo esta corrente na arte moderna.

Declara nesse livrinho de combate que nós e Teixeira de Sousa fomos apenas precursores da doutrina no Brasil, cabendo-lhe a elle o ter penetrado mais fundamente o sentido da eschola. Póde ser ; continuamos, porém, a acreditar andarmos nós mais bem avisados em dar á poesia apenas de leve a intuição philosophica, por meio de symbolos, de modo a não perder ella sua natural feição lyrica e artistica, do que chamando-a a immiscuir-se directamente em problemas e debates da sciencia. Tal a razão por que, no citado prologo dos *Cantos do fim do seculo*, tinhamos dicto : « A algum juizo, pouco esclarecido, a these capital, que temos desenvolvido, poderá ser tomada pelo *didactismo* poetico. Será uma bem grave dissonancia. Temos horror á poesia didactica ; quem leu Shakespeare, quem leu Schiller sabe só detesta-la. A poesia indomita, a unica que póde viver, é



riso, é delírio. Eschylo e Dante são dous visionarios. Ao menos não deve ella despir sua roupagem de encantos, deixar aquelle ar de gracejos que parece sahir dos labios de uma deusa.

A sciencia é toda grave ; seu methodo deve ser o jogo de principios incontestaveis ; a prosa é a sua natural expressão, prosa severa como as correccões que sabem ter as idéas claramente definidas numa cabeça de sabio. *Nada pôde emprestar á arte, além da grande intuição do mundo e da humanidade.* E é quanto lhe basta para alçar o vôo, despreoccupada e fecunda. O poeta deve ter as grandes idéas que a sciencia de hoje certifica em suas eminencias ; *não para ensinar geographia ou linguistica, prehistorica ou mathematica ; mas para enlevar o bello com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas além das miragens da illusão.»*

Nada mais claro e mais verdadeiro. Em cada um dos themas idealizados nos *Cantos do fim do seculo* disfarçamos symbolicamente a idéa scientifica sob as roupagens do lyrismo, Parece-nos que Martins Junior não conseguiu o mesmo nas *Visões de hoje*, onde o elemento scientifico suffoca a poesia.

Felizmente, em composições mais novas o poeta tem evitado esse defeito e se aproximado da doutrina por nós indicada.

É o que se nota principalmente em *Tela Polychroma*. Eis uma amostra de seu estylo nas *Visões de hoje* :

O' lei da evolução, lei do progresso ! Ateaste
No meu craneo uma luz, alegre como a haste
Que num dia de festa erige uma bandeira !
Ensinaste-me como a infinita fileira
Do povo foi subindo, erguendo-se na Historia,
Até se transformar nessa soberba gloria
Que hoje explende ante nós, impondo aos derradeiros
Reis — a submissão inutil dos cordeiros !
Mostrando-me primeiro os tempos tenebrosos
Em que a Egreja e o Throno, os dous crueis esposos
Riam cynicamente em cima das torturas
Que faziam soffrer ás tristes creaturas
Bafejadas ao ar de crença diferente
Ou nutridas de um sangue heroico, inconfidente ;
Apontando depois ao meu olhar afoito
O crepusculo bom do Seculo Dezoito
Onde, como um corisco em mão do velho Jove,
Fuzilava, bramia o rubro *Oitenta e Nove* ;
E afinal me indicando o sol *Noventa e Tres*,
Mostrando-me como é que as antiquadas leis
Fundem-se ao crepitar da colera do povo,
Quando ella irrompe atroz, viva como um renovo
De arbusto, num jardim...

pozeste-me diante



Uma cousa ideal, translucida, gigante,
Que eu não vejo sem ter os olhos offuscados
E sem o entusiasmo erguer-me n'alma brados !

Esse *aliquid* ingente (O' lei ! eu te agradeço !)
E' da idade moderna o rutilo cabeça
Onde está, como um astro a descrever a ecliptica
E a brilhar, — do Presente a synthese politica !

Aqui as idéas são tão elevadas e revolucionarias como as de Teixeira de Sousa ;
mas a poesia é um pouco inferior.

XIV

O segundo movimento de reacção contra o romantismo foi, pelo mesmo tempo em que se desenvolvia a eschola philosophica, o que se poderia chamar, como propuzemos linhas acima, a eschola *realistico-social*, com os nomes de *Celso de Magalhães*, *Generino dos Santos*, *Sousa Pinto*, *Carvalho Junior*, *Fontoura Xavier*, *Lucio de Mendonça*, *Assis Brasil*, *Augusto de Lima* e outros. *Medeiros e Albuquerque* filia-se neste grupo.

Impossível é estudar um a um todos estes poetas. Ha entre elles um tão prõnunciado ar de familia, que ler um é quasi ter lido todos. E, todavia, cumpre dizer que em *Celso de Magalhães* e *Sousa Pinto* predomina um realismo velado, doce, filho da observação, é certo, porém sem demasiadas cruezas.

Em *Generino dos Santos* e *Augusto de Lima*, certa nota philosophica, no primeiro muito systematica, no segundo mais ampla e desprendida da eiva da eschola. Nos outros a nota politica tem a preferencia : menos *Carvalho Junior*, onde impera o realismo mais crú. Indicaremos uns exemplos para documentar a evolução. Eis aqui a *Flôr Agreste*, de SOUSA PINTO :

A casinha no alto da collina
Esconde-se entre os galhos da mangueira,
Fica ao lado uma roça pequenina
Onde cresce abundante macacheira.

Uma gentil morena — e que mão fina !
Assentada da porta na soleira,
Agita com paciencia-femenina
Os bilros d'almofada costumeira.



Lá no fundo uma velha entre as galinhas
Espalha a refeição de espaço a espaço
Em porções economico-mesquinhas.

Chega um rapaz de foice sob o braço,
Diz á moça : « Bons dias, Mariquinhas »
E atira-lhe uma rosa no regaço.

Falle agora a musa philosophica de AUGUSTO DE LIMA. Eis aqui :

Illusões que eu amei ao despontar da vida,
Bonançosa esperança, esmeraldino mar,
Em que vogou meu berço á viração querida
De suspiros de amor ; oh ! aves de meu lar,
Jardins que alimentou a caricia materna ;
Flôres que desfolhei, cantando e rindo á luz

De aurora fulgurante e que eu julgava eterna !
Um momento deixai vossos nimbos azues,
Onde, ha muito dormis, e vinde, em revoadas,
Robustecer-me a crença, encher-me o coração,
Deslumbrar-me na luz de vossas alvoradas
E povoar emfim a minha solidão.

Multiplique-se em vós minha alma a cada passo,
Como a côr no crystal prismático do espaço
E haura em vossa memoria o intrepido vigor,
Para sempre me achar, valente luctador,
Da vida social na porfiada liça,
Ao lado do Dever e ao lado da Justiça.



Vós sois o meu passado e sois o meu porvir,
Ensinando-me o Bem e dando-me a sentir
A eterna aspiração, que o homem nunca perde,
Porque é a propria Esperança o grande pendão verde,
Atrás do qual desfila o exercito vital
Das almas á conquista augusta do Ideal.

O poeta das *Contemporaneas* é, por certo, um dos mais illustres do Brasil ; tem composições de primeira ordem, como *Faust*, e mereceria um caprichoso estudo, que não póde aqui ser feito. Cumpre-nos apenas destacal-o em meio á pleiade em que fulge.

Muito distincto tambem é o poeta das *Opalas*, FONTOURA XAVIER, o rei do *triolet*, e um dos mais ardentes lyristas dos ultimos tempos. Ei-lo que nos mostra a *Flor da Decadencia* :

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro !
Na tumular nudez d'um povo que descança,
As creações do Sonho, os fetos da Esperança
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro.
E' mais uma illusão, um feretro que avança...
Dizem-me — Deus... Jesús... outra palavra mansa
Depois um som cavado — a enxada do coveiro !

Minh'alma, como o monge á sombra das clausuras,
Passa na solidão do pó das sepulturas
A desfiar a dôr no pranto da demencia.

— E é de cogitar insano n'essas cousas,
E' da suppuração medonha d'essas lousas
Que medra em nós o tédio — a flor da decadencia !

Do grupo que vamos agora indicando, o poeta que vibra com mais vigor a satyra politica, é, sem contestação, LUCIO DE MENDONÇA. E' um terrivel pamphletario em verso ; tem paginas que lembram os *Châtiments* de Hugo. Como completo modelo do genero sentimos não ter á mão, para citar, os versos dedicados á entrada de certo ex-republicano para o senado imperial. Não existem melhores na lingua portugueza. Na falta, ouçamos *Consortio maldito* :

E é um rude sujeito honrado e generoso,
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina ;
É de antiga nobreza ; e é da raça felina
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso,
Sobre o peito do athleta o regio busto inclina,
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina
E despoja-o. E elle, o bom e cego esposo,



Deixa-se despojar, e trabalha, calado.
Ella com uns padres vis anda de mancebia,
E, fartos, riem d'elle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barregã sombria,
Elle, um trabalhador estúpido e enganado :
— Elle chama-se — Povo, e ella — Monarchia.

F. A. DE CARVALHO JUNIOR, morto
muito joven, deixou-nos um drama — *Pa-
risina*, alguns folhetins e duas duzias de
sonetos, verdadeiramente apreciaveis pela
correccão, pela naturalidade, pelo sabor do
mais completo realismo. Eis aqui uma
prova :

Quando, pala manhã, contemplo-te abatida,
Amortecido o olhar e a face descorada,
Immersa em languidez profunda, indefinida,
O labio resequido e a palpebra azulada,

Relembro as impressões da noite consumida
Na lubrica expansão, na febre allucinada,
Do gozo sensual, phrenetico, homicida,
Como a lamina aguda e fria de uma espada.

E ao vêr em derredor o grande desalinho
Das roupas pelo chão, dos moveis no caminho,
E o *boudoir*, emfim, do cahos um fiel plagio,



Supponho-me um heroe da velha antiguidade,
Um marinheiro audaz após a tempestade,
Tendo por pedestal os restos d'um naufragio !

Bella scêna, tanto quanto a pintura de
situações d'um grosseiro realismo pode ser
bello.

XV

A eschola realistico-socialista foi uma verdadeira transição para o parnasianismo. Quasi todos os poetas deste ultimo systema, antes de se dedicarem ao culto exaggerado da fôrma, tinham vibrado o alaúde revolucionario, ou tinham pedido aos processos da pura observação as inspirações para seus quadros. No grupo dos parnasianos acham-se quatro dos maiores poetas do Brasil nas duas ultimas decadas do saculo XIX : *Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac* e *Alberto de Oliveira*, egualados apenas por *Luis Murat, Luis Delphino* e pelo inditoso *Cruz e Sousa*. Aquelles

quatro notabilissimos filhos das musas têm tambem entre si um pronunciado ar de familia, sendo difficil differencial-os inteiramente. Na eschola romantica as grandes individualidades guardavam maior distancia de umas e outras. Basta lêr uma pagina de Alvares de Azevedo e de Gonçalves Dias para nunca mais se poder confundir um com outro. Já não é inteiramente assim entre os parnasianos ; e a razão é que aquelles se distinguiam pelas idéas, pela concepção que tinham do mundo e da humanidade. Estes, não fazendo caso sinão quasi puramente da fórma, levaram-na a um supremo apuro em que ella, por assim dizer, se crystalliza, toma feições uniformes e acaba por constituir-se um *canon* immutavel dentro do qual têm de se mover as inspirações dos poetas. Dahi o ar de similhaça de todos elles. Fará, porém, injuria a esses magnos talentos, e peccará perante a critica, quem não tiver perspicacia bastante para sentir e notar as differenças na apparente uniformidade da eschola.

Na impossibilidade de estudar miudamente cada um delles, dar-nos-hemos por felizes si conseguirmos definil-os em quatro rapidas formulas.



RAYMUNDO CORREA, por suas poesias, revela-se dos quatro a alma mais selecta, mais distincta e mais verdadeiramente sentida. Não encontramos em seus versos más paixões, affectos grosseiros, ou siquer duvidosos, sinão grandes e nobres effusões de um espirito de *élite*. Tem mais sentimento do que imaginação ; mais coração do que faculdade creadora ; mais ternura e graciosidade do que força. Meiga, discreta, contemplativa, sua musa tem provado o travor das luctas de nosso tempo ; mas, quando canta, sabe fazel-o com certa compostura, num tom de dignidade, que lembra produções, da musa classica, quando fallava, por exemplo, pela bocca de um Racine.

Lêde *As Pombas, A Chegada, Missa Universal, Sobre um trecho de Millevoye, O Anoi-tecer, Cahir das folhas, Rio Acima, Mal Secreto, A avó, O vinho de Hebe, Ouro sobre azul, Despedida, Plena nudez, Desdens, Chuva e Sol, Aspasia, Noites de inverno, Na primavera, Passeio Matinal, Lembrança, A saudade, Tumulo aereo, Versos a um artista, Luizinha* e outras e outras, e vereis que temos acertado. Nas mãos deste poeta, e de seus companheiros, a plastica artistica chegou a um tal gráo



de perfeição que difficil se torna fazer preferencia desta ou daquella de suas produções. É lêr ao acaso. Mas eis aqui *Mal secreto* :

Se a colera que espuma, a dor que mora
N'alma e destroe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse ;

Se se podesse, o espirito que chora
Vêr, atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse !

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa !

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura unica consiste,
Em parecer aos outros venturosa !

Como esta fórmula é perfeita, é correcta, é pura ; mas tambem como é sentido o brado do poeta ! Comprehenda-se, entretanto, que isto é o romantismo na melhor accepção,



depurado na essencia e rejuvenescido na
estructura da metrica. Eis o *Tumulo*
aereo :

Com que tocante e singular tristeza,
Entre os Natchez, a mãe, que acerba e dura
Perda de um filho soffre, a atroz crueza
Das proprias dores illudir procura !

Põe-no em cama de flores, que pendura
A um galho, por cipós torcidos presa :
Cantam aves por cima... e a correnteza
De um rio embaixo flúe, trepida e pura...

Das arvores suspenso e entre as ramagens,
O morto infante jaz ; frouxa, macia
E mollemente, embalam-no as aragens ;

E em branda oscillação suave e doce,
Seu tumulo alli fica, noite e dia,
A balouçar, como se um berço fosse...

Ainda aqui a inspiração é segura e a
fôrma esplendida. Leiamos *As pombas* :

Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra...enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada.



E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes ;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Parece uma canção de Heine, pela delicadeza do sentir, ou de Gœthe, pela perfeição irreprehensivel da fôrma.

Si tivessesmos de fazer um estudo, por limitado que fosse, do poeta, haveriamos de fallar de suas producções politicas e das humoristicas, insistindo peculiarmente na intuição philosophica que sae de suas obras. Não é aqui o logar.

THEOPHILO DIAS foi como seu patricio, autor das *Symphonias* e das *Alleluias* (ambos são maranhenses), um extraordinario cultor da fôrma. Teem entre si muitos pontos de contacto o que se explica pela

confissão do mesmo credo litterario e pela natural convivencia mantida entre ambos nos bancos academicos em S. Paulo, onde foram collegas. Em Theophilô ha porventura mais colorido e mais profusões lyricas ; ha, talvez, mais calor nas inspirações amorosas e mais audacias nas politicas e sociaes. Raymundo o excede na elevação das idéas, na variedade dos pensamentos, num quer que seja de serenidade olympica, que só se encontra nos grandes genios da arte.

Si não fosse uma extravagancia comparar os dous moços brasileiros, um dos quaes morreu muito joven, tendo apenas publicado trez pequenas collecções lyricas, e o outro, vivo ainda, que tambem é ainda muito joven, tendo publicado igual numero de collectaneas, si não fosse uma extravagancia, nós diriamos que em Raymundo ha algum raio do genio lyrico de Gœthe e em Theophilo Dias alguma nota dos ardores de Schiller. Estes parallellos devem ser entendidos *cum grano salis*. Como quer que seja, cumpre accrescentar ser mais forte a imaginativa no auctor dos *Cantos Tropicães* e das *Fanfarras*, do que em seu amigo e emulo.



Para justificar quanto havemos dicto, mostremos ao leitor apenas *Procellarias*, genero politico-social, e *A Matilha*, genero sensualistico-amoroso.

E comecemos por esta, que é uma das paginas superiores do lyrismo universal :

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Allucinadamente, a presa mal ferida.
Um, fitando o olhar, sonda a escura folhagem :
Outro consulta o vento ; outro sorve a bafagem ;
O fresco, vivo odor, calido, penetrante
Que na rapida fuga, a victima arquejante
Vae deixando no ar, perfido e traiçoeiro ;
Todos, num turbilhão phantastico ligeiro,
Ora em vortice, aqui se agrupam, rodam, giram,
E, cheios de furor frenetico, respiram,
Ora, cegos de raiva, afastados, diversos,
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos dispersos,
Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem num momento os valles e as collinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam-se febris em direcções oppostas,
Té que da presa, enfim, nos musculos cansados
Cravam com avidéz os dentes afiados.

Não de outro modo, assim meus soffregos desejos,
Em matilha voraz de allucinados beijos,
Percorrem-te o primor ás languorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,



Frescas ondulações de fôrmas florescentes
Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes :
O dorso avelludado, electrico, felino,
Que poreja um vapor aromatico e fino ;
O cabelo revoltado em aneis perfumados,
Em fôfos turbilhões, elasticos, pesados ;
As fibrilhas subtis dos lindos braços brancos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos,
A exacta correcção das azuladas veias,
Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,
— Tudo matilha audaz, perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha, explora, e anhelante respira,
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vae encontrar a presa, — o gozo — em tua bocca.

Só um mestiço brasileiro, e Theophilo Dias o era, poderia escrever versos tão ardentes, tão sensuaes e, ao mesmo tempo, tão doces, tão meigos, tão acariciantes, tão delicados ao ouvido de sua amada ! Neste sentido a lyrica brasileira é uma das mais completas e perfeitas que existem. Desde os tempos do romantismo até as ultimas escholas temos produzido no genero certamente algumas das mais bellas peças da poesia universal. O lyrismo, e só elle, tem sido o nosso forte em litteratura. E Theophilo Dias é ahi um dos pontifices magnos. Ouçamos-lhe umas notas humanas, sociaes. Leiamos *Procellarias*.

É ainda o mesmo poeta imaginoso,
fluente, abundante, correctissimo.

Rasgando a flôr de um mar sem rumor, largo e plano,
Um sulco de ouro e luz — teso o concavo panno,
Ao galerno fugaz, que as velas arredonda,
O navio veloz resvala de onda em onda.

E' transparente o céu, liso o mar ; calmo o espaço
E do vento e da vaga ao rythmo, ao compasso
Que faz rolar sobre um — outro bordo — a pupilla
Do gageiro perscruta a vastidão tranquilla,
Cravado no horisonte o olhar profundo e agudo.
Tudo é limpido, azul ; é paz, bonança tudo.

Mas eis que de improviso umas aves estranhas,
Que parecem o vôo arrancar das entranhas
Do horisonte longinquo ainda ha pouco vazio,
Em nuvens sobreveem demandando o navio,
Mosqueadas de negro, audazes, agoureiras,
Contornam o maçame e as vergas altaneiras,
Sinistras pipilando entre as velas redondas,
Rasgando a superficie intermina das ondas.

São ellas que lá veem, as *procellarias* ! — Logo
Phosphorecendo, o mar vibra sulphur e fogo ;
Torna-se escuro o ar, negro o céu ; e a tormenta,
De subito cahindo, horrisona rebenta ;
Pesa no espaço a treva ; esfusiam os ventos ;
Cortam a escuridão relampagos sangrentos,



A voz do temporal desfeito sobrepuja
A grita de terror, que levanta e maruja,
Ao tenebroso céo, tranzida de agonia.

Mas, renascendo a calma e repontando o dia,
Na deserta amplidão das vagas solitarias,
Té onde alcança o olhar, já não ha *procellarias*,
Assim veem, assim vão as bravas avesinhas,
Affrontando o furor das tormentas marinhas ;
Desdenhosas da paz, fugindo á calmaria,
Libradas nos tufões. A luta as inebria.

Os genios são assim ; como as filhas do oceano,
Pairam sobre os vulcões do pensamento humano,
Arrostando do mal a infrene tempestade,
— Precursores do bem, e nuncios da verdade ;
O torpor lhes repugna ; o combate os convida ;
Só a lucta os attrai, porque a lucta é a vida.

Versos, como estes, não são muito com-
muns e vulgares em todas as linguas.

ALBERTO DE OLIVEIRA é, d'entre os
quatro poetas maiores em cujo numero o
collocamos, o que parece ter tomado mais
a serio a sua missão de artista do verso.
E' o que tem mais escripto e publicado
mais. *Canções Romanticas, Meridionaes,*
Sonetos e Poemas e Versos e Rimas, são
collecções suas apparecidas umas sobre as
outras. Dos quatro é o que tem peças mais

bem acabadas, feitas com mais capricho e mais fino lavor, num vocabulario mais abundante e mais escolhido. Em compensação é o mais frio, o que mais descobre o esforço, o *parti pris* de fazer bonito, e, por mais que o queiramos esconder, é impossivel negar uma tal ou qual affectação que sae de algumas de suas paginas. Defeito é este, porém, que lhe não apaga o grande merito e que deve mais ser posto á conta da eschola do que notado em desfavor do poeta.

De todos os seus companheiros elle é o *parnasiano* em regra, extremado, completo, radical. Por isso, si tem do systema as vantagens, possui tambem em mór escala os sinões. As boas qualidades predominam. É o mais abundante e talvez o mais imaginoso poeta brasileiro ao lado de Luiz Delphino e Luiz Murat. Quem se quizer convencer leia *O Leque, Canção da Ilha, Viajando, A arvore, A lagarta, A borboleta azul, Per tenebras, A cruz da montanha, A enchente, As tres formigas, Historia de um coração* e muitas outras.

Notará tambem o que o lêr attentamente que é elle o maior paizagista entre os nossos poetas dos ultimos trinta annos.



Para dar amostra rapida de seu estylo,
citamos aqui o soneto *Ultima Deusa* :

Foram-se os deuses, foram-se, em verdade ;
Mas das deusas alguma existe, alguma
Que tem teu ar, a tua magestade,
Teu porte e aspectó, que és tu mesma em summa.

Ao ver-te com esse andar de divindade,
Como cercada de invisivel bruma,
A gente á crença antiga se acostuma,
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,
O alvo collo onde, em quedas de ouro tincto,
Rutilo róla o teu cabelo esparso...

Pisas alheia terra... Essa tristeza,
Que possues, é de estatua que ora extincto
Sente o culto da fórma e da belleza.

Ahi está o lyrico enamorado da fórma,
expressão suprema da belleza, na opinião
dessa casta de sonhadores e elles não dei-
xam de ter em immensa parte razão.

Mas eis agora alguma cousa que define
melhor talvez o nosso poeta : é *Vaso*
grego :



Esta de aureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia
Já de servir aos deuses agastada
Vinda do Olympo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Theus que a suspendia
Então, e ora repleta ora esvasada
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas petalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, ás bordas
Finas has-de lhe ouvir, suave e doce.

Ignota voz, qual se da antiga lyra
Fosse a encantada musica das cordas,
Qual se essa voz de Anachreonte fosse.

Este poeta é um contemplativo da natureza, da vida, onde procura acima de tudo as fórmulas doces, esplendidas, attrahentes, que o extasiam. O mundo exterior é que lhe fornece a materia e as côres para seus quadros.

A alma humana, na variedade infinita de suas luctas e agitações, raro lhe merece um olhar investigador.



OLAVO BILAC é um temperamento inteiramente diverso. Mobil, activo, ironico, fez facilmente, apesar de muito moço, a volta inteira em torno aos homens e ás cousas, ajudado por seu temperamento irrequieto e escarninho, chegando a attingir a serenidade do *humour*, que é a indiferença superior á alegria e á magôa.

Dahi o traço principal de seu poetar : é ardente, sentido, sem ser triste ou melancolico ; é apaixonado, sem ser sentimental e choramigas.

O poeta nelle ha de ser estudado e commentado com o auxilio do folhetinista endemoniado, que tambem nelle reside. É um dos poucos em nossa raça que teem conseguido o *humour*, sem precisar de se fazer metaphysico, remontado, nebuloso, extravagante, como o auctor de *Bras Cubas*.

Se Theophilo Dias é o mais ardente, Raymundo Corrêa o mais sereno, Alberto de Oliveira o mais artista destes poetas, Olavo Bilac é o mais espontaneo, o mais natural de todos elles.

Os versos lhe saem correntios, deslisam-lhe doces e maviosos como se fossem fallas decoradas e repetidas sem o minimo esforço. Em suas composições avultam dous generos



principaes : idealisações historicas, feitas com invejavel maestria, e effusões amorosas como não ha melhores em linguas românicas. Do primeiro numero são, entre outras, — *O sonho de Marco Antonio*, *Delenda Carthago*, *O julgamento de Phrynéa*, *A tentação de Xenócrates*. No segundo grupo acham-se todas as pequenas peças, esses admiraveis sonetos que enchem a secção a que deu, em seu volume de poesias o nome de *Via-lactea*.

O *Intermezzo* de Heine, que é uma das cousas mais bellas produzidas pela musa universal em todos os tempos, tem muitas vezes mais conceito, mais profundeza, porém não tem mais brilho, nem mais mimos. Como fórmula e como manifestação lyrica, a *Via-lactea* é um dos pontos culminantes na poesia moderna em lingua portugueza. Deve ser lida em seu conjuncto para se bem apreciar na multiplicidade de seus tons.

Destacaremos dous fragmentos para estudo comparativo :

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Saí, ancioso por te ver ; Corria...
E tudo ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.



E tudo me fallou, tudo ! Escutando
Meus passos, atravez da romaria
Dos despertados passaros o bando :
« — Vai mais depressa ! Parabens ! — » Dizia.

Disse o luar « — Espera ! que eu te sigo :
Quero tambem beijar as faces della ! — »
E disse o aroma : « — Vai, que eu vou contigo ! — »

Ceguei : e, ao chegar, disse uma estrella :
« — Como és feliz ! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvil-a e vêl-a ! — »

É bello isto e d'uma belleza simples,
singela como costuma ser a boa poesia.
Mas, cousa melhor :

— Ora (direis) ouvir estrellas ! Certo
Perdeste o senso. — E eu vos direi, no emtanto,
Que para ouvil-as, muita vez desperto
E abro as janellas, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto
A via-lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso em pranto
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora : — Tresloucado amigo !
Que conversam ellas ? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo ? —

Eu vos direi : Amae para entende-las !
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas —.

Todo o lyrismo nas grandes litteraturas segue esta evolução ; começa por descrições de scenas simples da natureza ; passa depois a descrever os phenomenos mais complexos do mundo exterior ; após apparecem as narrativas de factos historicos, e, quasi ao mesmo tempo, a reproducção de lendas e tradições populares ; mais tarde surgem as scenas sociaes, domesticas, os mais quadros de costumes sorprendidos ao vivo ; só posteriormente é que o mundo subjectivo e psychologico entra em acção. Esta ultima phase divide-se em dous grandes momentos : no primeiro apparecem apenas os sentimentos elementares, por assim dizer ; o poeta dá-nos conta de suas alegrias ou de suas tristezas, fazendo-nos a narrativa dos seus amores ; no segundo momento, que é a phase final de todo lyrismo, surge a alma humana em sua integralidade e as situações complicadissimas do espirito são o thema predilecto da poesia. Ha algumas paginas destas em Gœthe, em Shelley, em Byron, em Vigny, em Musset, em Uhland, em Heine, em Tennyson e pouco mais. Nosso lyrismo, por emquanto, não passou das primeiras situações da evolução chegando apenas, nos seus melhores



representantes, ao primeiro momento do ultimo periodo.

Olavo Bilac, com todo seu merecimento, não desmente a regra geral da evolução lyrica no Brasil.

Sua poesia, com ser limpida e brilhante, não é ampla e profunda, como uma reprodução fiel das grandes magoas, dos imensurados tormentos, dos insondaveis abysmos do coração moderno.

XVI

Nem podia ser por outra forma. A ultima expressão do lyrismo só chega quando a sociedade tem experimentado as grandes vicissitudes do viver historico, as fundas dores da evolução lenta e complicada da vida dos povos. Só depois d'essas magnas luctas, que se exprimem no drama, na comedia, no theatro em summa, no romance é que o lyrismo attinge a forma suprema, e vale por si só qual uma philosophia inteira. Isto nos leva naturalmente a fallar de LUIZ MURAT, que figura, como diver-



gente dos românticos e dos parnasianos em o n. XVI de nosso quadro synoptico. Não é tão estimado, talvez, quanto os quatro evangelistas do parnasianismo, cujas rapidas silhouettes acabamos de traçar. É que sua leitura não é tão facil, tão simples ; convida mais a pensar.

Tem mais obscuridades e extravagancias do que qualquer delles ; mas, em compensação, mostra mais personalidade, mais força, mais profundeza do que todos elles. Não se parece com os outros ; tem feições proprias, e isto é tudo em litteratura e arte. Quando quer ser mimoso, delicado e meigo, sabe ser como quem mais o sabe ; e quando quer voar longe nos surtos do pensamento sobe até onde os outros não podem chegar. É muitas vezes diffuso ; mas, quando brilha, torna-se transparente, diaphano como a luz meridiana. Tem quasi a imaginação de Luiz Delphino, tendo mais profundeza de pensamento e mais philosophia do que elle.

De todos os nossos poetas é o que vae se approximando da ultima phase da evolução do lyrismo, penetrando no solio d'alma humana. Só Cruz e Sousa ahi o eguala, ou o excede talvez. Em suas variadas pro-



duções podem-se distinguir tres ordens principaes : amorosas, philosophicas e phantasiosas. Entre estas, que teem um cunho de originalidade muito pronunciado, contam-se no segundo volume das *Ondas* ; *Uma Visão*, *Phantasma*, *A Zagala*, *A Moça e o Rouxinol* ; e no primeiro volume, *Atravez do passado*, *Canção das perolas*, *Concertante nocturno*, *Rouxinoes do coração*, *A Concha*, *A Vingança de Sileno*, peças todas estas que, no seu genero são das mais bellas que se podem ler.

Entre as philosophicas destacam-se — *A Roda de Ixion*, *Depois do Calvario*, *Sanie Universal*, *Sonho apocalyptico*, *Salemno*, *A Tristeza do Cahos*. O lyrismo amoroso abrange a mór parte das produções do poeta (1). Ahi as effusões de su'alma, que é a de um forte, irrompem num torvelinhar de phrases rutilas, canoras, irizadas e amplas, numa facil abundancia, que estão a indicar a riqueza do manancial d'onde brotam. Exemplo :

(1) Vide em nossos *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea* — o estudo consagrado ao auctor das *Ondas*.

Custa tão pouco perdoar, formosa !
A' noite o insecto a flôr persegue, e, enquanto
A flôr o insecto esconde na cheirosa
Petala, e o orvalho como argenteo pranto

Côa-se leve pelas urnas de ouro :
E o valle estende uma penumbra fresca,
Macia como o teu cabelo louro,
Ou como a tua pelle romanesca ;

A' noite, quando o olhar procura, ancioso,
Do valle em meio a sombra que o procura
E rola, ao longe, o mar tardo e queixoso,
E a voz do vento ás ondas se mistura ;

Quando um sorriso outro sorriso doura,
E a alma fica mais pallida e mais louca ;
Quando o beijo como uma vaga estoura
E em flócos se desfaz de bocca em bocca ;

Quando a alegria, buliçosa e douda,
Pelos pomares, rindo, se derrama,
E a natureza, como n'uma boda,
Nas tetas cheias das estrellas mama ;

Quando uma nuvem põe o pé de manso
Na espadua de algum rio ou de algum monte,
E vai a lua em placido balanço
De um horizonte para outro horizonte ;



Quando a folhagem murmura palpita,
E os ninhos tremem, voluptuosamente ;
Quando arqueja o bambual e a aragem grita
E arde no espaço o rutilo crescente ;

Quando o rio de vaga em vaga chora,
E os montes, como brancos minarettes,
Surgem da sombra ao despontar da aurora,
Campindo o azul de fulvos ramalhetes,

E desfolha-os depois e os montes salta ;
Quando as extensas curvas das campinas
A madrugada de aureo friso esmalta
Desabrochando as rosas purpurinas ;

Quando um rumor de plumas o ar sacode
Talvez porque se afastam as estrellas ;
E vae por entre as flôres como uma ode
De ouro — o canario de azas amarellas ;

Quando a poesia — alegre borboleta —
Quebra o casulo e parte e ouve-se o riso
Que ella deixou na sombra, alva e irrequieta
Como o que Eva deixou no paraizo ;

Quando a floresta, como um livro aberto,
Não sei que encanto ás aves offerece,
E como o sonho da alma está mais perto,
Mais perto o céu dos olhos nos parece ;



Quando o beiral das casas a andorinha
Deixa e os espaços placidos percorre,
Como no Oceano a perola marinha,
Como na face a lagrima que escorre ;

Só atravez dos bosques e dos prados
E dos alegres passaros distante,
Caminho, e elles nas azas descansados,
Em côro, chamam-me o phantasma errante.

Perdôa-me !... nas trevas de onde saio,
Como uma sombra triste e silenciosa,
Vive minh'alma, e emtanto o mez de maio
Brinca e ri entre as arvores, formosa.

Nosso fito primordial, neste esboço de
nossa poesia em quatro seculos, é mostrar
o fio da evolução, o normal desdobramento
das escolhas, dos systemas, indicando, prin-
cipalmente, as transformações do estylo, da
plastica artistica. O leitor intelligente irá
pegando em flagrante as modificações da
lingua e da fórma, bastando-lhe percorrer a
distancia que vai de um Bilac, ou de um
Murat a um Bento Teixeira, ou um Santa
Maria Itaparica.

Collocamos entre os divergentes do par-
nasianismo, além do auctor das *Ondas*,
Mucio Teixeira, *Emilio de Menezes*, *João*



Barretto de Menezes, Theotônio Freire e França Pereira. Muito haveria a dizer destes talentosos poetas : somos, porém, forçados a indicá-los apenas.

XVII

Temos pressa de apreciar o ultimo periodo da evolução da poesia brasileira no final do seculo XIX e rapidamente fallar dos symbolistas. Infelizmente só poder-nos-hemos deter ante *Bernardino Lopes e Cruz e Sousa.*

Se tivéssemos de estudar, um a um, os poetas, todos os que ainda nestas paginas não foram contemplados, esta memoria tomaria proporções que lhe não podemos dar. Mas vejamos os dous famosos symbolistas brasileiros.

BERNARDINO LOPES, se nos é licito assim escrever, pois o poeta assigna sempre e systematicamente *B. Lopes*, tem hoje quarenta annos de idade e escreve ha mais de vinte. Tem neste periodo publicado os seis livros seguintes :



Chromos (1881), *Pissicatos* (1880), *D. Carmen* (1890), *Brazões* (1895), *Sinhá Flor* (1899), *Val de Lyrios* (1900). Promette publicar ainda *Hellenos* e *Hymverno*.

Tem atravessado duas phases e possui duas maneiras de poetar.

A primeira, mais espontanea e brilhante, pôde-se filiar no parnasianismo e acha-se em *Chromos*, *Pissicatos*, grande parte dos *Brazões*, e tambem em parte em *Dona Carmen* e *Sinhá Flor*. A segunda, que se distingue por certa feição de affectada religiosidade e pretendido mysticismo, é que se costuma prender ao chamado symbolismo. Achamos preferivel a primeira; porque nella melhor se apreciam as boas qualidades do poeta, que consistem no brilho da phrase, na riqueza das imagens, na facilidade do verso e da rima.

Preferimos vê-lo, em amoroso enleio, entre as *princesas*, *marquezas*, *duquezas*, *condessas* e *fidalgas* de toda a casta, em cujo convivio parece passar a existencia, do que ouvi-lo a entoar *Ave Maria* e *Ladainhas* em louvor de *sanctas*. Esta ultima attitude elle a tomou desde a parte final dos *Brazões*, que intitolou *Val de Lyrios*, e



no livro, recentemente publicado, a que poz
egual titulo. Por isso mesmo neste volume
agradam-nos mais as peças que se prendem
ao seu primeiro estylo.

Neste caso estão — *Minha Varanda, As
Flautas, Berlinda, Missa d'alva, Maio
Festivo, Guitarrilha, Stancias, Analia e
Andorinha*. Como exemplo do doce e va-
loroso parnasianismo de Bernardino Lopes
seria preciso citar quasi todos os *Brazões*.
Contentemo-nos com este soneto :

N'essas manhãs alegres, perfumadas,
De ether sadio e claro firmamento,
Acariciando o mesmo pensamento
Percorremos o parque, de mãos dadas,

Aves trinando em cima das ramadas,
Alvos patos e um cysne a nado lento
Sobre as aguas do lago, n'um momento
Pela braza do sol ensanguentadas...

Brilha o sereno tremulo nas pontas
Do vistoso gramal, como se fosse
Solto rosario de opalinas contas...

Emquanto uns casos rusticos de aldeia
Eu vou narrando-lhe, em linguagem doce,
Escuto a queixa de seus pés na areia !

Tão bellos e mais bellos ainda do que este, outros muitos existem em seus livros.

« A inexperiencia de alguns poetas noveis no Brasil, pelos annos de 1874 em deante, levou-os á imitação de poesia martellante, emphatica, de Guerra Junqueiro, com indizível escandalo das patrias musas. » Isto dissémos nós já vai para bastantes annos. Referiamo-nos á influencia desastrada de *Morte de Dom João* na poesia nacional. Hoje não podemos, sem faltar á ainda mais elementar verdade, deixar de profligar a influencia, mais nociva ainda, *Os Simples*, do vate lusitano. Tem sido um verdadeiro desastre.

Depois que o auctor d'*A Velhice do Padre Eterno*, quiz se fazer singelo, crente, e mystico e entrou a emparelhar os versinhos de quatro, cinco e seis syllabas das velhas xacaras, no depravado e ignaro choto de

Toc, toc, toc, molleirinha santa...

a chusma dos imitadores, como um bando de gralhas esfaimadas sobre um arrozal, caiu em cima d'aquillo e tem sido um nunca acabar. Volumes inteiros teem ahi



surgido naquella monotona toada. O nosso *Bernardino Lopes* caiu tambem no laço e entrou a escrever cousas destas :

Bemdito, santo, louvado seja...
Côro de gloria, dentro da igreja,
Para a agonia do espaço vem ;
O oleo da magua na tarde escorre,
Que é como o lyrio : recende e morre.
Belem... Belem...

Faz realmente pena ver um poeta de talento real, que escreveu algumas das melhores poesias da lyrica brasileira, escravizar-se assim, sem a menor necessidade, ao simples capricho de uma moda detestavel e sem futuro. E, como desejamos apagar qualquer resaibo de desgurado que, porventura, possam deixar estas palavras de censura que a verdade nos impoz, appellaremos do poeta para elle mesmo, citando-lhe estes versos :

Vieram contigo, flor de primavera,
Na brilhante explosão de aureas phalenas
E andorinhas gazis, abrindo as pennas,
O sonho azul, a fuigida chimera...



Entre os lauréis de ramos de hera,
Myrthos floridos e humidas verbenas,
Rindo, talvez, ás doces cantilenas,
Abrem-se os ninhos, meigamente, á espera

Da aza primeira e do primeiro beijo...
E este aroma de rosas, este harpejo,
O sonho azul, a fúgida chimera,

Ferindo a luz do amor, a luz querida,
Que esta alma aquece e me illumina a vida,
Vieram contigo, flôr de primavera !

De tudo evidencia-se não dever ser o lugar do poeta dos *Brazões* entre os symbolistas. É apenas uma transição para elles; seu posto mais exacto deverá ser entre os parnasianos.

Não assim CRUZ E SOUZA, a muitos respeitoos o melhor poeta d'entre os nossos symbolistas,

É o nosso symbolista puro, o rei da poesia suggestiva; e, cousa singular nelle não se encontram uma só vez os taes versinhos imitados d'*Os Simples*, cheios de *balão, balão, belém, belém*, e outras gafeirices da especie.

É o ultimo poeta que temos de rapidamente notar; porém dá prazer ao critico

avistar-se com um homem destes, um integro, um nobre espirito de eleição. Deixou publicados, em poesia, os *Broqueis* e inéditos — *Pharóes* e *Ultimos Sonetos*. Devemos á delicadeza do sr. Nestor Victor, grande amigo do poeta e que se encarregou de publicar-lhe as obras postumas, a ventura de ler os manuscriptos do illustre morto, que nos é hoje plenamente conhecido. O que notámos de mais notavel nas poesias de Cruz e Sousa é facil de ser dicto em poucas palavras.

Em primeiro lugar, resaltam de todas as suas composições uma elevação d'alma, uma nobreza de sentimentos, uma delicadeza de affectos, uma dignidade de character que nunca se desmentem, nunca se apagam. Dahi, como segunda qualidade apreciavel, a completa sinceridade do poeta: este não faz cantatas a *condessas* e *duquezas*, nem entôa fingidas ladainhas a *sanctas*...

Inspirados pela natureza, pelo infinito scenario do mundo exterior, ou pelas peripicias da vida, pelos attritos da sociedade, ou pelas dôres intimas de seu coração, os seus versos são sempre simples, espontaneos, sinceros, como as confissões de uma alma limpa e digna. Nada de *pose*. Outra qua-



lidade da arte de Cruz e Sousa é o poder evocativo de muitas de suas poesias. Elle não descreve nem narra. Em phrases vagas, indeterminadas, aparentemente desalinhas, sabe, por não sabermos que interessante e curiosa magia, atirar o pensamento do leitor nos longes indefinidos, suggestionando-lhe a imaginativa, fazendo-o perder-se nos mundos desconhecidos, sempre melhores do que aquelles em que vivemos. Quem se quizer convencer leia em *Broqueis—Antiphona, Siderações, em Sonhos, Monja, Braços, Canção da Formosura, Lua, Tulipa Real, Vespéral, Turberculosa, Acrobata da Dôr, Angelus*; em *Pharóes* leia — *Piedosa, Olhos do Sonho, Violões que choram, Envelhecer, Lyrio Astral*; e em *Ultimos sonetos* especialmente — *Alucinação, Vida obscura, Gloria, Madona, da Tristeza, O grande momento, Voz fugitiva, Supremo Verbo, Bemdictas cadeias, A Harpa, Canção confiante, Crê, Alma fatigada, Flor nirvanisada, Crusada nova, Acima de tudo, Immortal falerno, Azas abertas, Velho, Eternidade, Retrospectiva, Alma mater, O Coração, Invulneravel, Lyrio luctuoso, Um Ser, O Grande sonho, Alma solitaria, Silencios, A Morte.*

A philosophia que transuda da poesia de Cruz e Sousa, é a de um triste, mas um triste rebellado; é o pessimismo, ultima flôr da civilização humana.

Elle é o caso unico de um negro, um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira. Mestiços notaveis temos tido muitos; negros não, só elle; porque Luiz Gama, por exemplo, nem tinha grande talento, nem era um negro *pur sang*. Assim outros. Soffreu os terriveis agores de sua posição de preto e de pobre, desprotegido e certamente, desprezado. Mas a sua alma candida e seu peregrino talento deixaram sulco bem forte na poesia nacional. Morreu muito moço, em 1898, quasi ao findar deste seculo, e nelle acha-se o ponto culminante da lyrica brasileira após quatrocentos annos de existencia. Fazemos votos para que lhe sejam publicados os ineditos e lido e estudado este nobre e vigoroso artista. Aqui não nos podemos alongar.

Como especimen de seu estylo, e para que seja bem distinctamente o ponto a que nos levou a evolução da lyrica, teremos de tambem citar um trecho d'este magno poeta.



E como cital-o é facillimo, porque tudo que deixou em verso é bom, não precisamos de ir além da primeira pagina de seu mais antigo livro *Broqueis*. E eis a *Antiphona* :

O' Fórmias alvas, brancas, fórmias claras
De luares, de neves, de neblinas! ...
O' Fórmias vagas, fluidas, crystallinas...
Incensos dos thuribulos das aras...

Fórmias do Amor, constellarmente puras,
De virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidias frescuras,
E dolencias de lyrios e de rosas...

Indefiniveis musicas supremas,
Harmonias da Côr e do perfume...
Horas do Occaso, tremulas, extremas,
Requiem do Sol que a Dor da Luz resume.

Visões, psalmos e canticos serenos,
Surdinas de orgãos flébeis, soluçantes...
Dormencias de volupicos venenos
Subtis e suaves, morbidos, radiantes...

Infinitos espiritos dispersos,
Ineffaveis, edénicos, aéreos,
Fecundai o Mysterio destes versos
Com a chamma ideal de todos os mysterios,



Do sonho as mais azues diaphaneidades
Que fuljam, que nas Estrophes se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o póllen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflamme a rima clara e ardente...
Que brilhe a correcção dos alabastros
Sonóramente, luminosamente.

Forças originaes, essencia, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse effluvio que por ondas passa
Do Ether nas roseas e aureas correntezas...

Crystaes diluidos de clarões alacres
Desejos, vibrações, ancias, alentos,
Fulvas victorias, triumphamentos acres,
Os mais estranhos estremecimentos...

Flôres negras do tédio e flôres vagas
De amôres vãos, tantalicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue abertas, escorrendo em rios...

Tudo ! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões chimericos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte !...



Sentimos nada poder dizer de muitos jovens poetas mais ou menos filiados á escola de Cruz e Souza,

Para findar : o symbolismo, nome por certo mal escolhido para significar a reacção espiritualista que neste final do seculo se fez na arte contra as grosserias do naturalismo e contra o diletantismo epicurista da arte pela arte do parnasianismo, é, nas suas melhores manifestações lyricas, uma volta, consciente ou não, ao romantismo naquillo que elle tinha tambem de melhor e mais significativo. No Brasil, porém, para que elle caminhe e progrida, será preciso que, deixando de lado as ladainhas de Bernardino Lopes e Alphonsus de Guimarães, deixando, em summa, as affectações d'*Os Simples*, prosiga na trilha que lhe foi aberta por Cruz e Sousa, não o Cruz e Souza, da prosa abstrusa do *Missal* e das *Evocações*, porém o Cruz e Sousa dos *Pharóes* e dos *Ultimos Sonetos*, e essa ha de ser uma das mais bellas porções da lyrica nacional, que irão ainda florescer nos primeiros annos do seculo que vai entrar. (1).

(1) Não esquecer que este ensaio foi escripto em 1899 para figurar no *Livro do Centenario*.



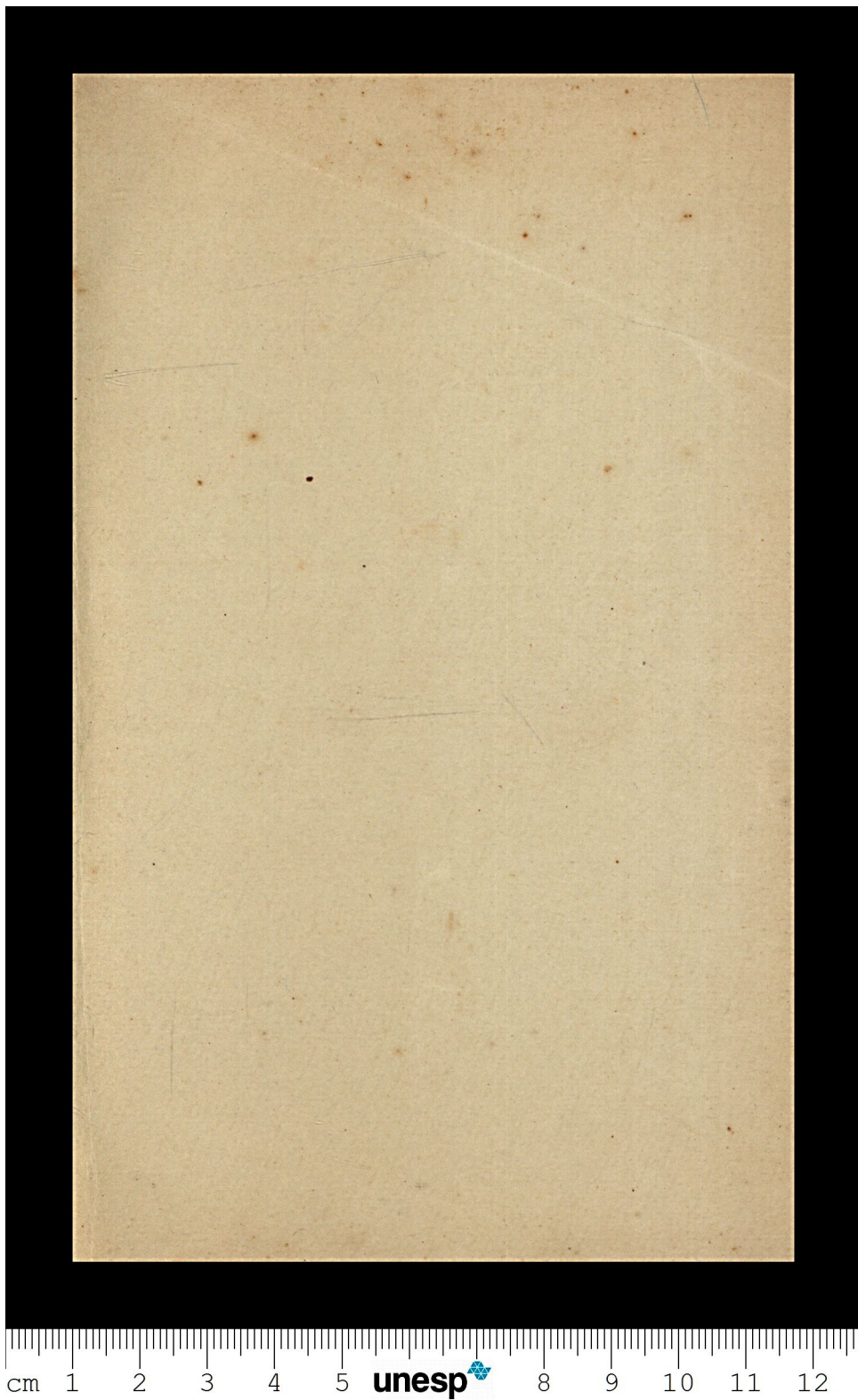
A synthese de tudo que ahi ficou escripto é facil de fazer : o lyrismo portuguez da epocha camoneana, passado ao Brasil, evoluiu em marcha crescente, tomando mais calor na intensidade e mais brilhos na fórma, até vir a constituir a expressão typica da esthesia nacional e tornar-se um dos mais perfeitos, si não o mais perfeito da America. O sangue africano e o indigena contribue muito para isso ; quasi todos os poetas de talento que deixamos citados são *mestiços* e, si não o indicamos sempre e sempre deante do nome de cada um, é porque ainda hoje, os preconceitos não o deixam fazer sem desgosto.

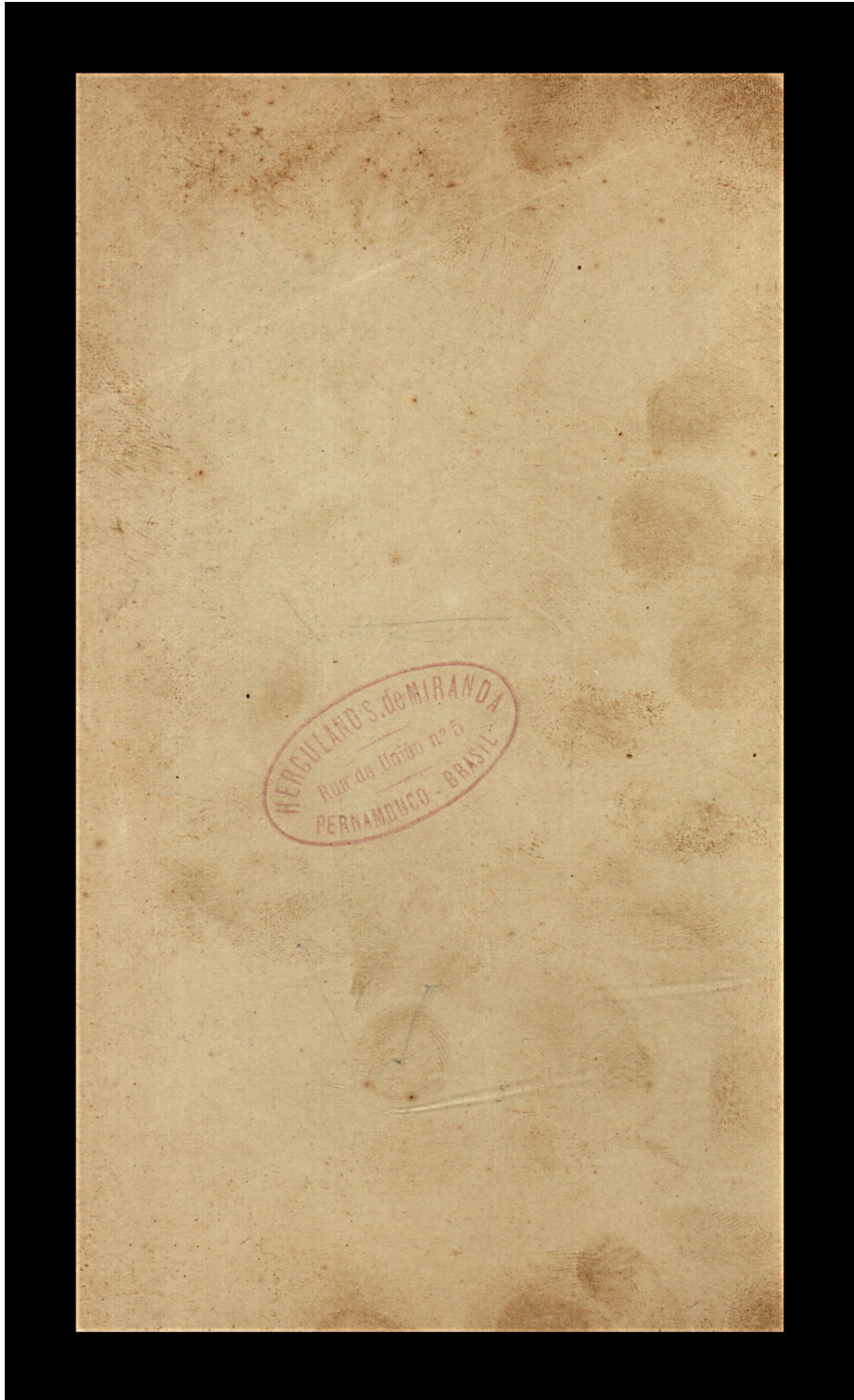
FIM



HERCULANO S. de MIRANDA
Rua da União nº 5
PERNAMBUCO - BRASIL







cm 1 2 3 4 5 unesp 7 8 9 10 11



09
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo ~~4445~~ 3899

Autor Romero, Silvio

Título Evolução do Lyrismo brazi

Classificação 869.910.9 leiro
R7630

TOMBO: ~~4445~~ 3899/87

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

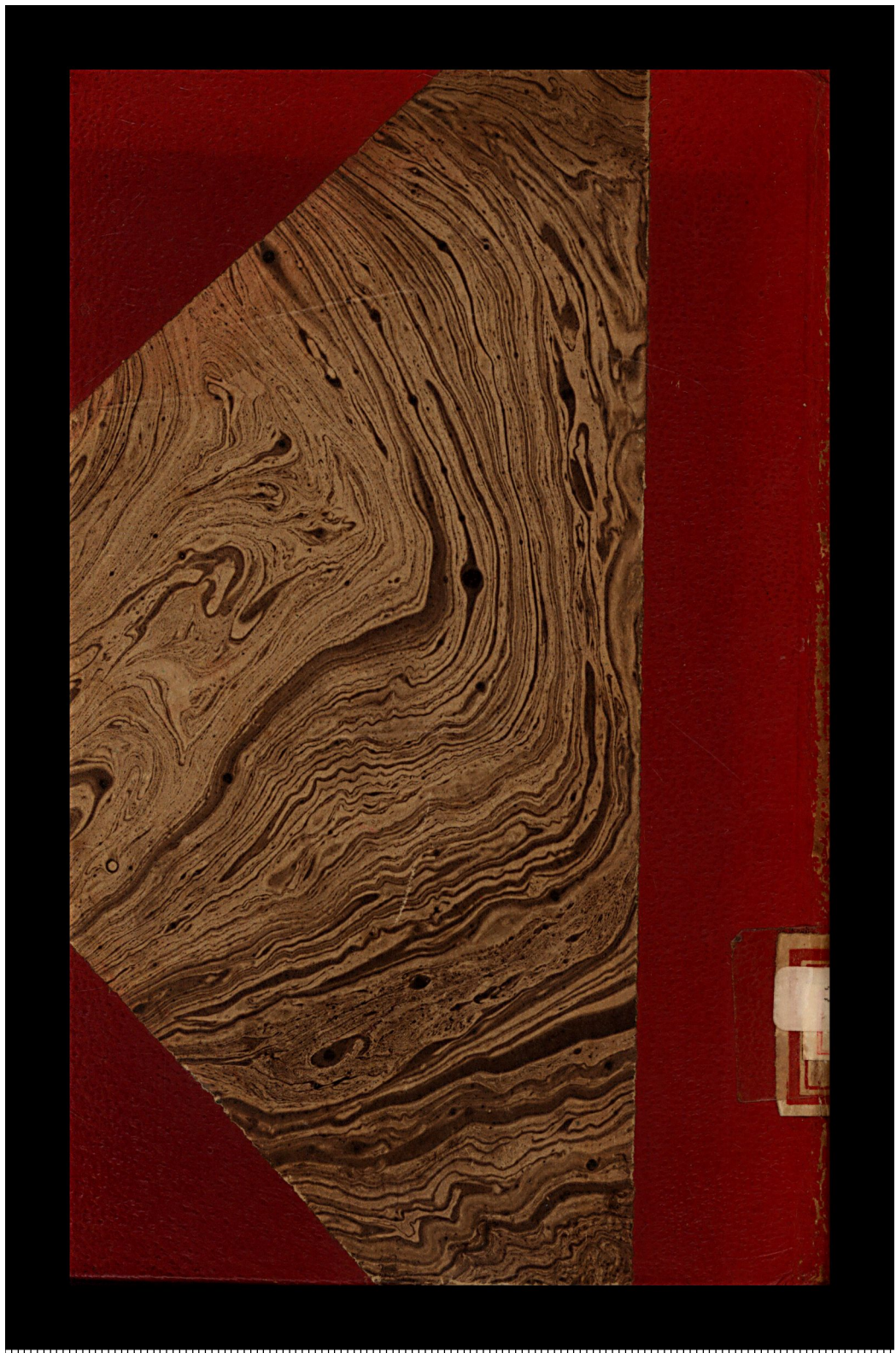
BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000





cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12 13